



TIAGO TORRES DA SILVA
Prémio Amália
com sabor a Nobel



CLÁUDIA CLEMENTE
Uma contadora
de muitas histórias

REVISTA DA SPA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (N.º 31 JULHO/SETEMBRO/2011)



**CONSAGRAÇÃO PARA
LUÍS FILIPE COSTA**
SPA CELEBRA
A CRIATIVIDADE
EM TEMPO
DE CRISE

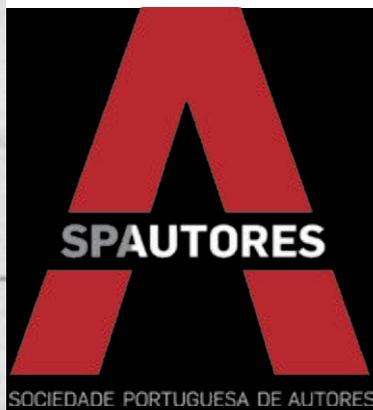


JOSÉ NIZA - SEMPRE CONNOSCO, MESMO DEPOIS DO ADEUS



MANUEL DA FONSECA
(1911-2011)

CENTENÁRIO DE UM GRANDE ESCRITOR



N.º: 31
Julho/Setembro 2011
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: José Jorge Letria

Direcção Executiva e Coordenação:
José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Textos: Administração e Direcção da SPA, António Torrado, Carlos Fragateiro, Edite Esteves, Frederico Delgado Rosa, José Jorge Letria, José Manuel Castanheira, Lucas Serra, Margarida Fonseca Santos e Yvette Centeno

Direcção de Arte e Design: José Maria Ribeirinho

Fotografia: Arquivo da SPA, Arquivo do Museu do Neo-Realismo, Alfredo António, D.R., Inácio Ludgero, José Pedro Santa Bárbara e Produção de "O Cônsul de Bordéus"

Design e tratamento de imagem:
JM Design&edições
www.jm-designedicoes.com

Propriedade:
Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31
1069-153 Lisboa
Tel: 21 359 44 00
Fax: 21 353 02 57
email: geral@spautores.pt
site: www.spautores.pt

NIF.: 500257841
ICS: 100206
Tiragem: 3000
Periodicidade: Trimestral
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:
António Coelho Dias, S.A.

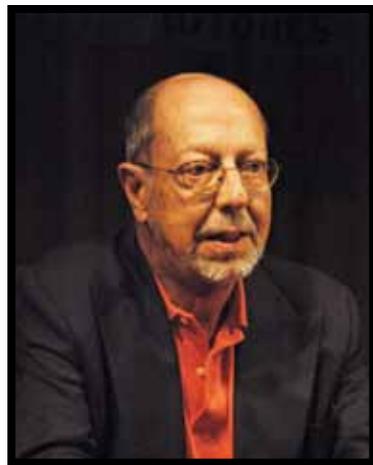
Depósito Legal: 224 872/200

SPA 86 anos

A nossa casa
A nossa causa

Sumário

A entrada em vigor de um **novo modelo de funcionamento da rede de delegações e correspondentes da SPA** em todo o país, a par da **operacionalização do novo sistema informático SGS**, são factores preponderantes, no entender dos responsáveis da SPA, para que esta entidade inicie um decisivo ciclo de modernização. De acordo com **diversos artigos e notícias publicados nesta edição**, mormente por parte da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, a



preocupação dominante da cooperativa é a agilização da gestão colectiva dos direitos de autor, cada vez mais difícil face ao grave contexto de crise que "gera, em cada dia, novas incertezas e dificuldades", e ainda às novas tecnologias, permissíveis à fuga do pagamento devido do "salário" dos autores. **Um artigo de fundo assinado por José Jorge Letria** dá, exactamente, a pensar aos leitores o percurso por que estão a passar neste momento o livro, os direitos e os suportes, e as dificuldades encontradas para ultrapassar as incertezas relativas a esta temática, que aflige as sociedades de autores por todo o mundo.

Aliás, o presidente da SPA aproveitou também a **cerimónia do 86.º aniversário da cooperativa e, simultaneamente, Dia do Autor Português**, para se debruçar, uma vez mais, sobre este preocupante assunto. Um extenso dossiê faz a cobertura desta festa de celebração dos autores. Para além do destaque dado às previsões do **III Encontro de Sociedades de Autores Lusófonas**, que irá realizar-se em Novembro em **Maputo**, esta Autores oferece duas grandes **entrevistas**: ao vencedor do Prémio Amália de Autoria de Letras para Fado, **Tiago Torres da Silva**, e a **Cláudia Clemente**, a jovem cineasta, dramaturga e escritora que arrebatou este ano o Grande Prémio de Teatro SPautores/Teatro Aberto. **A sentença que ilibou os réus do processo interposto por familiares do último director da PIDE**

por "alegada difamação a pessoa desaparecida" é assinalada de forma muito especial nesta revista; para um melhor conhecimento da causa, foi dada oportunidade ao advogado de defesa e director do Departamento Jurídico da SPA, **Lucas Serra**, aos réus **Margarida Fonseca Santos**, **Carlos Fragateiro** e **José Manuel Castanheira**, e ainda à testemunha **Francisco Delgado Rosa**, de expressarem a sua reacção em textos escritos pelos próprios. Entre os múltiplos prémios e homenagens promovidos pela cooperativa e recebidos pelos seus autores, é de salientar nestas páginas a atribuição da **Medalha de Honra da SPA**, a título póstumo, a **Alves Redol** e **Manuel da Fonseca**, por ocasião do centenário do seu nascimento, que se completou com uma **conferência** proferida por **Maria Alzira Seixo**. Espaço, igualmente, para a notícia da organização da **Gala do Fado**, que irá decorrer na **Aula Magna**, a 7 de Novembro. A Autores dedica também forte atenção à **gala de apresentação do filme português "O Cônsul de Bordéus"**, uma ficção em torno da vida de Aristides de Sousa Mendes, com argumento de **António Torrado** e **João Nunes**, realizada em Junho em **Bruxelas**, com a presença e participação do presidente da **Comissão Europeia, Durão Barroso**. Finalmente, entre **Os que Partiram**, lugar proeminente para **José Niza**, presidente da Assembleia Geral da SPA desde 2003 até à sua morte, algo inesperada, no dia 23 de Setembro.



COM A ENTRADA EM VIGOR do novo modelo de funcionamento da rede de Delegações e correspondentes em todo o território nacional e com a operacionalização do novo sistema informático SGS, a SPA iniciou um decisivo ciclo de modernização do qual irá depender, em larga medida, o seu futuro enquanto estrutura empresarial capaz de enfrentar os grandes desafios actuais, designadamente num grave contexto de crise que gera, em cada dia, novas incertezas e dificuldades.

A Direcção e a Administração da SPA estão conscientes da gravidade do momento que Portugal atravessa e da forma como a crise económica, financeira e social irá afectar severamente os consumos culturais e também a capacidade de cobrança dos serviços da cooperativa. A firmeza da resposta a esta situação de crise aguda já possibilitou a redução do seu impacto negativo, pelo que os números apurados nos permitem enfrentar com alguma serenidade os tempos que estão para vir. No entanto, tudo leva a crer que 2012 será bem pior que 2011, desde logo porque as medidas de penalização fiscal, os cortes nos orçamentos autárquicos e a diminuição do



O NOVO SISTEMA INFORMÁTICO, QUE JÁ ASSEGURA O FUNCIONAMENTO DE SECTORES VITAIS DA COOPERATIVA, E UMA PRESENÇA MAIS DINÂMICA E EFICAZ NO TERRENO SÃO AS REALIDADES EM QUE ASSENTA A NOSSA CONVICÇÃO DE QUE TUDO ESTÁ A SER FEITO PARA QUE, NO QUE NÓS DEPENDE, A INCERTEZA DO PRESENTE E DO FUTURO NÃO PONHAM EM CAUSA O AMANHÃ DA SPA E DOS MUITOS AUTORES QUE ELA REPRESENTA

uma nova imagem, mais moderna, abrangente e digna de confiança. Essa imagem é fundamental para que a presença da cooperativa na vida nacional conduza a uma defesa constante e intransigente dos interesses e direitos dos milhares de autores que representa. Qualquer sobressalto artificialmente criado poderá afectar irremediavelmente o esforço de recuperação e modernização em curso.

Os programas nas televisões e na rádio, bem como o novo portal da SPA, têm sido peças importantes de uma estratégia de comunicação que tem reforçado a credibilidade e a eficácia de um trabalho colectivo assente na coesão dos corpos sociais e numa informação constantemente partilhada com o universo dos cooperadores. Temos hoje uma SPA muito mais transparente nos seus procedimentos, muito mais aberta aos desafios e exigências da modernidade e muito mais direccionada para atrair novos associados e para procurar formas de negociação com os operadores que gerem receitas capazes de garantir a saúde financeira da cooperativa.

Porém, este esforço não produzirá todos os frutos desejados se o poder político não garantir a entrada em vigor no próximo ano de diplomas tão importantes como a nova Lei da Cópia Privada ou a Lei de Combate à Pirataria. Dos decisores políticos espera-se e exige-se que assumam os seus compromissos eleitorais nesta matéria e que tenham consciência de que a cultura pode e deve ser um elemento importante no processo de recuperação económica do país, posição de resto muito claramente defendida por entidades como a Comissão Europeia.

UMA SPA MAIS MODERNA E UNIDA PARA ENFRENTAR A DUREZA DA CRISE

poder aquisitivo da população em geral tornarão ainda mais difícil a intervenção da estrutura representativa dos autores portugueses.

O clima de pacificação alcançado entre os cooperadores na sequência do acto eleitoral de Dezembro de 2010, que consolidou a legitimidade da equipa dirigente, tem contribuído para que a SPA se apresente com crescente credibilidade e determinação junto dos usuários e dos operadores um pouco por todo o país. A SPA tem hoje

Esperam-nos momentos difíceis, que exigem, mais do que nunca, a unidade dos autores portugueses em torno da estrutura que os representa e que foi expressivamente legitimada pela vontade colectiva. Este tempo não pode ser de passividade e de resignação, devendo ser, pelo contrário, de mobilização de energias e de procura de novas soluções e respostas no plano empresarial. Tudo está a ser feito para que a SPA fique apta a ultrapassar as dificuldades que se avolumam dia-a-dia, com o indispensável empenhamento dos trabalhadores da cooperativa e dos seus delegados e correspondentes. Essa mobilização é real e essa vontade efectiva, pois todos têm consciência de que uma crise como aquela que o país enfrenta não se compadece com o esbanjamento de energias em questões acessórias. O essencial é, neste momento e mais do que nunca, aumentar as receitas, reduzir as despesas, agilizar os processos de facturação e cobrança e aumentar junto das forças policiais, das magistraturas e da população em geral a ideia de que sem autores não pode haver cultura e que a cultura e os seus criadores constituem uma parcela fundamental da nossa identidade colectiva e da

nossa capacidade de criar riqueza num país onde se encontra tão injustamente distribuída.

O novo sistema informático, que já assegura o funcionamento de sectores vitais da cooperativa, e uma presença mais dinâmica e eficaz no terreno são as realidades em que assenta a nossa convicção de que tudo está a ser feito para que, no que de nós depende, a incerteza do presente e do futuro não ponham em causa o amanhã da SPA e dos muitos autores que ela representa. As palavras de ordem são, nesta fase sombria da vida portuguesa e mundial, unidade dos autores, solidariedade com os que mais necessitam e concretização do processo de modernização em curso para que possamos, a médio e longo prazo, garantir que o esforço resultou e que tudo foi feito em nome daqueles que, criando, ajudam Portugal a não deixar morrer a esperança.

17 de Setembro de 2011

A Direcção e a Administração da SPA

ENSAIADO NO TERRENO DURANTE MAIS DE UM ANO E MEIO

NOVO MODELO DE REDE DE DELEGAÇÕES DA SPA PROPORCIONA MAIOR EFICÁCIA NAS COBRANÇAS

JÁ SE ENCONTRA EM VIGOR, desde o dia 1 de Junho, a nova estrutura da rede de delegações da SPA espalhadas por todo o País, com vista a proporcionar uma maior eficácia nas cobranças e a um estreitamento da relação dos delegados com a “casa-mãe”. “Este modelo foi pensado, estudado e ensaiado durante mais de um ano e meio, pelo que foram ponderados todos os prós e contras, na perspectiva da ligação desejável destas estruturas descentralizadas às novas questões que hoje se colocam à SPA, sendo sabido que as delegações e os correspondentes são a base das cobranças da execução pública e, portanto, a primeira linha da actuação da SPA no terreno”, explicou à Autores o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da cooperativa.

Até este momento, só havia dois delegados profissionais com vínculo à SPA: Carlos Nunes no Porto e Noel Bracinha em Leiria. Com este modelo ora adoptado passaram também a ter vínculo os delegados de Braga, Viseu,

Coimbra, Faro e Funchal, que deixaram de funcionar como comissionistas das cobranças efectuadas e passaram a ter um vencimento mensal e apoio logístico, quer no que se refere aos seus espaços de delegação, assim como a recursos tanto técnicos como humanos. De referir que só a delegação do Porto é que é propriedade da SPA, as restantes são alugadas. “Outra novidade foi a criação de uma delegação de Lisboa, que não existia, porque se considerava que a sede era também delegação”, salientou José Jorge Letria, justificando que esta é maior delegação do País e que tem a seu cargo a Área Metropolitana de Lisboa, o distrito de Setúbal e ainda dois distritos alentejanos.

Conseguir uma maior eficácia nas cobranças e um estreitamento da relação dos delegados com a SPA foram os objectivos de base que nortearam esta reestruturação. “Faço questão de destacar a grande disponibilidade dos delegados no que se refere à aceitação deste modelo que, à partida, podia não lhes suscitar

»





> NOVO MODELO DE REDE DE DELEGAÇÕES DA SPA

um particular entusiasmo”, referiu o presidente da SPA, fazendo questão de destacar que “a adopção deste novo modelo resultou de um elevado grau de compreensão de que estamos a viver tempos complicados e que é preciso arranjar novas soluções”.

REFORÇO DA PRESENÇA RESPEITADA DA SPA NO TERRENO

Aliás, a reunião com os delegados e fiscais a nível nacional, que já se realizou depois da entrada em funcionamento desta estrutura “revelou um elevado grau de satisfação, mobilização e criatividade”. Porque, segundo frisou José Jorge Letria, “com a crise que se está a viver, é preciso ser muito criativo para se ir buscar receitas” e, de acordo com as premissas desta nova estrutura, os seus “homens no terreno” têm mais possibilidades de “vestir a camisola” da casa.

José Jorge Letria diz que os responsáveis da SPA têm a noção que a entrada em vigor do novo sistema informático – o SGS – vai, também, facilitar bastante a actuação dos delegados, porque passam a operar com a base de dados mais alargada, dispõem de uma relação mais chegada à sede, porque estão em rede, e porque têm ao seu dispor processos de cobrança, já introduzidos no sistema, muito mais agilizados e práticos.

Longe de poderem fazer um balanço, porque o Verão é o período fundamental das cobranças com a realização de mais concertos e espectáculos de toda a ordem, “os indicadores que recolheram até agora mostraram já que este novo modelo está a dar provas de adaptação e, sobretudo, vieram mostrar que esta opção reforçou a presença respeitada da SPA no terreno”.

“Este novo modelo representa um passo muito importante na profissionalização em relação à rede das delegações”, relevou José Jorge Letria, referindo, a título exemplar, que os dois delegados que já tinham vínculo garantido tinham sido deslocados da sede e demonstraram que funcionavam muito bem, até com valores mais baixos que os comissionistas.

A SPA ainda está a estudar as soluções a adoptar para os Açores, que entrarão em vigor numa fase seguinte. Tinha delegações autónomas em Ponta Delgada, Angra e Horta, mas essa estrutura irá mudar. Há duas opções a considerar: ou serem acompanhados a partir do continente ou passar a haver um só delegado para todo o arquipélago.

No Funchal, o único delegado da SPA continuará,



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

devido ser reconduzido nos novos moldes. “Foi uma das medidas mais profundas e ambiciosas de reorganização que a SPA teve e que só pecou por ser tardia”, garantiu o presidente da Direcção e do Conselho de Administração. A Administração, quer a anterior, quer a posterior a 2003, não deu passos nesse sentido, houve uma acomodação à realidade existente, segundo o responsável máximo da SPA, para acrescentar, como justificação da tomada actual de posição:

“Tendo em conta a quebra profunda que houve ao nível da produção musical, que afectou a reprodução mecânica em cerca de 60 a 70 por cento, impunha-se uma solução para agilizar a execução pública, que é hoje a base do negócio da SPA.”

E afirmou mesmo, a concluir: “Estamos confiantes e acreditamos que há sociedades de autores estrangeiras que seguirão este caminho.” *Edite Esteves*

MODERNO SISTEMA INFORMÁTICO DA SPA “SÓ PECA POR SER INVESTIMENTO TARDIO”

“A SPA apostou muito tardiamente no investimento num sistema informático moderno e operativo, como é o SGS, já a funcionar numa primeira fase com bons resultados”, lamentou à Autores o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores. “Um erro e um atraso gravíssimo” que José Jorge Letria atribuiu à Administração anterior a Dezembro de 2003 e que, disse, “não teve desenvolvimento positivo com a Administração posterior, dado que a escolha do sistema SIGDA demonstrou não ser o adequado às necessidades da SPA”.

“De tal maneira” – especificou – “que, ao fim de mais de três anos e meio, ainda não tinha nenhuma valência essencial a operar, saldando-se por estes e outros motivos num fracasso que penalizou financeiramente a cooperativa e atrasou, durante anos, a modernização dos serviços”.

Esta responsabilidade, segundo asseverou o responsável máximo da SPA, “é, acima de tudo, imputável ao gestor deste projecto, que era o director-geral, o qual não esteve manifestamente à altura da situação, motivo pelo qual a sua colaboração foi dispensada, o que permitiu redução de um encargo mensal superior a 9000 euros”.

Enumerando ponto a ponto todas as valências e funções fundamentais do SGS e do ERP (sistema de complementaridade informático para a área da contabilidade e financeira), umas já a funcionar e outras previstas para daqui a muito pouco tempo, conforme se pode ler no comunicado que publicamos aqui junto e que pode ser consultado no Portal da SPautores, José Jorge Letria manifestou a sua grande satisfação pela vitória da modernidade por que tem vindo a lutar com o apoio da sua coesa e competente equipa:

“Com o novo modelo das delegações e com o SGS, a SPA entrou definitivamente num novo ciclo da sua história. Deixámos de estar a gerir

uma estrutura empresarial arcaica, lenta, pouco transparente e com uma cultura de empresa pelo menos 20 anos atrasada em relação às possibilidades e aos desafios de hoje. E isso só foi possível com uma estrutura de administração competente, profundamente conhecedora da realidade dos cooperadores e beneficiários e dos seus problemas e com capacidade de mobilizar os serviços e os seus dirigentes.”

É possível a venda de serviços

A partir do momento em que os autores membros da SPA passarem a ter acesso *online*



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

à sua conta corrente, a possibilidade de registo de obra e esclarecimento de dúvidas – aquilo que falta pouco para acontecer – “é sinal de que o progresso e a modernidade entraram na SPA”, disse, pomenorizando que “tal é fruto do grande esforço iniciado a partir de finais de 2007 e ainda em fase de concretização”.

Para além do sistema ter ainda a possibilidade já comprovada de permitir uma gestão mais desvolta dos recursos humanos da empresa (processamento de salários, por exemplo), José Jorge Letria

mencionou, com redobrado entusiasmo, uma valência muito desejável para a cooperativa, mas que, neste momento, ainda está a ser estudada. “Numa fase mais avançada” – revelou – “a SPA, além de melhorar o seu trabalho em rede com as outras sociedades congéneres, e estou a pensar, especificamente, no relacionamento com as sociedades lusófonas, pode chegar a uma fase desejável de venda de serviços”.

Por isso, remata: “Não se pode falar em modernidade e em futuro, se não se falar num sistema como este, que só pecou por vir mais tarde do que deveria vir.”

Edite Esteves

SGS JÁ GARANTE A MODERNIZAÇÃO E A AGILIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DA SPA

O SGS, sistema informático que suporta toda a área comercial da cooperativa, já garante a modernização e o aumento da eficácia dos serviços da SPA, facto com o qual a Administração muito se congratula, por estar ciente da sua importância fundamental para a vida da cooperativa.

Embora se tenha falado muito e até hoje em SGS, este é, fundamentalmente, um entre outros sistemas que compõem a nova estrutura informática que vai estar ao serviço da SPA nos próximos anos.

Encontra-se praticamente concluído o processo de instalação do novo sistema informático que já está a assegurar com êxito a modernização de serviços fundamentais da SPA. Entre outras valências e funções, o SGS vai contribuir para assegurar, até ao final de 2011, o serviço ‘online’ para cooperadores e beneficiários, e no primeiro trimestre de 2012, o serviço ‘online’ para clientes.

A SPA passa, por esta via, em 2012, a utilizar um sistema – o business intelligence – já considerado uma referência a nível mundial. Esta nova ferramenta informática vai tornar possível a tomada de decisões a partir da consulta de indicadores precisos e em tempo real.

Outra valência desta nova arquitectura informática reside no acesso à análise de custos por sector de actividade, cujas funções já se encontram instaladas e prontas a utilizar.

Por outro lado, o novo sistema possibilita a adopção de mecanismos que conduzirão a uma sensível redução de custos, bem como a realização de pagamentos através de multibanco, hoje já uma realidade, o funcionamento das Delegações, a centralização do licenciamento e as cobranças na Execução Pública.

Estão, entretanto, em curso os testes finais no que toca a estas funções, especialmente no atendimento ao cliente, que se encontrarão asseguradas na sua plenitude até ao final do ano. Esta valência do sistema SGS tornará possível uma melhor comunicação e partilha de informações com as sociedades congéneres, no contexto internacional.

Por último, a entrada em funcionamento pleno do SGS irá garantir serviços essenciais para a modernização da cooperativa e para a relação com os seus associados, colaboradores e clientes, com destaque para:

- > Portal de serviços ‘online’ para os assuntos da SPA;
- > Portal de serviços ‘online’ a clientes;
- > Portal para troca de informação, em tempo real em todo o território nacional;
- > Esclarecimento de dúvidas em tempo real;
- > Planeamento e sincronização de actividades.

O novo sistema informático ao serviço da SPA já é uma peça fundamental no processo de modernização da cooperativa e dos seus serviços e também uma forma de actualização e agilização do seu relacionamento com os cooperadores e associados, com as delegações entretanto reestruturadas, com as congéneres internacionais e com o público em geral. A Administração da SPA congratula-se com o facto de os esforços desenvolvidos terem permitido concretizar com êxito este projecto na sua quase totalidade, agradece aos dirigentes e funcionários que, de forma empenhada e competente, se envolveram na realização deste desígnio fundamental e manifesta a sua convicção de que o SGS deixa a cooperativa apetrechada para melhor poder enfrentar a gravidade da crise actual e os grandes desafios do futuro.

Lisboa, 15 de Setembro de 2011
O Conselho de Administração



III ENCONTROS LUSÓFONOS DE SOCIEDADES DE AUTORES EM MAPUTO

ESTRUTURA DE VERDADEIRA PROXIMIDADE ENTRE ASSOCIAÇÕES COM A MESMA ÍNDOLE

O III Encontro Lusófono das Sociedades de Autores irá realizar-se em Maputo (Moçambique), em Novembro deste ano, com organização a cargo da SOMAS (Sociedade Moçambicana de Autores), com o apoio da SPA. Este encontro dá continuidade à realização promovida pela SPA em Novembro de 2009 e que iniciou o ciclo de encontros anuais das sociedades de autores de língua oficial portuguesa.

No encontro que decorreu em Dezembro do ano passado no Rio de Janeiro participaram, para além das sociedades brasileiras e da SPA, as sociedades de autores de Angola, de Moçambique e de Cabo Verde, tal como já havia acontecido em Lisboa, para além de outras instituições, de algum modo ligadas aos direitos de autor e direitos conexos.

Recorde-se que a SPA foi pioneira deste projecto, tendo-se empenhado na sua concretização desde 2005. O I Encontro realizado na sede da SPA em 2009 possibilitou a constituição, ainda em fase informal, de um Comité Lusófono no seio da CISAC, conquista que se tornou marcante para as sociedades de língua portuguesa e que já teve expressão prática em diversas iniciativas bilaterais e multilaterais.

À semelhança do encontro do Rio de Janeiro, deverão ser debatidos em Maputo assuntos do interesse comum das várias sociedades, formas de intensificação da cooperação entre elas e ainda formas de apoio das sociedades com maiores recursos às que se encontram em situação de carência.

“Esperamos que os objectivos que norteiam esta iniciativa tenham continuidade e se traduzam no seu aprofundamento, já que se considera hoje que esta é uma realidade consolidada”, disse à Autores o presidente da SPA, referindo-se ao facto deste “ser um dos poucos contributos conhecidos a nível da lusofonia de criação de uma estrutura de verdadeira proximidade entre

estruturas com a mesma índole e objectivos comuns”. “A língua comum envolve, por sua vez, uma cultura comum e esta estrutura abarca mais de 200 milhões de pessoas pertencentes a grupos linguísticos afins e com afinidades a nível de literatura, música, teatro, cinema”, lembrou José Jorge Letria, para evidenciar o peso da sua criação e desenvolvimento, com vista à defesa da gestão dos direitos dos autores, tão ameaçados com as novas tecnologias e a intensificação da “pirataria”, principalmente na internet.

“Até agora, conseguiu-se uma grande paridade, não havendo hegemonia do mais forte”, fez questão de salientar o presidente da SPA, notando que, para além de cobrar e distribuir os direitos que aos autores são devidos e de haver um país como o Brasil que “contribuiu” com a maior “fatia” das pessoas que falam português, o facto destas estruturas de língua oficial portuguesa estarem unidas permite o incremento da solidariedade entre elas, do seu enriquecimento em termos legislativos e, conseqüentemente, dos autores que representam.

“Há que evitar que outros mercados entrem no nosso mercado”, sublinhou José Jorge Letria, ao exaltar as vantagens da união das sociedades lusófonas de autores. Destacando o apoio que a SPA disponibilizou, entretanto, para ajudar Timor a criar uma Sociedade de Autores (ver notícia noutro local), à semelhança das que já funcionam no âmbito destes Encontros Lusófonos, de que foi pioneira, José Jorge Letria disse acreditar que no próximo ano os IV Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores já contarão com a presença de um seu representante.

“Considero que a criação destes encontros é dos passos mais importantes que a SPA ajudou a dar no futuro mais recente e que não tem antecedentes”, afirmou, com orgulho.

Edite Esteves

NOVO FOLGO NA SOMAS

O novo secretário-geral da Sociedade Moçambicana de Autores, o jurista e músico Jaime Guambe (Mitó), eleito há um ano, ao fazer um balanço da sua governação, no passado dia 12 de Julho, anunciou o lançamento, em Setembro passado, de uma campanha nacional com vista à divulgação dos direitos do autor, organizada pela SOMAS, em parceria com a UNESCO.

Numa primeira fase, tal como explicou na ocasião, foram gravados vários spots publicitários contendo mensagens de consciencialização e sensibilização da sociedade em matérias ligadas ao combate à pirataria.

“Para além da gravação de spots publicitários, vamos colocar panfletos quase em todas as capitais provinciais e distritais com mensagens claras sobre a pirataria e os males que a mesma tem causado aos autores”, elucidou.

Ainda na esteira do seu balanço, Guambe fez menção às conquistas alcançadas pela agremiação que dirige nos últimos doze meses.

“Conseguimos trocar experiência com a Southern Africa Music Right Organization e estabelecemos diversos acordos de parceria na área da protecção de direitos do autor. Além disso, participámos, na terra de Robert Mugabe, de um encontro realizado pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual”, afirmou.

No entanto, apesar dos sucessos alcançados, a SOMAS depara-se ainda com vários desafios por ultrapassar, com destaque para a revisão do instrumento legal que defende os autores moçambicanos.

Ainda do rol dos desafios que caracterizam o dia-a-dia dos autores, segundo Guambe, constam o licenciamento das casas de pastos, hotéis, restaurantes e bares, por forma a usarem legalmente as obras dos autores. “Vamos realizar um encontro com os utilizadores, com destaque para os de rádios e televisões, no qual iremos traçar o nosso Plano Estratégico para o período 2010-2016”, frisou. Um dos objectivos do novo secretário-geral da SOMAS prende-se com a necessidade de incentivar a adesão de autores à associação. EE

REGRESSO DO IBBY A PORTUGAL TEM APOIO DA SPA

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL APROXIMA JOVENS DOS LIVROS

Uma reunião de quarenta especialistas na área da literatura infanto-juvenil foi o ponto de partida para a renovação da secção portuguesa do IBBY (International Board on Books for Young People), uma organização internacional de setenta países, empenhada na divulgação e promoção dos livros para jovens.

Entre muitas iniciativas de relevo, esta entidade sem fins lucrativos, fundada em Zurique em 1953, tem a seu cargo a atribuição do Prémio Christian Andersen, de grande prestígio internacional.

O grupo de trabalho saído da primeira reunião, realizada a 15 de Abril deste ano, ficou encarregado da legalização formal da nova associação, bem como da elaboração dos estatutos e da eleição da direcção, escolhida entre autores, professores, jornalistas e representantes da edição literária.

Na segunda reunião, realizada no dia 17 de Junho nas instalações da SPA e considerada a primeira Assembleia Geral do IBBY Portugal, foram eleitos os seus corpos sociais, discutiu-se a possibilidade de criar uma estrutura de sub-seções sectoriais, estimou-se a quota anual a pagar pelos respectivos membros e definiu-se, ainda, a necessidade de um programa de actividades a apresentar numa próxima reunião.

Na mesa desta Assembleia Geral estiveram presentes António Torrado, que tem livros seus incluídos, em 1974 e 1996, na Lista de Honra do IBBY, André Letria, Leonor Riscado, Maria Carlos Loureiro e Eduardo Filipe.

Cumpridos estes passos num curto espaço de tempo, a associação IBBY Portugal ficou em condições de marcar uma presença do nosso país no panorama internacional da literatura juvenil.

A SPA prontificou-se a prestar o apoio possível a este esforço de renovação.

Os membros das secções nacionais do IBBY incluem autores e ilustradores, produtores e editores, tradutores, jornalistas e críticos, professores, catedráticos e estudantes, bibliotecários e livreiros, trabalhadores sociais e pais.

Como uma organização não-governamental com estatuto oficial na UNESCO e na UNICEF, o IBBY tem um papel decisivo de advogado de defesa dos livros para crianças. O IBBY está comprometido com os princípios da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, ratificada pelas Nações Unidas em 1990. Uma das principais proclamações é o direito da criança à educação e o acesso directo à informação. Graças à insistência do IBBY a resolução incluiu um apelo a todas as nações no sentido de promoverem a produção e distribuição de livros para crianças.

O IBBY coopera também com muitas organizações internacionais e instituições de livros para crianças em todo o mundo e participa na Feira Internacional de Livros para Crianças em Bolonha, bem como noutras feiras internacionais do livro.

Para além da missão de aproximar os livros das crianças em todo o mundo, especialmente os livros de alta qualidade literária e artística, o IBBY proporciona igualmente apoio e treino àquelas pessoas que, de uma maneira ou outra, estão envolvidas com crianças e com literatura para crianças e estimula a investigação e os trabalhos académicos no campo da literatura para crianças. EE

SPA PREOCUPADA COM AS CONSEQUÊNCIAS DO PREVISÍVEL AUMENTO DO IVA

A confirmar-se o aumento das taxas do IVA, a Direcção e a Administração da SPA temem as consequências nefastas que essa medida de carácter fiscal, associada à redução da Taxa Social Única, poderá vir a ter no preço dos bens e dos serviços culturais e também num sector economicamente tão relevante como é o da restauração/hotelaria.

Com efeito, se a taxa do IVA vier a penalizar ainda mais estes sectores, poderemos assistir a uma significativa diminuição no consumo de bens culturais e a uma aguda crise no sector da restauração/hotelaria, que constitui o principal segmento da Execução Pública, área vital de cobranças da SPA.

Ao contrário do que está a acontecer na Irlanda, país também intervencionado pela troika, onde as taxas do IVA foram recentemente reduzidas, se em Portugal o preçário dos restaurantes e hotéis sofrer um agravamento resultante do aumento do IVA, é previsível que dispare o número de situações de insolvência e de desemprego, com a consequente dificuldade no pagamento dos direitos de autor relativos à música gravada e executada ao vivo.

Por outro lado, se a taxa do IVA vier a agravar o preço da comercialização dos bens culturais, é mais do que previsível que nos próximos meses, e designadamente no período do Natal, diminua significativamente o número de pessoas que compram livros e outros produtos culturais, com todas as consequências daí resultantes para os autores, para a SPA e para a chamada economia da cultura.

Por estes motivos, a SPA manifesta publicamente a sua preocupação com a possibilidade desta sombria perspectiva vir a concretizar-se e apela ao governo no sentido de que pondere, com a sensibilidade e o bom senso que a situação exige, as consequências de medidas de carácter fiscal que revelem ser injustas, assimétricas e pouco apropriadas para sectores já de si tão vulneráveis e deprimidos.

A SPA permanecerá atenta a estas situações, em nome dos cerca de 25 mil autores que representa, dando a garantia de continuar a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para defender os interesses e os direitos dos autores, da actividade criadora e da economia ligada à cultura.

*Lisboa, 11 de Agosto de 2011
A Direcção e o Conselho de Administração*



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

ASSINADO PROTOCOLO

COM A FUNDAÇÃO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

A SPA e a Fundação Centro Cultural de Belém assinaram no passado dia 7 de Setembro um protocolo de cooperação que define as regras de relacionamento das duas instituições nos próximos anos, designadamente no que se refere ao pagamento dos direitos de autor correspondentes a produções apresentadas pelo CCB e à criação de condições para que artistas portugueses das novas gerações encontrem naquele importante espaço condições de apresentação dos seus trabalhos, dando continuidade a uma prática já vigente.

O CCB é, como se sabe, uma pessoa colectiva de direito privado que se dedica à produção e realização de espectáculos de dança, música e teatro e à apresentação regular de grandes exposições representativas de vários domínios das artes visuais.

A SPA e a Fundação Centro Cultural de Belém mantinham há anos uma relação de diálogo e cooperação que, no entanto, carecia do suporte formal e regulador que o presente protocolo passa a ser. Recorde-se, entretanto, que desde 2009, a Gala do Prémio Autor se realiza anualmente, no mês de Fevereiro, no CCB, numa produção conjunta com a RTP que transmite o espectáculo através dos seus vários canais.

Este protocolo foi assinado, por parte da SPA, pelo presidente José Jorge Letria e pelo administrador José da Ponte e, por parte da Fundação Centro Cultural de Belém, pelo seu presidente António Mega Ferreira e pelo vogal da Administração Miguel Leal Coelho.

SPA E UNIVERSIDADE LUSÍADA

ASSINAM PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

A SPA e a UNIVERSIDADE LUSÍADA assinaram um protocolo de cooperação no passado dia 15 de Setembro. O protocolo, assinado pelo presidente da SPA, José Jorge Letria, e pelo presidente da Fundação Universidade Lusíada, Prof. Doutor Martins da Cruz, prevê um conjunto de acções em que as duas entidades poderão

conjugar esforços, designadamente o estudo de matérias relacionadas com o direito de autor, a participação da SPA numa pós-graduação naquela área, a preparação de edições sobre aquele domínio do direito e a troca regular de informações sobre todas as questões que envolvam os autores, a criação cultural e o direito de autor.

“Este protocolo aprofunda uma linha de acção da SPA que se traduz na colaboração regular com entidades externas à cooperativa que possam melhorar a qualidade da sua intervenção pública em defesa dos direitos dos autores portugueses”, salienta um comunicado do Conselho de Administração da SPA.

PENALIZAÇÃO PODE IR ATÉ À PERDA DE VÍNCULO À SPA

Aprovado regulamento específico para cooperadores que não cumprem regra de exclusividade contratual

Já depois da emissão do comunicado do Conselho de Administração da SPA que reproduzimos aqui junto e que constitui um derradeiro apelo para o cumprimento da regra de exclusividade contratual a que os cooperadores estão sujeitos, a Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores aprovou, na reunião da primeira quinzena de Julho, um regulamento específico para esta importante matéria, assunto de diversos alertas nos últimos meses.

“O regulamento vai ser acompanhado do levantamento muito criterioso e escrupuloso de todos os cooperadores que se encontram em situação de incumprimento, podendo a penalização ir até à perda de vínculo à SPA”, assegurou à Autores o presidente da Direcção. A situação atingiu este ponto drástico, segundo José Jorge Letria, porque a Direcção chegou à conclusão que a maior parte dos contratos de obras de literatura, audiovisual e teatro que os cooperadores, beneficiários ou não do Subsídio Estatutário, fazem não passa pelos

serviços da cooperativa, como deveria acontecer na sua totalidade, de acordo com o dever estatutário, que é bem explícito.

Os cooperadores que atingiram os 60 anos e sejam beneficiários do Subsídio Estatutário ficarão no primeiro plano da “objectiva” deste regulamento, para o cumprimento do qual, repete-se, será feito um levantamento minucioso de todos os prevaricadores. “Os seus nomes não irão ser divulgados”, garante o responsável máximo da Direcção da SPA, adiantando, no entanto, que os mesmos “irão receber cartas registadas”.

O regulamento prevê, assim, formas eficazes de detecção de exclusividade dos autores representados pela SPA, procurando, antes de qualquer punição mais radical, informar e esclarecer todos os que estejam nesta situação.

Segue-se o último comunicado feito antes da aprovação do regulamento específico. **EE**

NOVOS PROGRAMAS NA TV E NA RÁDIO DEPENDEM DE NEGOCIAÇÕES ANUAIS



As 26 sessões de “Autores”, magazine cultural da TVI24 programado com a SPA para as sextas-feiras naquele canal televisivo, chegam ao fim no início deste mês de Outubro. Por seu turno, regista-se também a suspensão temporária do apontamento diário “Notas de Autor” e do programa mensal “Direitos de Autor” em parceria com a TSF.

“Tudo leva a crer, no entanto, que os programas da SPA nos canais de TV, sejam eles quais forem, e na rádio irão continuar, dependendo

de negociações normais que decorrem todos os anos entre a nossa cooperativa e os operadores daqueles meios de comunicação”, garantiu à Autores o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores.

Ainda na última edição da revista, a propósito do início do programa conduzido por Paulo Sérgio dos Santos na TVI24, a 15 de Abril, José Jorge Letria admitiu que, com o propósito de garantir uma presença contínua nos meios de rádio e televisão o mais diversificada possível no espaço, sempre com qualidade, inovação e espírito de criatividade, “a cooperativa está aberta a todas as propostas”, dada “a visibilidade altamente positiva que temos tido”.

“A nossa presença regular, especialmente na televisão, tem contribuído para dar uma imagem nova da SPA, mais credível e inovadora, demonstrando que a cooperativa não é só uma sociedade que cobra e gere direitos de autor, mas que é um importante pólo gerador de conteúdos”, explicitou na ocasião. **EE**

GALA DA SPA NA RTP VAI TER CONTINUIDADE

A SPA assegurou junto da RTP a realização em 2012 da terceira edição da Gala do Prémio Autor, ficando assim assegurada a continuidade deste tão prestigiante evento para a SPA.

Também a RTP reconheceu a importância da colaboração neste domínio e a qualidade alcançada pela Gala no âmbito da programação do canal público da televisão portuguesa.

Na reunião mantida pela Administração da SPA com a Administração e Direcção de Programas da RTP foram analisadas outras formas de cooperação a concretizar no futuro e que visem a valorização do papel dos autores na vida cultural portuguesa.

Representantes da SPA e da RTP vão iniciar dentro de dias a preparação da Gala de 2012, momento cimeiro da vida da cooperativa dos autores portugueses e da programação da RTP.

*Lisboa, 4 de Julho de 2011
O Conselho de Administração*

DERRADEIRO APELO ALERTA INCUMPRIDORES

O Conselho de Administração da SPA constata que persistem várias situações de incumprimento, por parte de cooperadores, no que se refere ao dever estatutário de fazerem passar pelos serviços da cooperativa a totalidade dos seus contratos. Recorde-se que esse dever se encontra claramente consignado no número 2 do art.17º (Deveres dos Cooperadores) alíneas f),g),h),i) dos Estatutos.

Os Estatutos são bem explícitos a este respeito, determinando que o cooperador não pode “celebrar pessoalmente, ou através de representante ou mandatário que não seja a cooperativa, qualquer contrato relativo à utilização ou exploração” das suas obras.

O Conselho de Administração da SPA lamenta que, apesar dos apelos feitos durante o mandato anterior sobre esta matéria, continue a verificar-se que um considerável número de cooperadores, beneficiários ou não do Subsídio Estatutário, continua a não cumprir o que está determinado estatutariamente, representando essa atitude assinaláveis prejuízos para a cooperativa, que assim fica privada de cobrar as respectivas comissões. Esta atitude representa, igualmente, uma reproável quebra de solidariedade com os cooperadores que respeitam os Estatutos e com a cooperativa, particularmente na aguda situação de crise que estamos a viver. Mais grave ainda é a situação dos cooperadores que, tendo passado a usufruir do Subsídio Estatutário, deixaram de fazer passar os contratos das suas obras pelos serviços da cooperativa, procedimento que, além de ser ética e estatutariamente reproável, vem agravar os encargos decorrentes desta medida social.

Assim, o Conselho de Administração da SPA, em conformidade com o que declarou em comunicações anteriores sobre esta matéria, anuncia que vão ser adoptadas, de imediato, medidas destinadas a penalizar os cooperadores que reiteradamente não cumprem os Estatutos ao celebrarem os contratos das suas obras sem a intervenção dos serviços da SPA. Essas medidas irão afectar, numa fase inicial, os cooperadores abrangidos pelo Subsídio Estatutário que, comprovadamente, não respeitem o que está determinado estatutariamente.

Este anúncio, a que oportunamente se seguirá uma informação detalhada sobre os procedimentos que entrarão em vigor, constitui também um derradeiro apelo a todos quantos, tendo o dever de cumprir e respeitar as regras estatutárias, persistem em não o fazer, sejam quais forem as justificações apresentadas para tal atitude. Acresce sublinhar que os cooperadores que, de forma reiterada, não cumprem o que os Estatutos determinam, escassa legitimidade terão para se pronunciarem sobre a vida da cooperativa e sobre o seu futuro. O Conselho de Administração está convicto de que as medidas penalizadoras que vão entrar em vigor, por serem justas e legítimas, irão ser bem aceites, e mesmo louvadas, pela generalidade dos cooperadores da SPA.

*Lisboa, 9 de Junho de 2011
O Conselho de Administração*

FUNDO CULTURAL DA SPA APOIA MAIS DUAS DEZENAS DE PROJECTOS

A SPA deliberou apoiar a concretização de duas dezenas de projectos candidatos por outros tantos cooperadores ao Fundo Cultural.

O júri, após várias reuniões, atribuiu um valor global de cerca de 175.000 euros a projectos culturais provenientes das áreas da música, do audiovisual, da literatura e da dança. Esta intervenção do Fundo Cultural corresponde ao primeiro semestre de 2011, pelo que novos projectos virão a ser analisados e aprovados antes do final do corrente ano.

Recorde-se que as verbas constantes do Fundo Cultural são provenientes da cobrança da cópia privada, no âmbito da actividade desenvolvida pela AGE COP. Desde que a SPA começou a apreciar o apoio a projectos culturais apresentados pelos cooperadores, foram aprovados mais de oito dezenas, o que permitiu a um número significativo de criadores criarem as suas obras, na ausência de outros meios facultados pelo Estado ou por outras entidades vocacionadas

para o apoio à criação cultural.

Recorde-se que os projectos candidatos ao Fundo Cultural só poderão ser apresentados por cooperadores de qualquer área representada pela SPA e que, de acordo com o regulamento em vigor para este efeito, o valor máximo a atribuir a cada projecto não poderá exceder os 15.000 euros.

A Administração da SPA espera que a Assembleia da República e o Governo façam entrar em vigor a nova Lei da Cópia Privada, sem a qual a sustentabilidade e a continuidade do Fundo Cultural podem vir a ser postas em causa. Tenha-se presente que essa Proposta de Lei se encontrava concluída e prestes a entrar em fase de debate na Assembleia da República quando o anterior governo cessou funções.

*Lisboa, 19 de Julho de 2011
O Conselho de Administração*

SPA HOMENAGEIA EM NOVEMBRO O FADO, OS SEUS AUTORES E INTÉRPRETES

Dando sequência às galas de homenagem aos autores e intérpretes de diversas áreas musicais, a SPA porá este ano em destaque os nomes mais representativos da área do Fado, depois de, em 2010, ter homenageado os grandes nomes do Pop-Rock (ver caixa em entrevista de Tiago Torres da Silva, responsável pelo guião deste espectáculo). A gala que este ano distinguirá o Fado, os seus autores e intérpretes, decorrerá na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, no dia 7 de Novembro, com a participação dos nomes mais representativos desta área musical que tanto e tão merecido relevo está a ter na vida cultural e artística portuguesa e também a nível internacional.

Os nomes mais destacados da criação e da interpretação serão distinguidos nesse dia com uma placa de homenagem, no decorrer de um espectáculo que levará ao palco da Aula Magna alguns dos maiores nomes do Fado em Portugal.

Nos anos de 2012 e 2013 serão homenageados, respectivamente, durante o mês de Novembro, os criadores e intérpretes da música erudita e do jazz e os cantautores e nomes mais representativos da música tradicional popular.



*Lisboa, 16 de Agosto de 2011
O Conselho de Administração*

SPA CONTRA AUMENTO DA TAXA DE IVA SOBRE OS LIVROS



A SPA subscreve e reforça o apelo publicamente feito pelo comissário do Plano Nacional de Leitura, Prof. Fernando Pinto do Amaral, no sentido de que o governo assegure a manutenção da actual taxa de IVA de 6% para os livros, condição indispensável para que o acesso a este bem cultural não seja mais afectado do que já é actualmente.

Considera a SPA que, a ser aumentada essa taxa, a situação dos autores de livros e dos editores virá a tornar-se ainda mais problemática e insustentável do que é na actualidade.

Em comunicado recente, a SPA formulou idêntico apelo relativamente à taxa de IVA para a restauração e para os bens culturais em geral. Desta feita, trata-se de apelar aos decisores políticos para que compreendam, em particular, a gravidade da situação do sector da edição literária e evitem contribuir para o seu efectivo agravamento.

Tudo leva a crer que a dureza das medidas fiscais e de outras medidas de carácter económico e social, bem como o corte parcial do subsídio de Natal, venham a reduzir significativamente o poder aquisitivo dos consumidores em geral, o que se traduzirá numa inevitável redução do número de obras publicadas anualmente, das suas tiragens e, consequentemente, do montante dos direitos auferidos pelos escritores, tradutores, ilustradores e fotógrafos, entre outros, facto que muito preocupa a SPA, tendo em conta o número de autores que representa nesta área. Por este motivo, a SPA sublinha uma vez mais a necessidade de não se aumentar a taxa do IVA aplicado ao livro, opção que, a não ser feita, terá consequências muito negativas.

*Lisboa, 27 Setembro de 2011
O Conselho de Administração*

LIVRO DE URBANO TAVARES RODRIGUES LANÇADO PELA IMPRENSA NACIONAL E PELA SPA

No âmbito do protocolo celebrado pela SPA com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, acaba de ser lançado o livro "A Natureza do Acto Criador", de Urbano Tavares Rodrigues, resultante de um convite dirigido pela Administração da cooperativa àquele escritor, que é, há muito, cooperador da SPA. O livro, integrado na colecção "Olhares", da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, constitui uma meditação sobre o acto de criar, seja na literatura seja noutros domínios, e sobre o seu próprio percurso como escritor.

"Gostaria de acreditar que contribui, por pouco que fosse, para a transformação das mentalidades, no tocante a este e àquele estatuto da sociedade que procurámos desmistificar", escreve Urbano Tavares Rodrigues numa passagem de "A Natureza do Acto Criador".

Para além deste título e de outros publicados no passado mês de Maio, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda lançará, até ao final do ano no quadro desta parceria, volumes de teatro de Helder Costa, José Viale Moutinho e Álvaro Faria, estando previstas novas edições para o primeiro semestre de 2012, com destaque para uma obra com mais de 50 breves biografias de grandes autores portugueses já falecidos que foram cooperadores da SPA.

*Lisboa, 29 de Agosto de 2011
O Conselho de Administração*

DELEGAÇÃO DA SPA RECEBIDA NO MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Na sequência do pedido de audiência enviado pela Administração da SPA ao ministro da Economia, uma delegação da SPA foi recebida por responsáveis da Secretaria de Estado da Economia, no passado dia 31 de Agosto. Neste primeiro encontro, foram abordadas questões relativas à situação da agência *Portugal Music Export*, estrutura direccionada para o apoio à exportação da música portuguesa e para a qual o contributo da SPA foi decisivo, bem como questões relativas à importância da economia da cultura e à salvaguarda dos direitos e interesses dos autores num contexto de crise económica e das indústrias culturais. A Administração da SPA irá agora aprofundar essas questões no quadro das relações institucionais com as estruturas de decisão política. A delegação da SPA foi composta pelo director e administrador Pedro Campos e pelo membro da Direcção João David Nunes.

*Lisboa, 9 de Setembro de 2011
O Conselho de Administração*





JUSTIÇA FEZ JUSTIÇA AO ABSOLVER OS RÉUS DO PROCESSO DE “A FILHA REBELDE”

“A VITÓRIA MAIOR FOI O ENUMERAR DOS QUE SOFRERAM ÀS MÃOS DA PIDE”

FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

As lágrimas de emoção, alívio e contentamento que se soltaram dos olhos dos arguidos e de grande parte da assistência que encheu a sala da 3.ª secção do 2.º juízo do Tribunal Criminal de Lisboa, na tarde do dia 22 de Julho, misturaram-se com uma sentida e espontânea salva de palmas, no momento crucial em que o juiz do processo da adaptação teatral de *A Filha Rebelde* acabou de ler a sentença anunciando que os réus estavam absolvidos.

Margarida Fonseca Santos, Carlos Fragateiro e José Manuel Castanheira, todos cooperadores da SPA, respondiam desde o dia 3 de Maio à acusação feita pela família do último director da PIDE, major Silva Pais, pelos crimes de “difamação e de ofensa à memória de pessoa falecida”. A primeira, enquanto autora do texto que foi levado à cena em 2007, a partir do livro homónimo de José Pedro Castanheira e Valdemar Cruz, que narra a história de Annie, a filha de Silva Pais que se apaixonou pela revolução cubana, e os outros dois na qualidade de presidente e vogal da então direcção do Teatro Nacional D. Maria II, onde teve lugar a representação da peça, numa encenação da espanhola Helena Pimenta.

Volvidos 37 anos sobre o 25 de Abril de 1974, os presentes consideraram que “a justiça fez mesmo justiça” e que “prevaleceram os valores da liberdade, da democracia e da cidadania e da memória cívica”, conforme frisa uma nota emitida pela Direcção e Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, nesse mesmo dia.

“A RECONCILIAÇÃO COM A JUSTIÇA DEMOCRÁTICA”

“Este tem de ser entendido como o julgamento do 25 de Abril”, como muitos assinalaram, e “o momento da reconciliação da justiça democrática com a memória de Humberto Delgado”, de acordo com o testemunho do seu neto Frederico Delgado Rosa, pondo a claro publicamente “a escandalosa farsa que fora o julgamento e absolvição de todos os pides no Tribunal de Santa Clara em 1981, com excepção do bode expiatório, o réu revel Casimiro Monteiro, considerado em simultâneo autor material e único autor moral do crime.”

“O juiz sabia que estavam em causa os juizes salazaristas de Santa Clara, corroborados, ainda por cima, pelo Supremo Tribunal Militar em 1982. E o juiz de *A Filha Rebelde* soube agarrar a ocasião de uma

forma ímpar. Do meu ponto de vista, essa foi uma das consequências mais extraordinárias deste caso”, declarou à Autores Frederico Delgado Rosa, cujo depoimento no julgamento foi de uma subtileza tal que levou ao engano a acusação e logrou dar provas mais que suficientes ao tribunal para ilibar os réus.

Mas, para quem assistiu às 14 sessões do julgamento, que constituíram um verdadeiro “massacre” por parte da acusação, nomeadamente para a autora da adaptação, Margarida Fonseca Santos, “a vitória maior foram as alegações da defesa, em especial do director do Departamento Jurídico da SPA, Lucas Serra [a defesa de José Manuel Castanheira esteve a cargo do advogado do Teatro Nacional à época da representação, Vítor Ferreira], ao enumerar todas as pessoas que sofreram e pereceram às mãos da PIDE” e “o arrolamento de muitas testemunhas bem conhecidas que sofreram na pele as atrocidades perpetradas pelos pides” nos anos em que Silva Pais esteve à frente da polícia política do regime de Salazar.

“Houve uma generosidade excessiva no regime democrático em relação aos torcionários e aos pides”, admitiria no seu depoimento em tribunal, no dia 28 de Junho, o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria.

O visionamento da peça *A Filha Rebelde*, feito no tribunal na penúltima sessão do julgamento, constituiu uma das peças importantes da defesa. Por essa razão, e para que a memória do caso não se desfizesse após a leitura da sentença, a Associação Abril promoveu uma sessão para o visionamento público do DVD da obra, nas instalações da SPA, no dia 21 de Setembro, contando com as parcerias da Sociedade Portuguesa de Autores e do Grupo de Solidariedade com os réus do processo *A Filha Rebelde*, criado no Facebook.

Nesta sessão, Lucas Serra, que foi muito aplaudido, anunciou que “a memória deste processo não se vai perder”, porque “a SPA decidiu transcrever as principais peças do julgamento para livro, a ser publicado dentro de algum tempo”.

Entretanto, a Autores convidou também os principais intervenientes neste julgamento, todos eles, igualmente, autores literários, a redigirem um depoimento, resumindo a sua reacção face à sentença e ao processo em si mesmo. Aqui os publicamos *ipsis verbis*, sem mais comentários.

Edite Esteves



LUCAS SERRA

“O processo envolvia a memória do General Humberto Delgado”

“Tenho acompanhado, ao longo da minha vida profissional de quase três décadas, inúmeros casos judiciais que me marcaram profissionalmente. Vários ao serviço da SPA, desde aquele longínquo dia 18 de Dezembro de 1987, em que tive a primeira intervenção como advogado desta sociedade, no Tribunal de Castelo Branco, num caso de pirataria de cassetes. Nenhum, posso dizê-lo com toda a segurança, me marcou tanto como este. E acompanhei alguns processos cíveis que envolveram somas de milhões e processos criminais que representavam penas de prisão próximas do limite máximo.

“Este, embora com uma moldura penal que na prática ‘apenas’ poderia conduzir os meus constituintes a uma condenação em multa ou, no máximo, a uma ligeira pena de prisão, necessariamente suspensa, representou para mim uma enorme responsabilidade, que assumi inteiramente e me tirou muitas horas de sono. “Senti que estava ali, por um lado, a ser julgada a actual liberdade de criação cultural no confronto com um período em que a mesma não existiu e, por outro, a aflorar-se esse período negro da História de Portugal de que havia vestígios de saudosismo.

“Não era apenas a pretensa ofensa à memória de uma das mais sinistras personagens da ditadura, o responsável máximo da polícia política, o

pide Silva Pais. Este processo envolvia também a memória do General Humberto Delgado e o seu cobarde assassinato e conduzir-nos-ia, pela certa, ao julgamento, de má memória, dos assassinos, que tiveram aquele como seu chefe, realizado pelo Tribunal Militar de Santa Clara.

“ARROLARAM-SE TESTEMUNHAS QUE CONHECERAM O FASCISMO NA PELE”.

“O General Humberto Delgado é uma das figuras mais brilhantes da história rica de 86 anos da SPA (inscreveu-se em 1942). A sua memória, esta sim, boa, de grande combatente da Liberdade, tinha de ser eficazmente preservada. Ao mesmo tempo, teria de se aproveitar a oportunidade para, na medida do possível, ajudar à clarificação daquele triste episódio da nossa história, que não teve o tratamento adequado pelo referido tribunal.

“Para isso arrolaram-se testemunhas que conheceram na pele os horrores do fascismo e outros, mais novos, de que destaco o Prof. Doutor Frederico Delgado Rosa, que tinha efectuado uma brilhante biografia do seu avô. Todas as testemunhas, desde o Edmundo Pedro que passou dez anos em prisão preventiva, encarcerado no campo da morte no Tarrafal (e o referiu no Tribunal) aos Presidente e Vice-Presidente da SPA, José Jorge Letria e João Lourenço, ao seu Director António Torrado e ex-Director Rui Mendes, foram extraordinariamente eficazes no relato dos factos que presenciaram e nos conhecimentos que tinham dessa época.

“Quando assim é, o trabalho do advogado torna-se mais fácil. É apenas o de enquadrar os factos na moldura penal abstractamente aplicável. E a

partir do dia 22 de Julho de 2011, data da leitura da sentença, o sono regularizou-se (chamo a atenção para o facto de que no momento em que escrevo estas linhas ainda não se saber se a acusação vai ou não interpor recurso da decisão que absolveu os arguidos).”

MARGARIDA FONSECA SANTOS

“Precisávamos de desenterrar memórias mal resolvidas”

“Depois de dois meses e meio, catorze sessões e muitas horas em tribunal, chegámos ao fim deste processo iniciado em 2007. Mais importante do que isso, penso que se chegou ao início de um ciclo, em que a criação é um direito e não um risco, e onde a memória histórica deverá ser recuperada. Não foi fácil para nenhum de nós três, nem para as nossas famílias, nem para os advogados que tão bem nos defenderam. Contudo, sinto que o julgamento era necessário – precisávamos de desenterrar memórias mal resolvidas e de definir o que é de facto a liberdade de criação.

“Começo por citar de memória as palavras de José Jorge Letria: o interesse em pôr em cena um pedaço da História advém exactamente da possibilidade de revermos essa época através da opinião de quem a recria. Penso o mesmo – é assim que se provocam reflexões, debates e visões diferentes do mundo. Uma obra de arte é criada através da subjectividade do artista, filtrando a realidade, e reinventada pelo olhar subjectivo de cada espectador, filtrando essa

»



“A VITÓRIA MAIOR FOI O ENUMERAR DOS QUE SOFRERAM ÀS MÃOS DA PIDE”

realidade sempre que a observa. Ficcional a História, ficcionar uma vida, ficcionar um detalhe será sempre um desafio para quem cria e para quem assiste, mas um desafio que faz avançar o Homem.

“Relembro as palavras de Mário Vieira de Carvalho, quando, para exemplificar a diferença entre arte e ofensa, lembrou que sair à rua despido constitui um crime, mas representar completamente nu em palco não. Explicou que essa diferença reside na complexidade das regras de cada plano da sociedade – jurídico, político e estético. O julgamento teve o condão de trazer para a cena um amplo debate em torno da criação, o que foi muito interessante. Todos tivemos o direito de expressar as nossas ideias. E assim se avançou, nos três planos.

“RELEMBRÁMOS OS CONTORNOS DA LIBERDADE DE CRIAÇÃO”

“Ao longo das audiências ficou claro que, quer por parte da assistente quer da sua mandatária, existia um profundo desconhecimento de como se escreve, encena e produz uma peça de teatro, de como se caracterizam as personagens em meias frases, em silêncios, em subtexto. A forma como as palavras que escrevi foram reviradas e despedidas do seu contexto chocou-me. Foram trazidas para a queixa responsabilidades de encenação, cenografia e representação que me escapavam. Mas valeu a pena – falou-se muito sobre o teatro e a arte, mas sobretudo chamou-se a atenção para este plano fundamental da sociedade, o estético, e da sua influência no modo como crescemos em liberdade.

“A acusação quis separar a vida privada do Major Silva Pais da sua vida profissional,

dizendo que este não era um processo político. Contudo, não é possível pôr de parte a figura pública que foi, quando nessa função não respeitou a vida e as ideias de quem enfrentou a ditadura. Como poderia eu mostrar a relação entre pai e filha sem falar na vida pública de Silva Pais? Para mim, conhecer esta relação foi muito inquietante. Tornou-se claro que a responsabilidade de Silva Pais nos crimes cometidos pela PIDE não podia ser esquecida. E isto levou a que, na página 37 da sentença, aparecesse um parágrafo dizendo que esta figura pública deixou um património espiritual que é indissociável da circunstância de ter assumido as funções de Director da polícia política do Estado Novo. Era exactamente este conflito ideológico que tinha interesse – um pai na PIDE, uma filha no comunismo cubano.

“Tenho consciência de que, no caso Humberto Delgado, conseguimos com este julgamento suavizar as injustiças, dizer abertamente que o crime existiu e, na memória pública, repor a verdade e apontar o dedo aos responsáveis. Não vou esquecer a presença de Iva Delgado, nem de Frederico Delgado Rosa, nem a emoção dos dois ao ouvir a sentença. Não vou igualmente esquecer o momento em que o Dr. Lucas Serra, nas alegações finais, nomeou aqueles que morreram às mãos da PIDE durante a direcção de Silva Pais, frisando que estes eram apenas os que se conheciam, homenageando assim todos os outros. E não vou esquecer o Grupo de Solidariedade que nasceu no Facebook, criando um espaço onde as ideias, as memórias e a liberdade caminharam e caminham a par.

“Por tudo isto, não me canso de pensar – ainda bem que existiu este julgamento. Relembremos os contornos da liberdade de criação e

consolidámo-los. Relembremos os crimes da PIDE e não vamos permitir esquecê-los. Ainda bem...

“Queria deixar aqui um agradecimento sentido à SPA e ao Dr. Lucas Serra, pela minha defesa, e a todos os cooperadores que se juntaram a nós para fazer ouvir bem alto o que é criar. E um grande abraço a todos os amigos que testemunharam e nos acompanharam”.

CARLOS FRAGATEIRO

“Da violência da ditadura à manipulação em democracia”

“Aceitar que é importante olhar a realidade de múltiplos lados, não reduzindo a vida ao preto e branco, ao bom e ao mau, ao índio e ao cowboy, é por vezes muito difícil. Nas peças que produzi sobre a história recente de Portugal percebi, por um lado, como é difícil enfrentarmos a memória e nos seus múltiplos olhares, e, por outro, como é gratificante quando encontramos gente que está bem com a memória: alguns dos protagonistas da crise estudantil de 62 reagiram mal, enquanto Jorge Sampaio e Victor Wengorowius emocionaram-se a sério com o Navio dos Rebeldes; muitos dos amigos do Prof. Freitas do Amaral abandonaram a estreia do Magnífico Reitor sem um único aplauso e a correr; o embaixador Gonzaga Ferreira, que acompanhou a história da Annie em Cuba, enviou-me uma carta emocionada depois de ver *A Filha Rebelde*; Maria Barroso entusiasmou-se tanto quando o seu nome foi referido na Casa da Lenha, um espectáculo sobre Lopes Graça, que declamou da plateia, ao



mesmo tempo que o protagonista, um poema de Sidónio Muralha que ela interpretou em recitais com o Lopes Graça, num dos momentos mais emocionantes que vivi no TNDM II.

“Na verdade, o teatro não se limita a dar a visão do mundo que cada um de nós tem, dá uma visão dos vários olhares, holográfica, e daí a sua riqueza.

“ONDE ESTÁ O BEM E O MAL”

“Se na história de Silva Pais e da PIDE é fácil saber onde está o bem e o mal, a manipulação em democracia é muito mais perversa e difícil de combater. A farsa que foi o julgamento da morte de Humberto Delgado no Tribunal Militar de Santa Clara, como brilhantemente referiu o seu neto Frederico Delgado, é paradigmática de como uma sentença manipulada que absolveu os responsáveis da PIDE, acabou por ser o grande suporte da acusação. Acusação que recorreu ainda ao despacho da minha exoneração do Teatro Nacional, assinado conjuntamente pelo ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro, que foi Presidente do Fórum Justiça e Liberdades, e pelo secretário de Estado do Tesouro e Finanças, Carlos Manuel Costa Pina, actualmente a trabalhar para a Ongoing, para questionar a minha integridade, para mim o momento mais difícil do julgamento onde pude tomar consciência de como estes processos tinham tantas semelhanças.

“Este despacho, assente numa monstruosa mentira, como as conclusões da auditoria do Tribunal de Contas, publicada em finais de 2009, o demonstram, conseguiu destruir um projecto de internacionalização único. Entre 2007 e 2008, o TNDM II esteve em Madrid, Reims, Nápoles, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, a que se seguiriam Moscovo, Paris e

novamente o Brasil, tinha projectos com equipas da Europa, Brasil, Angola, Moçambique, Canadá e Goa, no que hoje seria uma Plataforma Internacional da Lusofonia, um instrumento ideal para corporizar as comemorações do Ano de Portugal no Brasil e do Brasil em Portugal já em 2012.

“Se em ditadura, tal como na história do Capuchinho Vermelho, é fácil detectar os Lobos Maus, em democracia os Lobos estão cada vez mais requintados ao travestirem-se de democratas e defensores das liberdades e dos direitos individuais de cada um.

“A nossa sobrevivência como país exige políticas de verdade e transparência, políticas avaliadas por equipas independentes que, no caso dos Teatros Públicos, deveriam ter como parâmetros: conceito e estratégia da programação, diversificação das propostas, criação de emprego, novos criadores, formação e internacionalização. Uma avaliação que deveria ser completada com a abertura de concursos públicos para a escolha dos seus directores artísticos, como de resto se faz nos países democráticos.

“Este é o meu desejo para o futuro.”

JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA

“Foi tudo tão massacrante!”

“A absolvição é e foi reconfortante. Mas não deixa de ser estranho que numa democracia que tanto custou (a alcançar), a Arte e os Artistas possam ser acusados e julgados por crime de difamação precisamente por ficcionarem (evidenciarem) alguns momentos (memórias) dessa ditadura de que se libertaram.

“Este julgamento, que se supunha ser do espec-

táculo, acabou por se centrar quase exclusivamente no texto de Margarida Fonseca Santos, foram muitas horas à volta de “abafe-me esse general”, “conceber essa monstruosidade”, “Spínola traidor ou não”... tudo tão massacrante, até para a assistência (imagino como o terá sido para a autora, que sofria sentada a meu lado no banco dos réus...).

“Uma vez mais importa vincar que, para a eventual discussão e análise, seria imprescindível analisar o espectáculo visto no palco do D. Maria. “Sempre o realcei no tribunal e, nessa medida, propus que fosse visionada a gravação vídeo, o que veio a verificar-se na penúltima sessão. Aí ficou claro que não se poderia prescindir nem da encenadora nem do próprio teatro onde foi exibido. O encenador é quem molda o texto e propõe uma visão própria. É isso que permite que de um mesmo texto se possam fazer versões distintas. Bem como os próprios actores que emprestam os seus dotes de expressão e em conjunto com demais equipa criativa dão a ver aquilo a que chamamos uma versão. E o teatro é quem proporciona o lugar e os meios para que tudo aconteça.

“Esta era, pois, uma versão que Helena Pimenta criou e dirigiu a partir da versão dramática escrita por Margarida Fonseca Santos que, por sua vez, usou o livro original *A Filha Rebelde* de José Pedro Castanheira e Valdemar Cruz como ponto de partida.

“A METÁFORA DO PILAR NA SALA DO TRIBUNAL”

“E que melhor metáfora para este processo absurdo do que o julgamento ter decorrido numa sala do tribunal (um auditório absurdo!!) com um largo pilar plantado no meio do espaço impedindo a todos uma boa visibilidade...»

impedindo uma visão clara das coisas... todos tiveram de optar por ver uns e não ver outros e assim cada um ver só uma parte dos acontecimentos... Curioso.

“Gostaria de agradecer a solidariedade que chegou espontaneamente de tantos amigos e colegas do meu país e também de Espanha, França, Itália e Brasil (incluindo directores de Instituições e Teatros Nacionais de outros países!

“A mensagem final de Marcel Freydefont e Raymond Sarti em nome da Associação de Cenógrafos de França resume um pouco as mensagens de todos ‘... a absolvição e a repulsa deste inaceitável processo família Silva Pais pertence à história e à arte do teatro e demonstra mais que nunca, nesta ocasião, o papel insubstituível do teatro numa democracia. (...) tudo isto e muitos outros factos formam as facetas delirantes e as tentações libertinas que ameaçam a Europa de hoje...’ “Uma palavra ainda para enaltecer o trabalho árduo e brilhante dos advogados Dr. Lucas Serra e Dr. Vítor Ferreira.”

FREDERIDO DELGADO ROSA

“O juiz soube agarrar a ocasião de uma forma ímpar”

“Foi na qualidade de biógrafo de Humberto Delgado, e porventura também de seu neto, que participei como testemunha no processo relativo ao caso *A Filha Rebelde*. Não assisti a nenhuma sessão anterior, respeitando assim a tradição da ‘clausura’ das testemunhas.

“Sei que as minhas respostas foram desconcertantes para muitos dos presentes. Foi especialmente o caso quando a advogada da acusação me perguntou o seguinte: ‘Se Silva Pais não tivesse morrido durante o julgamento, pensa que a Justiça o teria ilibado?’ Respondi: ‘Sem dúvida alguma’. Fez-se um silêncio na sala. A advogada terá até esboçado um sorriso de contentamento interior. Como se o lacerismo esvaziasse de significado acusatório as minhas palavras, relativas à escandalosa farsa que fora o julgamento e absolvição de todos os pides no Tribunal de Santa Clara em 1981, com excepção do bode expiatório, o réu revel Casimiro Monteiro, considerado em simultâneo autor material e único autor moral do crime.



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

“Contaram-me que, numa sessão ulterior, a minha resposta foi brandida pela acusação como um trunfo seu. Mas o juiz sabia o que ficara implícito. Sabia que estavam em causa os juízes salazaristas de Santa Clara, corroborados, ainda por cima, pelo Supremo Tribunal Militar em 1982. Era

o momento, a ocasião rara de reconciliar a justiça democrática com a memória de Humberto Delgado.

O juiz de *A Filha Rebelde* soube agarrá-la de uma forma ímpar. E esse foi, do meu ponto de vista, uma das consequências mais extraordinárias deste caso.”

SPA CONGRATULA-SE COM A DECISÃO DO TRIBUNAL QUE CONSIDEROU OS RÉUS INOCENTES

A Direcção e a Administração congratulam-se com a decisão do Tribunal Criminal de Lisboa, 3ª secção do 2º juízo, de absolver os réus Margarida Fonseca Santos, Carlos Fragateiro e José Manuel Castanheira dos crimes de “difamação e de ofensa à memória de pessoa falecida”, de que estavam acusados, pelo facto de ter estado em cena no Teatro Nacional D. Maria II a peça “A Filha Rebelde”, resultante da adaptação ao teatro feita por Margarida Fonseca Santos, cooperadora da SPA, do livro homónimo de José Pedro Castanheira e Valdemar Cruz.

A Direcção e a Administração da SPA consideram que foi feita justiça e que prevaleceram os valores da liberdade, da democracia e da cidadania e da memória cívica, 37 anos volvidos sobre o 25 de Abril de 1974.

A Direcção e a Administração da SPA tomaram a decisão de patrocinar a defesa de Margarida Fonseca Santos e do ex-Director do Teatro Nacional, Carlos Fragateiro, por considerar que estavam em jogo os valores da liberdade de expressão em democracia e também a memória e o respeito que são devidos à figura do General Humberto Delgado, que foi sócio desta cooperativa desde 21 de Dezembro de 1942.

Por este motivo, a defesa dos dois réus esteve a cargo do director do departamento jurídico da SPA, Dr. Lucas Serra. A defesa do ex-Director-adjunto do Teatro Nacional, José Manuel Castanheira, esteve a cargo do advogado do Teatro Nacional D. Maria II. A SPA agradece, na data em que é conhecida a sentença do tribunal, a todos os cooperadores e outras personalidades que, ao longo deste processo, manifestaram a sua solidariedade com os réus e com a memória cívica de que a SPA também é depositária. Muitas dessas pessoas estiveram presentes em sessões do julgamento.

Recorde-se que, mesmo durante os anos da ditadura, a SPA nunca deixou de se bater pela liberdade de criação dos seus autores, valor que esta sentença vem agora confirmar, dignificando ao mesmo tempo a Justiça Portuguesa.

Para os réus agora ilibados do crime que lhes foi imputado por familiares do Major Silva Pais, director da PIDE, até ao 25 de Abril de 1974, a Direcção e a Administração da SPA endereçam as suas felicitações solidárias, reafirmando a sua disponibilidade para continuar a assumir a sua defesa, se porventura tal vier a ser necessário.

Lisboa, 22 de Julho de 2011
O Conselho de Administração

"O SENHOR PUNTILA E O SEU CRIADO MATTI" FOI O MELHOR ESPECTÁCULO DE 2010

PEÇA ENCENADA POR JOÃO LOURENÇO DISTINGUIDA COM GLOBO DE OURO DA SIC



FOTO: RUI ANTUNES VALDIO - CARAS

Depois de Miguel Guilherme ter subido ao palco do Coliseu de Lisboa, no dia 29 de Maio, para receber o Globo de Ouro da SIC de Melhor Actor na categoria de Teatro, pelo

desempenho em *O Senhor Puntila e o Seu Criado Matti*, foi a vez de a própria peça, com encenação de João Lourenço, ser distinguida com o prémio de Melhor Peça/Espectáculo do ano passado.

Apreciador de bebida, Puntila sofre de dupla personalidade: quando está sóbrio é arrogante e egocêntrico, quando está ébrio é fraternal e compassivo. A história de *O Senhor Puntila e o Seu Criado Matti*, escrita por Bertolt Brecht em 1940, tem como pano de fundo uma vila finlandesa em pleno Verão. Contém a riqueza de reflexões maiores sobre o poder, a justiça, a igualdade entre os homens e a dependência, mas também um louvor aos prazeres da vida e à natureza. Ficha técnica: Versão: João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Dramaturgia: Vera San Payo de Lemos.

Encenação e realização vídeo: João Lourenço. Música: Mazgani. Cenário: António Casimiro e João Lourenço. Figurinos: Bernardo Monteiro. Coreografia: Cláudia Nóvoa. Supervisão audiovisual: Aurélio Vasques. Luz: Melim Teixeira. Actores: António Pedro Lima, Cátia Ribeiro, Carlos Malvarez, Carlos Pisco, Cristóvão Campos, Francisco Pestana, João Fernandez, Mafalda Lencastre, Mafalda Luís de Castro, Marta Dias, Miguel Guilherme, Miguel Tapadas, Patrícia André, Rui Morrison, Sara Cipriano, Sérgio Praia, Sofia de Portugal e Vasco Sousa.

Na mesma categoria estavam nomeadas as seguintes peças: *A Mãe* (encenação de Joaquim Benite), *Quixote* (encenação de João Brites) e *Uma Família Portuguesa* (encenação de Cristina Carvalhal).

COOPERATIVA RECEBIDA EM AUDIÊNCIA PELO PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA

O Procurador-Geral da República, Dr. Fernando Pinto Monteiro, recebeu em audiência, no dia 22 de Julho, uma delegação da SPA constituída pelo presidente, José Jorge Letria, pelo vice-presidente, João Lourenço, e pelo director do Departamento Jurídico, Dr. Lucas Serra, que lhe manifestaram as preocupações da cooperativa relativamente ao aumento da pirataria de bens culturais e ao número crescente de arquivamentos de processos por parte dos magistrados responsáveis pela sua instrução. O Procurador-Geral manifestou, uma vez mais, a sua sensibilidade relativamente à luta que os autores portugueses travam pela defesa dos seus direitos e mostrou disponibilidade para viabilizar acções de formação sobre esta matéria a desenvolver junto de magistrados dele dependentes. Por outro lado, salientou o facto de continuar a não existir na sociedade portuguesa uma atitude de reprovação ética dos crimes contra o direito de autor, o que faz com que o abuso e a prevaricação não sejam com frequência alvo de punição exemplar, perspectiva com a qual a SPA concorda. A delegação da SPA aproveitou ainda para informar o Procurador-Geral da República acerca de medidas que tem vindo a adoptar com o objectivo de dar resposta à crise que o país enfrenta e também com a finalidade de ajudar a criar uma nova mentalidade relativamente aos direitos de autor junto de vários sectores da população. A SPA, na sequência desta audiência, irá enviar ao Procurador-Geral da República uma proposta de acções de formação e esclarecimento que poderá ter concretização ainda antes do final do ano.

Lisboa, 22 de Julho de 2011
O Conselho de Administração

NO MOMENTO EM QUE O NOVO GOVERNO ENTRA EM FUNÇÕES

SPA SUBLINHA DE NOVO A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA CULTURA NA VIDA NACIONAL

A petição lançada em Maio pela SPA contra a despromoção da cultura do estatuto de ministério ao de secretaria de Estado recolheu, até ao dia 21 de Junho, mais de 4500 assinaturas, o que significa que um grande número de cidadãos e de autores em particular manifestaram livremente a sua opinião relativamente a um assunto que não deve deixar indiferentes os agentes culturais. Não se trata agora de lutar pela existência de um Ministério da Cultura, mas sim de exigir que a cultura tenha um papel estratégico na vida nacional.

Este número de assinaturas constitui a garantia de que o debate sobre as questões prioritárias da área cultural deverá prosseguir, designadamente na Assembleia da República, com particular incidência em assuntos como a Lei da Cópia Privada e a legislação de combate à pirataria, aos quais a SPA espera que o novo governo seja sensível, em nome dos interesses dos criadores nacionais.

No início de uma nova legislatura, a SPA, em coerência com o que tem sido a sua prática, irá continuar a bater-se para que aqueles diplomas fundamentais venham a ser promulgados, assegurando uma defesa efectiva do trabalho dos autores e dos direitos associados à sua actividade.

A SPA recorda, como de resto o fez, repetidamente, desde meados de 2010, que a superação da crise tem de passar, forçosamente, por um maior investimento na cultura, de forma a que ela possa gerar emprego, riqueza e maior visibilidade externa do País por via do trabalho dos seus autores.

À nova maioria responsável para a governação do País, a SPA manifesta a sua total disponibilidade para o diálogo, com a legitimidade que lhe é conferida pelos seus mais de 25 mil associados, e aguarda que os novos responsáveis políticos, desde o Ministério das Finanças até à Secretaria de Estado da Cultura, não deixem de ser sensíveis à importância estratégica que a cultura deve ter na vida nacional.

Lisboa, 21 de Junho de 2011
O Conselho de Administração

"ANSEIO ANTIGO

E COMPROMISSO ELEITORAL"

GRUPO DE TRABALHO DO FADO JÁ ESTÁ A FUNCIONAR NA SPA

"Anseio antigo e compromisso eleitoral da Direcção da SPA", que corresponde, aliás, ao significativo número de autores desta área de criação amplamente representada na cooperativa, já se encontra em funcionamento o Grupo de Trabalho para a Área do Fado, constituído formalmente no início do passado mês de Agosto. Integrado pelos autores Maria de Lourdes de Carvalho, José Luís Gordo e Tiago Torres da Silva, e pelos compositores e autores Pedro Campos, Tozé Brito e Carlos Alberto Moniz, o grupo decorre de uma emanação dos corpos sociais da SPA, à excepção do poeta para fados José Luís Gordo. À margem da Direcção que os elegeu por unanimidade, segundo referiu o presidente José Jorge Letria, o grupo recentemente criado na SPA "vai analisar as questões que têm a ver com os autores de fado, desde as casas de fados até à exportação", conforme se especifica no comunicado que a seguir transcrevemos. **EE**

NA PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLEIA GERAL DA SPA

RUI VIEIRA NERY OCUPA CARGO VAGO POR MORTE DE JOSÉ NIZA

Por morte de José Niza (ver em Os que partiram), presidente da Assembleia Geral da SPA, eleito em 15 de Setembro de 2003, e que viu esse mandato duas vezes renovado, o cargo ficou estatutariamente assegurado pelo cooperador Rui Vieira Nery, musicólogo, professor universitário e comissário da candidatura do Fado a património imaterial da humanidade, que foi até agora seu vice-presidente. Recorde-se que, enquanto presidente da Assembleia Geral da SPA, José Niza teve um papel de relevo no processo de mudança então desencadeado e no posterior esforço de credibilização e modernização da cooperativa, de que era associado desde Agosto de 1977.

CRIADO NA SPA GRUPO DE TRABALHO PARA O AUDIOVISUAL

A Direcção da SPA, por proposta do seu presidente, aprovou por unanimidade, na reunião ordinária do passado dia 30 de Agosto, a criação do Grupo de Trabalho para o Audiovisual, o qual deverá apoiar aquele órgão directivo na definição de políticas e tomadas de posição públicas sobre o sector. Este grupo de trabalho integrará, em número limitado, cooperadores representativos do sector, para além daqueles que já integram os corpos sociais em representação da área do audiovisual. Oportunamente serão anunciados os nomes dos membros deste grupo de trabalho que se deseja actuante a curto prazo.

Lisboa, 2 de Setembro de 2011
O Conselho de Administração

“Ter um prémio com o nome da **Amália** é o meu Nobel!”

Apenas com 41 anos e 21 de carreira, o jovem ficcionista, dramaturgo, poeta e letrista de canções Tiago Torres da Silva, que reparte o seu tempo entre produções em Portugal e no Brasil e ainda é membro da Direcção da SPA, acaba de “fechar um ciclo” na sua vida profissional, segundo confidenciou à Autores. Ao vencer o Prémio Amália 2011 pelo conjunto da sua obra como poeta de letras para fado, assegura que arrebatou o seu Nobel: “Foi o prémio que mais prazer me deu até hoje!”

FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO





ENTRE TUDO – FADO, MÚSICA POPULAR PORTUGUESA E MÚSICA BRASILEIRA PARA ONDE EU ESCREVO MUITO -, TENHO QUASE 400 LETRAS GRAVADAS

Que significado atribui ao Prémio Amália 2011 como poeta de fado anunciado a 25 de Julho, na Fundação Amália Rodrigues, e que o Tiago irá receber no próximo dia 22 de Novembro no CCB? Primeiro, achei muito surpreendente receber este prémio nesta altura da minha vida, porque eu tenho 41 anos e esta distinção, normalmente, é dada a pessoas com uma longuíssima carreira. De facto, tenho já 21 anos de carreira, mas espero, pelo menos, ter mais 21 à frente. Foi o prémio que mais prazer me deu até hoje! Já recebi muitos prémios por causa de uma letra, por causa de uma peça de teatro, agora pelo conjunto da obra, de toda a obra enquanto letrista de fado, é a primeira vez. Depois, porque ele é entregue alternadamente a compositores e poetas, o que ainda me agrada mais, visto que duplica o seu universo.

E a constituição do júri que lhe atribuiu esta importante distinção - constituído pelo compositor Fernando Machado Soares, pelo musicólogo Rui Vieira Nery, pelo jornalista Nuno Lopes, pelo músico Jorge Fernando e pelo membro do Conselho Geral da Fundação Amália, Álvaro Salles Lopes – também é relevante para si?

É um júri fantástico! E melhor: é um júri em que alguns dos membros nunca me viram e outros conhecem-me, mas não são meus amigos, logo não representa um favorecimento. Eu admiro o Jorge Fernando, o Rui Vieira Nery, o Fernando Machado Soares, o Nuno Lopes da Lusa, porque são tudo pessoas que estudaram muito o fado. Decidirem que eu, com esta idade, mereço este prémio, deixa-me sem palavras...

A Grande Noite do Fado já não é organizada pela Casa da Imprensa, como era hábito, mas sei que o Tiago participou, no final do ano passado no Teatro Tivoli, naquilo que poderá ser como que uma seqüela daquele popular evento, desta feita organizado pela Associação Renovar a Mouraria, e que também aí foi premiado.

É o Concurso Há Fado na Mouraria – Prémio Maria Severa, que se realizou pela primeira vez e pediram-me letras e algum apoio. Ganhei o prémio para a melhor letra inédita, mas comparando esse prémio, atribuído em Dezembro de 2010, que é apenas para uma letra, com o Prémio Amália,



agora recebido, que é para o conjunto da minha obra de letrista de fado, claro que este tem um sabor muito diferente! E vai ser muito difícil para mim ir receber o troféu ao CCB, porque a cerimónia é a 22 de Novembro, dia em que o meu pai faz anos e ele está muito doente. Vai ser difícil para mim, pois, em qualquer circunstância, vou dedicar-lhe este prémio, com certeza.

Faz ideia de quantas letras já fez para fado?

Entre tudo – fado, música popular portuguesa e música brasileira para onde eu escrevo muito -, tenho quase 400 letras gravadas. Mas nunca fiz a triagem de quantas letras de fado escrevi até agora. Só sei que são muitas.

Começou a escrever letras exactamente pelo fado, não foi?

Sim, sim. E isto tem um sabor especial para mim: não há Nobel que me saiba melhor do que este, porque é um prémio com o nome da Amália, com quem eu lidei muito nos últimos anos da sua vida e de quem fui amigo, para além de fã! Para mim, ter um prémio com o nome da Amália é o meu Nobel!

É a cereja no topo do bolo?

É engraçado, porque este prémio veio também numa altura em que o Carlos do Carmo gravou, pela primeira vez, um tema meu – o *Fado Alvim*, no disco Fernando Alvim. Mais: curiosamente, soube de outra coincidência interessante - que o Carlos do Carmo tinha sido o 100.º cantor a gravar um poema meu. Parece que há aqui um ciclo que se fecha. Eu sinto mesmo que, com tudo o que me está a acontecer, há uma passagem para um outro patamar, que eu ainda não sei qual é. Sinto que quase tudo o que eu queria me aconteceu...

O Tiago é uma pessoa muito intensa?

Sou, sou muito exagerado. Nos gestos, na forma de estar...

"ESCREVO SEMPRE PARA AS VOZES"

E é um repentista, segundo sei, nomeadamente, na criação das suas letras.

[risos] Se começar uma desgarrada numa casa de fados ninguém me vence. Há assim duas ou três pessoas que me acompanham – a Maria João Quadros, a Maria José Valério, a Cidália Moreira são muito boas – e andamos ali até os guitarristas desistirem. É muito fácil, principalmente na redondilha maior, que é o verso de sete sílabas. Isto na brincadeira. Agora, quando estou a escrever letras a sério, às vezes, levo dias a escrever uma só.

Como é o seu processo de criação? Costuma



EU SINTO MESMO QUE, COM TUDO O QUE ME ESTÁ A ACONTECER, HÁ UMA PASSAGEM PARA UM OUTRO PATAMAR, QUE EU AINDA NÃO SEI QUAL É. SINTO QUE QUASE TUDO O QUE EU QUERIA ME ACONTECEU...

começar pela letra ou prefere ter primeiro a música para criar a letra sobre ela?

Existem essas duas maneiras de fazer letras de canções, mas o que eu gosto mais é de ter a música primeiro. Porque a música me leva para lugares muito mais distantes de mim. Por outro lado, eu sou um letrista de vozes. Tenho que saber quem é que me vai cantar. Há muita gente que diz que eu sou o letrista das velhas.

Penso que é mais um letrista de mulheres em geral, não é? Os seus temas, a sua sensibilidade, parecem-me mais próximas do gosto de uma intérprete feminina.

Eu acho que me é muito mais fácil escrever para pessoas que já têm uma carreira grande e que já afirmaram muitas coisas. E não é porque eu goste mais delas, é porque já as tenho tão dentro de mim, já as ouvi tantas vezes, já sei os sons que ficam bem na voz delas, já sei que tipo de letra elas gostam de cantar - elas vozes. E sim, gosto mais de escrever para pessoas mais velhas. E depois também há um grão na voz mais velha, há uma coisa que me arrepiava imenso e a mim só me interessa o que me arrepiava na arte.

Vocês conversam muito antes e durante a criação da canção?

Eu converso muito. Mesmo quando não estou a escrever para eles, gosto de conversar com as vozes sobre nada. Ouvir para onde é que a banalidade os leva. Como é que eles transformam o dia-a-dia numa coisa única para eles. Porque eu acho que um cantor nunca sabe o que é que quer cantar. Sabe é, quando olha para uma letra, dizer "eu quero". O maior aplauso que eu tenho, e já tive esse aplauso várias vezes, é os cantores dizerem "se eu escrevesse, teria escrito isto". Agora, quanto aos homens e às mulheres, não é verdade isso.

Mas é um bocado diferente escrever para vozes femininas ou masculinas, não é?

Sim, mas o que acontece é que há muito menos homens a cantar no fado do que mulheres. Mas, por exemplo, eu escrevi muito para o Ney Matogrosso e é uma alegria escrever para

ele. Foi o primeiro cantor conhecido no Brasil que gravou coisas minhas, ainda ninguém me conhecia lá. Agora, houve um fadista jovem, o Marco Rodrigues, que me convidou para escrever algumas letras. E eu gostei tanto, que acho que estive ao meu melhor nível a escrever para ele. O que ele me disse foi tão verdadeiro, que eu encontrei o lugar para a voz dele em mim e estou muito satisfeito.

"VOU NUM RIO É A LETRA DA MINHA VIDA"

E quais são as letras que destaca mais do seu repertório?

Vou num rio é a letra da minha vida. Acho que, dificilmente, eu escreverei uma letra onde eu esteja tanto como nesta. Foi interpretada primeiro pela Anamar. E depois a Rita Ribeiro também a gravou, tal como a Nê Ladeiras.

Deve ser interessante e estranho, ao mesmo tempo, para si, ouvir uma letra sua cantada por vozes diferentes. Qual é a sensação?

É fantástico! Dizem-nos coisas completamente diferentes. Ao ouvir outra versão, penso "eu que escrevi isto, não tinha percebido o que ela me está a dizer". Porque quem canta, interpreta as coisas à sua maneira. E, por outro lado, aquilo ressoa na sua alma de outra forma. E, portanto, quando nos devolve, já passou um filtro qualquer, que nos pode dar significados absolutamente diversos do que nós inicialmente lhe demos.

É como se a canção deixasse de ser sua e para quem a escreveu para passar a ser de toda a gente e voltar a si "vestida" com outra roupagem...

Houve uma letra que eu escrevi, que se chama *Na Boca de Toda a Gente*, que a Linda Leonardo, que é uma fadista que não é muito conhecida, gravou, mas que não saiu em Portugal. Só saiu em Inglaterra. E eu não sei como, de repente, aquele fado começou a entrar pelas casas de fado adentro e, hoje em dia, não sei se há alguma casa de fado onde não se cante regularmente *Na Boca de Toda a Gente*. E eu isso acho extraordinário! É o povo a apropriar-se daquele fado. Alguém, de certeza, ouviu e começou a cantar. No outro dia, fui ao YouTube e há 27 fadistas diferentes a cantarem *Na Boca de Toda a Gente*. É incrível!

Consegue fazer canções para vozes diversas e para géneros diferentes com a mesma facilidade?

É essa maneira de eu escrever para vozes que me permite estar no fado com o mesmo grau de sucesso que estou na música brasileira. Porque, por exemplo, escrever para a Celeste Rodrigues ou escrever para a Daniela Mercury é completamente diferente. Eu acho que nós temos tudo em nós, temos é que encontrar o que é que em nós é Elba Ramalho e o que é que de nós é Tonicha,



FOTOS: ALFREDO ANTÔNIO

o que é que de nós é Carlos do Carmo e o que é que de nós é Maria Bethânia. Até porque não canto, sou um letrista de vozes. Nem sou um letrista de parceiros musicais.

Sabe sempre quem é que vai interpretar primeiro?

Noventa por cento das vezes, sim. Às vezes, acontece uma coisa que é uma pessoa que eu não admiro me convida para fazer uma letra.

Nesse caso, nega-se a escrever?

Já me neguei. Mas acho tão bonito as pessoas quererem cantar as minhas coisas que é uma ingratidão dizer que não. Por isso, eu tento sempre, se bem que, às vezes, não seja possível, porque aquela voz não me diz nada. Então, procuro um artista que seja parecido, mas que me diga alguma coisa. E mentalizo-me que vou escrever como se fosse para este. Já me aconteceu duas ou três vezes e os resultados foram bons.

"O MÚSCULO DA ESCRITA TEM DE ESTAR AFINADO"

E os conteúdos? São combinados? Ou é você, o

autor das letras, que se inspira em algo?

Eu não acredito no escritor, no artista que anda pela vida e que, de repente, vem um raio e lhe descarrega inspiração. Uma carreira não se faz assim. Faz-se com muito trabalho. É todos os dias sentar-me a escrever e muitíssimo do que escrevo vai para o lixo. Eu acho que é da continuidade do exercício que sai a obra, como qualquer atleta. Então, nós temos que ter o músculo da escrita afinado. E aí, então, a inspiração vem. Tal como



"HÁ MUITA GENTE QUE DIZ QUE EU SOU O LETRISTA DAS VELHAS. NA VERDADE, HÁ UM GRÃO NA VOZ MAIS VELHA, HÁ UMA COISA QUE ME ARREPIA IMENSO E A MIM SÓ ME INTERESSA O QUE ME ARREPIA NA ARTE

não acredito no escritor que não seja bom leitor.

E o Tiago lê muito? Que tipo de leitura o inspira mais?

Eu não sinto que haja uma inspiração directa do que leio para o que escrevo. Leio muito, vou muito ao teatro, vou muito ao cinema e é a soma dessas coisas todas. Não lhe sei dizer quem são os autores que mais me influenciaram ou influenciam. Sei quem foram os autores que mais me impressionaram. Claro que isso teve influência na minha escrita.

Nomeadamente?

O José Régio, o espanhol Ray Loriga, Samuel Becket, Clarice Lispector, o Fernando Pessoa muito, muito, muito. Mas eu acho que o Fernando Pessoa não dá para o fado! Há pessoas que o cantam, mas eu acho que o sentimento do Pessoa não serve ao fado.

Quem melhor serve ao fado para si?

Para mim, o Pedro Homem de Mello é o poeta que melhor serve ao fado. *Grande, grande era a cidade/E ninguém me conhecia...* Isto é fado até à décima quinta geração...



“O FADO PARECE QUE TEM VIDA PRÓPRIA”

O que é para si fado?

É engraçado: o fado tem uma coisa que o resto das músicas para onde eu escrevo não tem. O fado deita fora. A gente escreve uma letra e, de repente, há ali uma palavra que o fado diz “não quero esta palavra” e aquela palavra não serve para o fado.

É como um corpo estranho que é rejeitado.

O fado parece que tem vida própria e que nos diz “não aceito”. Expulsa-a. “Escusas de insistir”. Por isso eu acho que escrever para fado é como cantar fado: ou se tem ou não se tem aptidão.

Mas como é que lhe apareceu esse seu gosto de escrever para fado?

Eu não sei nada porque é que nós somos o que somos. Eu vim a escrever. Os primeiros versos que escrevi tinha 5 anos. Não sei dizer porquê. Nós somos cinco irmãos e não sei porque é que as minhas irmãs ouviam os Ramones [uma banda estadunidense de punk rock formada em 1974] e eu, com 6,7,8 anos, ouvia a Amália Rodrigues...

Não é lá muito normal...

Não é, mas eu não lhe encontro nenhuma explicação. E, não, não houve influência dos meus pais. Eles gostavam de fado, como gostavam de música francesa, por isso não era uma coisa que estivesse muito presente em casa. Agora, eu lembro-me de ser muito pequeno e estar a ver o Natal dos Hospitais na televisão à espera da Hermínia Silva e da Amália, que eram elas que fechavam sempre o espectáculo naquele tempo.

Realmente, a Amália arrepiava...

Nunca vi ninguém que arrepiasse tanto como a Amália! Tinha um carisma, uns silêncios... fundamental em fado. Ela sabia o tempo certo do silêncio. Tinha uma voz que tinha tudo o que é preciso. Tinha tudo o que servia ao fado.

“O ESPECTÁCULO INCRÍVEL COM BIBI FERREIRA NO BRASIL”

Na altura em que teve oportunidade de privar com a Amália, o Tiago fazia letras para ela?

Eu fiz algumas letras que ela escolheu e depois o Carlos Gonçalves [guitarrista e compositor que acompanhou Amália um pouco por todo o mundo] ficou com elas para musicar, mas as coisas foram mais rápidas do que se pensava e ela já não as gravou. Depois, quando eu fiz a vida da Amália, *Bibi vive Amália*, com a Bibi Ferreira, no Brasil, em 2001, foi o Carlos Gonçalves que eu levei comigo. Isso foi também um presente



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

incrível para mim! Nunca tinha dirigido um espectáculo no Brasil e sou convidado logo, nada mais nada menos, pela Bibi Ferreira, que é a rainha do teatro no Brasil. Foi daquelas experiências em que já se passaram dez anos e eu ainda me belisco a pensar se terá sido verdade.

Mas esse espectáculo – “Bibi Vive Amália” - também veio cá a Lisboa, ao CCB, e teve grande êxito. Sim, mas primeiro estive numa tournée enorme

no Brasil – lembro-me que fomos ao Teatro João Caetano, que é um teatro enorme no Rio de Janeiro. Íamos fazer três sessões e fizemos ainda mais 18 extras. Foi uma loucura! Um período muito feliz!

Esse foi o seu primeiro impacto artístico com o Brasil?

Não. Já tinha canções gravadas e tinha levado lá uma peça de teatro minha: *É o Mar, Alfonsina, é o Mar*, que foi encenada por mim e por José Neves, um monólogo inspirado na vida de Alfonsina Storni, com estreia durante a Expo 98 e que representou Portugal no Festival de Teatro, em Curitiba, em 1999. A peça começou a sua vida na Expo 98, em Lisboa, foi para o Festival de Curitiba, foi para São Paulo e para o Rio de Janeiro, teve críticas extraordinárias – no festival de Curitiba a crítica considerou-a o melhor espectáculo, e isso abriu imensas portas. Até porque na estreia no Rio de Janeiro, estava toda a gente do teatro e aquilo gerou muito boa vontade em torno de mim. A peça foi mesmo muito bem recebida. A peça é baseada longinquamente na vida de Alfonsina Storni, que é uma poetisa argentina que eu gosto muito, que morreu no mar. Depois, há uma



EU ESCREVI MUITO PARA O NEY MATOGROSSO E É UMA ALEGRIA ESCREVER PARA ELE. FOI O PRIMEIRO CANTOR CONHECIDO NO BRASIL QUE GRAVOU COISAS MINHAS, AINDA NINGUÉM ME CONHECIA LÁ



EU NÃO ACREDITO NO ARTISTA QUE ANDA PELA VIDA E QUE, DE REPENTE, VEM UM RAIO E LHE DESCARREGA INSPIRAÇÃO. UMA CARREIRA FAZ-SE COM MUITO TRABALHO

canção linda que se chama *Alfonsina e el Mar*, que a Mercedes de Sosa gravou. Sempre achei aquela uma das mais belas canções de sempre, que diz que a Alfonsina foi ter com os cavalos marinhos - *Caballos marinos harán / Una ronda a tu lado*. É lindo! Para mim, é o meu melhor texto de teatro e o melhor espectáculo que fiz até hoje. E só me deu alegrias.

Mas sente-se melhor a fazer letras para fados, para canções e para marchas ou a escrever teatro, ou a encenar as suas peças, ou a escrever ficção?

Eu quando estou muito tempo a fazer teatro, aborreço-me e quero fazer música, e quando estou muito tempo a fazer música, aborreço-me e quero fazer teatro.

“O TEATRO DE REVISTA TEM DE SER REPENSADO”

E conjugar as duas vertentes?

Faço, já fiz, escrevi várias revistas para o Parque Mayer, nomeadamente *Preço Único*, *Mamã Eu Quero* e *Hip Ho’parque*, já fiz uma comédia musical no Villaret, o ano passado fiz um drama musical (autoria e encenação) *Vozes de Trabalho* no Trindade com o Carlos Mendes, a Tonicha, a Filipa Pais, a Lourdes Norberto, Cecília Guimarães e Joana Negrão, entre outros, que unia o teatro à canção.

Esse é o ideal para si: unir o teatro à canção? Ou prefere separá-los?

Não, eu não gosto de teatro musical. Gosto muito mais de comédia ou drama. Drama, especialmente. Mas gosto muito de escrever para revista. E, infelizmente, hoje há poucas oportunidades. É um lado meu que me interessa. Acho que o teatro de revista tem um papel incrível, em termos sociais. Os nossos governantes dão-nos razão para escrever todos os dias uma revista nova. É a voz do povo. A forma que ele tem de reagir, de protestar. Claro que tem de ser repensado, pois continua com um figurino antigo. Há quem ache que o teatro de revista só fazia sentido quando havia censura, mas, hoje em dia, há milhões de censuras. Há a censura do politicamente correcto, há a censura do financiamento... Gostaria até de participar desse movimento de renovação da revista.

Em relação à autoria e à encenação teatral, o que é que gosta mais?

Gosto mais de encenar textos meus do que de outras pessoas, porque posso desrespeitar o autor. Normalmente, enceno só as minhas coisas, mas a última peça que encenei, por exemplo, foi no Teatro Aberto, o *Álbum de Família*, do Rui Hebron, que foi Grande Prémio de Teatro SPAutores / Teatro Aberto 2010.

Agora, o que é que está a fazer?

Agora, estou só a escrever letras de canções e talvez um romance novo. Eu digo talvez, porque eu nunca sei se os acabo. O meu primeiro livro, uma narrativa publicada pela Quetzal, em 1999, *Um s a mais*, é das coisas de que ainda hoje me orgulho.

E poesia?

Tenho só um livro editado em 1990, porque a minha poesia começou a ter esta utilidade. Deixei de escrever quase poesia não cantável. Por acaso, nos últimos meses, tenho voltado a ela. Mas sabe que, muitas vezes, vem-me uma história à cabeça e eu começo a escrevê-la e é ela que escolhe se quer ser teatro, ou se é um conto, ou poesia, é a própria história que no seu decorrer escolhe a forma a tomar. Eu nunca na vida pensei que podia ter uma vida tão boa! Nunca sonhei que pudesse ser tão boa!

Mas, curiosamente, o Tiago é engenheiro zootécnico.

Eu fui tirar um curso apenas porque me diziam que não era possível ser escritor, eu tinha de ter uma profissão, tal como também mais tarde, todos os meus colegas me disseram que era impossível fazermos carreira no Brasil.

“FUI PARA O BRASIL COM INTENÇÃO DE ME MISTURAR”

Mas você é uma das exceções.

Eu acho que é por causa da atitude com que eu fui. Porque cheguei ao Brasil com a intenção de me misturar e não de ir mostrar e impor os meus conhecimentos extraordinários... Há muitos portugueses, mais talentosos que eu, que chegam lá a acharem que nós somos donos da língua. Eu, pelo contrário, comecei a usar a gíria brasileira. Por exemplo, fiz em 2005 um disco com a Olívia Byington todo com letras minhas, entre elas *Areias do Leblon* e *Guarda a Minha Alma*, onde participa a Maria Bethânia, e as críticas não acreditaram que as letras tinham sido escritas por um português.

Quando foi para o Brasil foi para fazer algum projecto especial na música?

Eu já tinha algumas parecerias via internet, mas foi com aquela peça de teatro – *É o Mar*, *Alfonsina*, é o *Mar* – que tudo começou. Porque eu estive lá algum tempo e comecei a fazer parcerias. E depois houve esta oportunidade do Ney Matogrosso querer gravar uma coisa minha (já gravou, entretanto, cinco). Agora, há dois ou três meses, a Maria Bethânia veio fazer um *Especial Portugal* ao Coliseu, porque veio receber a Medalha de Mérito da Cidade de Lisboa, e depois no palco disse: “eu acho que recebo esta medalha pelo amor que tenho aos poetas portugueses” e elegeu cinco ou seis e eu estava lá... Eu não podia sonhar com tanto!

Mas ainda tem sonhos por concretizar, certo?

Há quatro ou cinco pessoas no Brasil que gostaria muito que cantassem coisas minhas. A cantora que eu mais gosto no Brasil, que é a Gal Costa, nunca gravou nada meu. E é a cantora que eu conheço há mais tempo, foi a Amália que nos apresentou. Já falei com ela, mas ainda não aconteceu. Gal, Caetano, Chico, Elsa Soares e Simone, estes cinco são os que faltam para o meu ramalhete.

E em Portugal?

Em Portugal quem eu adoraria que ainda gravasse uma coisa minha seria a Simone de Oliveira. É uma cantora com impressão digital.

“A ÚLTIMA MUDANÇA NO FADO FOI O ALAIN COM A AMÁLIA”

O fado, neste momento, está a aparecer muito na televisão. Necessariamente, por causa da candidatura do fado a património imaterial da humanidade pela UNESCO?

Pois, talvez por isso. Talvez também porque há uma geração muito vibrante de fadistas.

Acredita que o fado tem mudado muito?

Eu acho que o fado mudou muito, mas a última mudança foi o Alain Oulman com a Amália. Desde então, há pessoas mais talentosas, pessoas menos talentosas, mas uma revolução no fado não houve depois de Oulman. Houve a da Amália com o Frederico Valério, que trouxe o fado-canção para um lugar que não tinha, e depois a parceria com o Alain, que trás os grandes poetas portugueses em peso, apesar da Amália já cantar o *Pedro Homem de Mello*, o *David Mourão-Ferreira*... Acho que isso foi uma diferença qualitativa no fado enorme, se bem que, para os puristas, isso não seja fado.

Há pouco tinha-lhe perguntado o que era para si fado e, agora, volto então à pergunta.

Eu, para mim, o que me importa é ficar arrepiado. E a Amália a cantar a *Gaivota*, com música de



Alain Oulman e poema de Alexandre O'Neill!! Aliás, eu admito sempre este meu fascínio pela Amália, mas acho que as pessoas têm de procurar as suas próprias verdades, as suas próprias alegrias, as suas próprias dores, porque as dores da Amália eram dela. E a Amália é a Amália, não é o fado.

As pessoas, sobretudo lá fora, caracterizam os portugueses pelo fado, no sentido da tristeza que ele emana.

Mas eu acho que o fado não é triste. Também é triste. O fado é o destino que nós quisermos e lhe dermos. Aliás, a gente via, no espectáculo da Amália ela tinha 300 anos num fado e a seguir tinha 12 num outro. Eu acho que as pessoas pintaram o fado só de preto, mas ele tem muito mais cores.

"A GRANDE ARTE TEM SEMPRE UM PÉ NA RUA"

Quando escreve letras para fado, escreve para músicas geralmente tradicionais?

Eu gosto muito de escrever para fados tradicionais. Mas o principal no fado é que, quando o fado acaba, o público tem de ter entendido o que

é que se disse. Tem de contar uma história. E, por outro lado, o fado pode tirar um pé da rua, mas não pode tirar os dois. Um deles tem de ficar na rua. E quando as pessoas tiram os dois pés da rua, na minha opinião, já não é fado. Há um pé que tem de ficar na rua, porque o fado é uma canção do povo, nasceu na rua. É claro que o fado pode tirar um pé da rua e tirou com os grandes poetas, mas o outro ficou lá e ficou muito bem.

Mas eu acho que esses grandes poetas tinham um pé na rua.

Também. Acho mesmo que a grande arte tem sempre um pé na rua. Eu não sou fundamentalista do fado, como, aliás, a minha carreira assim o diz, gosto de muitas outras coisas. É o caso da Maria Benasarte, uma espanhola que, em 2009, gravou um CD de fados tradicionais e eu escrevi em espanhol para esse projecto, o Todas las Horas son Viejas. Poemas em espanhol para melodias tradicionais portuguesas de fado é uma abominação para os fundamentalistas do fado.

O que diz José Vieira Nery a isso?

Mas o Nery, por exemplo, foi um dos jurados

que me deu o Prémio Amália deste ano...

Pode-se viver somente da autoria de letras e de textos?

Pode-se. Mas eu também penso que uma classe não se pode fazer só das pessoas que estão no topo. Eu sou um dos letristas com mais trabalho em Portugal. Se para mim é difícil, como é com os outros? Penso que tem de ser repensada a forma como os autores são ressarcidos, neste momento em que, por força das novas tecnologias, da internet, do digital, os direitos de autor nos escapam. Porque sem cultura não há país nenhum.

Essa é, de resto, uma das grandes batalhas por que está a passar a SPA.

Acho que os nossos governantes têm de perceber que é pela cultura que nos podemos diferenciar e que a cultura portuguesa pode ser a chave de saída da crise, quer na sua exportação, quer na importação turística. E temos que pensar isso muito rapidamente, porque nós temos um parceiro que fala a mesma língua que nós, que é o Brasil, que tem 180 milhões de habitantes! Nós temos que dar as mãos depressa ao Brasil, antes que outros dêem. *Edite Esteves*

GALA DO FADO TEM GUIÃO DE TIAGO TORRES DA SILVA

VAI SER UM GRANDE ESPECTÁCULO COM 40 INTÉRPRETES DE TODAS AS GERAÇÕES

O que é que podemos esperar da Gala do Fado, que a SPA vai promover no dia 7 de Novembro na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, na sequência do que já fez o ano passado com a Gala de Homenagem ao Pop-Rock?

Sou eu que vou escrever o guião da Gala do Fado e espero que seja um sucesso como foi a que homenageou os intervenientes no Pop-Rock. Mas é uma coisa muito diferente, porque o Pop-Rock foi uma festa e isto é um espectáculo, com as pessoas sentadas e muitos fadistas. É um espectáculo na Aula Magna com o público sentado. Não vai ter aquela alegria de encontro e troca como houve no Pop-Rock, vai ser um espectáculo formal. Com uma série de fadistas a cantarem, com uma série de autores a serem homenageados, e uma série de instrumentistas também. Espero que vá ser bonito. Temo é que o espectáculo seja comprido de mais, pois são 40 intérpretes! Tem que se dar grande dinamismo. E é preciso fazer participar uma geração mais jovem.

Vai intercalar intérpretes mais jovens nesta gala? Não vai ser só uma homenagem aos mais velhos?

O espectáculo vai abarcar todas as gerações. Os intérpretes vão da Celeste Rodrigues e da Argentina Santos até à Carminho. Eu acho que vai ser engraçado, porque, a par dos jovens fadistas, as pessoas vão poder estar com a Tereza Tarouca, a Maria da Fé, a Beatriz da Conceição, gente que, se calhar, já não vêem há muitos anos. A primeira pessoa que cantou uma coisa minha foi a Teresa Tarouca. Há 15 anos que ela não canta e a Argentina Santos, a última vez que cantou foi na festa do Rodrigo. *EE*

A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA

CULTURA



MINISTRA DA CULTURA ENVIA MENSAGEM DE AGRADECIMENTO À SPA

“Uma menção especial de reconhecimento institucional pela sua incansável acção”

No dia em que se comemora o Autor e o 86.º aniversário da Sociedade Portuguesa de Autores, é com alegria que me associo às duas efemérides.

Faço-o na convicção de que, cada vez mais, se tem vindo a consolidar na sociedade portuguesa a importância da valorização do labor dos criadores intelectuais e a consciência que dele resulta uma cadeia de valor de enorme importância, quer para os autores, quer para a economia dos países que a sabem reconhecer e proteger.

Num tempo de permanente diálogo e encontro de cultura à escala mundial, emergiu com redobrado sentido a consciência de que a afirmação de cada povo se faz hoje, sobremaneira, a partir do respeito e da valorização das obras culturais, dos agentes que as produzem e das condições que permitem o seu reconhecimento pelo público. Trata-se de um compromisso com os autores que nos responsabiliza a todos, e nos deve motivar a assumir na plenitude estas novas perspectivas, de modo a criarmos os instrumentos que viabilizem e aprofundem o papel da cultura portuguesa no mundo, com o justo reconhecimento dos seus criadores.

Neste processo, o papel da Sociedade Portuguesa de Autores tem sido incontornável, sendo justo e merecida, neste seu dia de aniversário, uma menção especial de agradecimento e reconhecimento institucional pela sua incansável acção.



JOSÉ JORGE LETRIA ALERTA PARA TEMPOS DE DESAFIOS E COMBATES E EXORTA À UNIDADE DOS AUTORES

“VAMOS MOSTRAR QUE TUDO VALE A PENA QUANDO A OBRA NÃO É PEQUENA”

A SPA COMEMORA HOJE, com dois dias de antecedência pelo facto de 22 de Maio ser um domingo, o Dia do Autor Português, que é também o dia do 86º aniversário da casa dos autores portugueses.

Este é um dia de festa, porque nele se comemora a longa caminhada da SPA desde 22 de Maio de 1925 e também a criatividade de sucessivas gerações de autores portugueses que, durante décadas de ditadura e já nas condições de liberdade e democracia criadas pelo 25 de Abril, nunca deixaram de engrandecer a cultura portuguesa com a sua música, os seus livros e peças de teatro, os seus filmes, as suas encenações e coreografias ou os seus quadros e esculturas. Por isso, este dia do ano é e será sempre um dia de festa e de celebração do potencial criador de homens e mulheres que dão prestígio, visibilidade e grandeza à nossa cultura, dentro e fora de Portugal.

Mas este é, também, um dia de preocupação natural e legítima com a situação que Portugal vive e que, inevitavelmente, se irá repercutir na vida dos autores portugueses e na instituição que os representa.

É mais do que certo que a crise que assola o país se irá reflectir nos consumos culturais dos portugueses e, também, na capacidade de cobrança de direitos por parte da SPA. Por isso mesmo, a cooperativa dos autores portugueses, num quadro de unidade

reforçado com o acto eleitoral de 6 de Dezembro de 2010, tudo está a fazer para enfrentar com êxito os desafios e as contrariedades que um contexto tão sombrio forçosamente coloca no nosso caminho. Temos equipa, temos vontade, temos experiência, temos um desígnio que nos move e responsabiliza.

A SPA tudo fará no sentido de que,



reduzindo despesas e aumentando as cobranças, seja possível continuar a garantir a recuperação financeira da cooperativa, a manutenção dos seus postos de trabalho e o êxito do processo de modernização encetado nos últimos anos e que tem como ponto cimeiro a

instalação plena de um novo sistema informático, moderno, polivalente e capaz de assegurar a agilização dos procedimentos e métodos desta estrutura empresarial, que envolve mais de 150 trabalhadores, para além dos delegados e correspondentes espalhados desde o Norte do país até às suas Regiões Autónomas.

Este é, pois, um tempo de desafios

e de combates, que assumem uma magnitude nunca antes conhecida pelo facto de, tanto no plano nacional como internacional, a gestão colectiva do direito de autor estar a enfrentar ameaças e ataques difíceis de imaginar ou de prever há cinco ou

seis anos atrás.

Com efeito, os poderes políticos nacionais e internacionais tendem, com raras e honrosas excepções, a privilegiar os consumidores em detrimento dos autores, partindo do errado pressuposto de que dando razão aos consumidores-eleitores estão a cumprir da melhor maneira a sua função. Acontece, porém, que, ao adoptar esta posição, enfraquece a produção cultural nacional e, consequentemente o contributo da cultura para a desejada recuperação económica do país, uma vez que diminuem os postos de trabalho, bem como a riqueza que as indústrias culturais geram, mas também a receita fiscal, para já não falar da forma como este processo empobrece a coesão nacional e a visibilidade externa do país.

Por este e por outros motivos, a SPA assume o público compromisso de, seja qual for o governo resultante do acto eleitoral de 5 de Junho, mobilizar todas as suas energias para que entrem em vigor a nova lei da Cópia Privada e a lei do Combate à Pirataria, e para assegurar a plena instalação do Gabinete de Exportação de Música Portuguesa recentemente criado.

A SPA assume igualmente o compromisso, no exercício das suas responsabilidades e competências, de desencadear o processo de revisão do Código de Direito de Autor e a criação do Estatuto do Autor Português, iniciativa inédita ao nível das sociedades de autores em termos internacionais.

Do mesmo modo, a cooperativa dos autores portugueses tudo continuará a fazer para que a sigla SPA e a palavra-conceito Autores conserve e aprofunde a sua presença prestigiada e prestigiante no espaço mediático, com destaque para a rádio e a televisão, fortalecendo a capacidade de intervenção da cooperativa na vida cultural e social do país e retirando espaço a qualquer tentativa perniciosa e irracional de dividir os autores, num momento em que a sua unidade é absolutamente indispensável e prioritária. Quem tiver a perversa veledade de enfraquecer os autores portugueses, dividindo-os, assumirá uma pesada responsabilidade perante o colectivo que somos e perante o futuro.

Aos novos decisores políticos legiti-

É mais do que certo que a crise que assola o país se irá reflectir nos consumos culturais dos portugueses e, também, na capacidade de cobrança de direitos por parte da SPA. Por isso mesmo, a cooperativa dos autores portugueses, num quadro de unidade reforçado com o acto eleitoral de 6 de Dezembro de 2010, tudo está a fazer para enfrentar com êxito os desafios e as contrariedades que um contexto tão sombrio forçosamente coloca no nosso caminho. Temos equipa, temos vontade, temos experiência, temos um desígnio que nos move e responsabiliza

A SPA tudo fará no sentido de que, reduzindo despesas e aumentando as cobranças, seja possível continuar a garantir a recuperação financeira da cooperativa, a manutenção dos seus postos de trabalho e o êxito do processo de modernização encetado nos últimos anos e que tem como ponto cimeiro a instalação plena de um novo sistema informático, moderno, polivalente e capaz de assegurar a agilização dos procedimentos e métodos desta estrutura empresarial, que envolve mais de 150 trabalhadores, para além dos delegados e correspondentes espalhados desde o Norte do país até às suas Regiões Autónomas

mados pelas próximas eleições exigirá a SPA que mantenham com esta instituição a dinâmica de diálogo e cooperação que é devida aos cerca de 25000 autores de todas as áreas de criação que orgulhosamente representamos.

A SPA não tem deixado, tanto no plano nacional como no plano internacional, de reforçar o seu papel de liderança num domínio em que é indispensável saber quem é quem e quem representa quem e o quê. Ao fim de tantos anos de vida e de experiência, a SPA é a única instituição apta a defender os direitos dos autores e também a assegurar o seu direito à criação, através do Fundo Cultural existente, e ao regular apoio social e mutualista que faz parte da sua responsabilidade estrutural enquanto cooperativa.

Acompanham-nos nesta memória quase centenária alguns criadores de sempre da cultura portuguesa, que nos iluminam o caminho e exigem de todos nós a coragem de construir um futuro em que a cultura, por ter importância estratégica, deixe de ser tratada como parente pobre que só ganha notoriedade quando dela se lembram para enriquecer as comissões de honra das candidaturas eleitorais.

É com esta convicção que a prática quotidiana fortalece que homenageamos hoje autores de várias disciplinas que se destacaram ao longo de décadas de trabalho criador e também pessoas individuais e

colectivas que têm contribuído, em vários domínios, para a difusão e a dignificação do trabalho dos autores.

Tomando de empréstimo uma frase célebre do malogrado John Fitzgerald Kennedy, mais do que perguntar o que a SPA pode fazer pelos autores, que é e será sempre muito, vale a pena perguntar que podem os autores fazer pela SPA. E a resposta é simples e clara: devem associar-se a ela para se tornarem e a tornarem mais forte; devem criar cada vez mais e melhor para que, engrandecendo a cultura portuguesa, poderem dar ainda maior solidez a quem os representa e defende; devem, por último, manter-se unidos em torno da única instituição que há 86 anos os representa e protege, de forma a que essa unidade e coesão seja a garantia de futuro de que todos necessitamos para enfrentar estes tempos sombrios com o moderado optimismo de quem não abdica das suas responsabilidades, direitos e deveres.

Só assim poderemos continuar a dizer, com determinação e confiança, que sem autores não há cultura e que a cultura é mesmo um instrumento determinante para que Portugal possa olhar o futuro nos olhos e dizer: se já andámos tanto para aqui chegar, andaremos outro tanto para mostrar que tudo vale a pena quando a obra não é pequena.



MENSAGEM DA DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DA SPA

CELEBRAR OS AUTORES EM TEMPO DE INCERTEZA

A SPA comemora o seu 86º aniversário num cenário de grave crise económica, financeira e social que afecta, inevitavelmente, os autores e a defesa dos seus direitos. Nem por isso este aniversário deixa de ser celebrado condignamente, já que a cultura constitui sempre uma centelha de esperança, mesmo nos tempos mais sombrios e incertos.

Os autores e a sociedade que os representa – a SPA – continuarão a bater-se, seja qual for o quadro político, pelo integral respeito dos seus direitos e pela criação de um quadro legislativo que lhes assegure a devida protecção. Do novo governo espera-se e exige-se que faça entrar em vigor a nova Lei da Cópia Privada e a Lei Anti-pirataria, instrumentos fundamentais para que os direitos dos autores sejam respeitados. Por seu turno, a SPA tentará assegurar a aprovação, em sede própria, do Estatuto do Autor Português e a revisão do Código do Direito de Autor, a carecer de uma actualização que o adeque às novas realidades e desafios.

Neste aniversário, que é também o Dia do Autor Português, queremos distinguir os autores que se destacaram ao longo de uma carreira criativa e aqueles que contribuíram para promover e difundir as obras autorais. Deste modo, as inquietações que se avolumam no horizonte cedem lugar à festa que tão merecida é por aqueles que todos os dias e todos os anos nos lembram que sem autores não pode haver cultura.

É para isso que aqui estamos, para lembrar quão triste seria o mundo sem a força do trabalho criador, que nos ilumina, engrandece e inspira.



Desfile de talentos

NO PASSADO DIA 20 DE MAIO, a Sociedade Portuguesa de Autores comemorou o seu 86º aniversário, que coincidiu com o Dia do Autor Português, este ano celebrado por antecipação, pelo facto de o dia 22, a data histórica, ser um domingo.

Como é habitual, nesta cerimónia, entre outras distinções, foram atribuídas as Medalhas de Honra da SPA, bem como os Prémios Pro-Autor.

A primeira distinção, criada em 2005, é destinada a autores, já em fase avançada da sua carreira criativa, que se têm destacado pela obra realizada. Quanto ao Prémio Pro-Autor, instituído em 2010, consagra a acção de pessoas individuais e colectivas no tocante à difusão e dignificação do trabalho dos autores portugueses.

Nesta cerimónia foi ainda entregue o Prémio de Consagração de Carreira ao realizador, romancista e radialista Luís Filipe Costa, recentemente agraciado com a Ordem da Liberdade pelo Presidente da República. Foi também anunciado e entregue o Grande Prémio de Teatro Português, como habitualmente numa parceria da SPA com o Teatro Aberto, este atribuído à jovem

Cláudia Clemente pela peça que apresentou a concurso denominada *Londres* (ver caixa e entrevista).

Durante esta sessão comemorativa foram também lançados e oferecidos dois títulos da Coleção de Teatro da SPA, em parceria com a Imprensa Nacional Casa da Moeda – *O Bobo*, uma versão dramática do romance de Alexandre Herculano de autoria de Norberto Ávila com prefácio da docente da Faculdade de Letras de Coimbra Teresa Carvalho, e *O Álbum de Família de Rui Herbon*, Grande Prémio de Teatro Português SPA/Teatro Aberto 2010 e o livro *Os Autores e os seus Direitos – Contributos e Reflexões*, assinado pelo director jurídico e assessor da Administração da SPA, Lucas Serra, este só com a chancela da SPA.

Segue-se a lista dos distinguidos (conforme ordem de entrega dentro de cada categoria) com as Medalhas de Honra (8), os Prémios Pro-Autor (8), o Grande Prémio de Teatro Português SPAutores/Teatro Aberto 2011 (1), o Prémio Consagração de Carreira (1) e os Prémios Antiguidade para Funcionários com 20 anos de serviço (7), 25 anos (5) e 30 anos (3), num total de 15.

LISTA DAS PERSONALIDADES DISTINGUIDAS PELA SPA

MEDALHAS DE HONRA

António Tavares Teles
Fernando Dacosta
Hélder Costa
José Mário Branco *
Maria Guinot
Nuno Nazareth Fernandes
Rui Mendes
Yvette Centeno *

PRÉMIOS PRO-AUTOR

Álvaro Cassuto
Ana Aranha – À Volta dos Livros (Antena 1)
Centro Cultural de Belém – Mega Ferreira (Presidente)
Correntes d’Escritas – Luís Diamantino
Carvalho Batista (Vereador Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Póvoa do Varzim)
Fantasporto – Mário Dorminsky (Director)
Jornal de Letras – José Carlos Vasconcelos (Director) *
Mécia de Sena
Teatro Experimental de Cascais – Carlos Avilez/João Vasco (Direcção)

PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA

Luís Filipe Costa

GRANDE PRÉMIO TEATRO PORTUGUÊS SPAUTORES/TEATRO ABERTO 2011

Cláudia Clemente – Com a peça “Londres”

PRÉMIOS ANTIGUIDADE PARA FUNCIONÁRIOS

20 ANOS

Ana Murinello
João Santos (Casa Gião) *
Luís Gordo
Maria do Carmo Santos
Maria Margarida Santos (Casa Gião)*
Mariana Guerreiro
Telma Domingues

25 ANOS

Carlos Nunes
Conceição Lopes
Fernando Queiroz
Margarida Espanhol
Paulo Ribeiro

30 ANOS

Augusto Capela *
Fernando Oliveira
Noel Bracinha

*Não pôde comparecer à cerimónia

A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA CULTURA

86 ANOS AO SERVIÇO DA CRIATIVIDADE



Luís Filipe Costa – “Através de um autor, celebramos e agradecemos todos os autores”, disse o presidente da Direcção da SPA. “Desde Setembro de 2003, Luís Filipe Costa foi figura fundamental na prossecução dos objectivos da nossa equipa à frente dos destinos da cooperativa. Homem de bom senso, serenidade, fidelidade, com capacidade de ouvir, de fazer amizades e de as manter, teve sempre a preocupação do apelo ao bom senso e ao bom gosto. Foi um dos maiores nomes de sempre do jornalismo radiofónico nos anos 60 em Portugal, destacando-se também o seu percurso pela realização em cinema e televisão. Fez da cultura um elemento orgânico da nossa vida”



António Tavares Teles – “Conhecido jornalista, homem da rádio, crítico e cidadão atento, prestes a estrear-se como romancista”



Fernando Dacosta – “Outro grande jornalista e escritor com méritos firmados, autor, entre outros livros, de O Viúvo e As Máscaras de Salazar”



Hélder Costa – “Um dos mais prolíficos dramaturgos portugueses, associado desde sempre ao Teatro A Barraca, especialista no tratamento dramático das grandes figuras da História”



Maria Guinot – “Nome importante da música portuguesa, representou Portugal no Festival da Canção da Eurovisão, com grandes textos de canções e grande dignidade ao piano”

A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA da cultura em tempo de desafios e combates e a necessidade imperiosa de união dos autores foram notas dominantes de quase todos os discursos e temas de conversa da festa do Dia do Autor Português e, simultaneamente, do 86.º aniversário da fundação da Sociedade Portuguesa de Autores, assinalado a 22 de Maio, mas celebrado este ano por antecipação na sexta-feira, dia 20.

O presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, José Jorge Letria, fez honras à casa, como atento anfitrião, e recebeu a numerosa assistência na Sala Carlos Paredes, entre pares cooperadores e beneficiários, funcionários e convidados, acompanhado pelos membros dos corpos sociais e administradores da cooperativa de gestão colectiva de direitos de autor que dirige.

Após a leitura da mensagem da ministra da Cultura, enviada expressamente para esta ocasião, em que Gabriela Canavilhas destaca “o papel incontornável dos autores” e agradece à SPA, fazendo “menção especial de reconhecimento institucional pela sua incansável acção” (ver texto integral), e de várias outras mensagens de parabéns, foi lida a mensagem da Direcção e da Administração da SPA sob o título genérico “Celebrar os autores em tempo de incerteza” (ver versão integral).

Um dos momentos mais altos da cerimónia e normalmente aguardado com grande expectativa foi o extenso discurso de José Jorge Letria, que se publica na íntegra, em que é feita uma análise minuciosa da situação que a cultura e os autores vivem neste tempo de lutas e desafios, apelando à união de todos os criadores para levar a bom porto todos os compromissos que a Direcção e Administração da SPA se propôs. “Vamos mostrar que tudo vale a pena quando a obra não é pequena”, finalizaria o responsável máximo da cooperativa, aludindo ao lema que tem caracterizado a acção da cooperativa: sem autores não há cultura.

Chamando ao palco todos os elementos do júri do Grande Prémio de Teatro SPautores/Teatro Aberto 2011, o vice-presidente



Nuno Nazareth Fernandes – “Ex- administrador desta casa, o engenheiro que pôs o seu talento ao serviço da composição musical, donde se destacam as suas parcerias com letristas famosos: primeiro com Alain Oulman e depois com José Carlos Ary dos Santos, nomeadamente com a ‘Canção de Madrugar’”



Rui Mendes - “Actor de teatro, televisão e cinema e encenador, uma das figuras mais queridas do público, especialmente com a sua constante participação em trabalhos televisivos”



Álvaro Cassuto - “Cooperador que já recebeu a Medalha de Honra da SPA, destaca-se agora como grande divulgador de Luís de Freitas Branco, de quem tem editado na Naxos, a sua obra, dirigindo a orquestra Sinfónica de Dublin”



Ana Aranha – À Volta dos Livros (Antena 1) – “Até há alguns meses, fazia a divulgação diária de livros na rádio portuguesa – na RDP 1 -, o que já não acontece, infelizmente”

Yvette Centeno, representada por José Niza – Com “A Excepção e Regra” de Brecht a uni-los através do CITAC, um dos mais importantes grupos de teatro universitário, paixão comungada por ambos, a escritora, poeta, tradutora e ensaísta Yvette Centeno, que não pôde estar presente neste Dia do Autor Português, encarregou José Niza de receber a Medalha de Honra da SPA com que foi agraciada. Mais: pediu-lhe que lesse a mensagem de agradecimento e de parabéns que enviou para a ocasião. “O país precisa de todos os que, acima de tudo, amam a cultura” foi a frase com que a professora catedrática rematou a sua curta, mas expressiva mensagem

A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA CULTURA



Correntes d'Escritas – Luís Diamantino Carvalho Batista (Vereador Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Póvoa do Varzim) – “Com actividade iniciada há 12 anos, este importante evento promovido por aquela autarquia do Norte do país, é uma referência incontornável da vida cultural portuguesa, reunindo, todos os anos, mais de uma centena de escritores de várias nacionalidades do espaço lusófono. Representa a pujança do poder local a nível cultural, fazendo desenvolver o turismo”



Fantasporto – Mário Dorminsky (Director), representado por António Pascoalinho – “O cinema fantástico cada vez mais representado neste festival anual, que dura desde 1981, pela mão do seu incansável e entusiasta director”. Já é um lugar de culto



Jornal de Letras – José Carlos Vasconcelos (Director), representado pela jornalista Francisca Cunha Rego – Tal como o Fantasporto, “o Jornal de Letras, dirigido por José Carlos Vasconcelos, existe nas bancas há 30 anos, totalmente dedicado à vida cultural portuguesa, sendo um elemento dinâmico para dar mais força à lusofonia. É muito lido no Brasil.” A mensagem lida pela representante do JL destacou “a luta continuada, através 1050 edições, pela aproximação dos povos de língua oficial portuguesa”, pretendendo ser “uma voz singular e instrumento de preservação e divulgação dos criadores do pensamento”



Mécia de Sena, representada pelo seu irmão, tenente-coronel Rui de Freitas Lopes – Há muitos anos a viver nos Estados Unidos da América, Mécia de Sena é a viúva do poeta, crítico, ensaísta, ficcionista, dramaturgo, tradutor e professor universitário Jorge de Sena. “Para nós, este prémio tem um significado muito especial pela maneira abnegada como ela tem defendido os direitos da obra do marido e de todos os autores. É um caso extraordinário de amor e dedicação a um autor, possuidor de uma obra prodigiosa”



Centro Cultural de Belém – António Mega Ferreira (Presidente) – “O prémio é atribuído à instituição, mas podia ir perfeitamente para a pessoa que preside ao seu Conselho de Administração – jornalista de imprensa e comunicação televisiva – depois do 25 de Abril, foi presença assídua no canal 2 em telejornais – poeta e ensaísta, Mega Ferreira é, com o CCB, uma referência nacional e internacional”



Teatro Experimental de Cascais – Carlos Avilez/João Vasco (Direcção) – “A mais antiga companhia profissional de teatro em Portugal é dirigida por Carlos Avilez desde 10 de Novembro de 1965. Homem de consensos, da diplomacia e muito humano, Carlos Avilez ajudou a inovar a vida cultural portuguesa, já antes do 25 de Abril”

da Direcção e administrador da SPA, João Lourenço, que presidiu também ao júri deste importante galardão, anunciou o vencedor – Cláudia Clemente -, e aproveitou para afirmar, com agrado, que “a crise não está a desviar o público dos espectáculos”.

“Este é o único prémio que garante a subida ao palco de uma peça, aproximando assim os autores do trabalho dos encenadores, e, por outro lado, representa uma recompensa para a internacionalização da dramaturgia portuguesa, que se quer forte e madura”, salientou o aclamado encenador, vencedor este ano também do Globo de Ouro da SIC para a Melhor Peça/Espectáculo do ano passado, com O Senhor Puntilla e o Seu Criado Matti.

ALARGAR HORIZONTE EDITORIAL

O alargamento do horizonte da actividade editorial da SPA como um dos objectivos a curto prazo foi mote para o lançamento de mais três livros (ver texto sobre desfile de talentos), durante esta cerimónia. A propósito, José Jorge Letria deu destaque ao “protocolo estimulante com a Casa da Moeda” que foi, entretanto, assinalado, e que já deu dois frutos com edições conjuntas: “O Bobo”, cujo primeiro exemplar foi entregue simbolicamente ao seu autor, o dramaturgo Norberto Ávila, e “O Álbum de Família” de Rui Herbon, Grande Prémio de Teatro Português SPA/Teatro Aberto 2010.

“Vai ser um casamento para durar”, referiu o anfitrião, afirmando que “vai ser um grande desafio e responsabilidade assumir a chancela conjunta SPA/Casa da Moeda de livros de teatro, biografias e infanto-juvenis”.

Só com chancela da SPA, foi assinalado o lançamento do livro “Os Autores e os seus Direitos – Contributos e Reflexões”, assinado pelo director jurídico e assessor da Administração da SPA, Lucas Serra, a quem o presidente da SPA fez um agradecimento público, relevando a seu respeito que “há mais de 20 anos que serve esta casa e é um dos maiores especialistas do direito de autor, além de um divulgador e informador constante

»



José Jorge Letria agradeceu publicamente a Lucas Serra o seu trabalho, incluindo o livro lançado nesta cerimónia, em defesa dos Direitos de Autor



Norberto Ávila recebeu das mãos do presidente da SPA um exemplar da versão dramática de sua autoria do romance "O Bobo", apresentado nesta cerimónia



Ana Murinello



Luís Gordo



Maria do Carmo Santos



Mariana Guerreiro



Telma Domingues



Carlos Nunes



Conceição Lopes



Fernando Queiroz



Margarida Espanhol



Paulo Rbeiro



Fernando Oliveira



Noel Bracinha

A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA CULTURA



Carlos Alberto Moniz e o Quarteto de Cordas Lopes Graça – A fechar a cerimónia do Dia do Autor Português e, simultaneamente, da festa do 86.º aniversário da SPA, Carlos Alberto Moniz, que acabou de produzir um CD patrocinado pelo Fundo Cultural da cooperativa, o qual já apoiou mais de 60 projectos, fez uma pequena demonstração do espectáculo de hora e meia dirigido por João Paulo Esteves da Silva que mantém em digressão. Acompanhado pelo Quarteto de Cordas Lopes Graça, composto nesta ocasião apenas por três elementos – duas violas e um violino – o acarinhado cantor e compositor, membro da Direcção da SPA, contagiou a assistência com a sua habitual alegria ao interpretar conhecidas melodias de música popular açoriana: “As modas da minha terra”, “Os olhos pretos”, “Os pezinhos do Bico” e “Saudade”. “Foi uma honra estar aqui como intérprete”, disse, na despedida



António Mega Ferreira à conversa no final da cerimónia



Carlos Avilez com uma das actrizes do seu TEC



Rui Mendes com Mário Martins



Álvaro Cassuto conversa com Pedro Campos



O casal de autores Isabel Medina e Luís Filipe Costa



José Caldas com Francisco Pestana

desta legislação, em nome da SPA, junto das forças policiais, das autarquias e das escolas”. Seguiu-se a leitura da Mensagem do Dia do Autor, assinada este ano por Maria João Seixas, escritora, ensaísta e directora da Cinemateca Portuguesa, que não pôde estar presente. Já publicada na íntegra na revista anterior sob o título “O autor, esse desconhecido”, a mensagem focou o conceito do que é ser autor no mundo contemporâneo.

AGRADECIMENTO À EQUIPA DE GESTÃO

O desfile de talentos distinguidos com Medalhas de Honra da SPA e Prémios Pró-Autor (ver texto), sempre muito aplaudido nesta carismática sala onde a exposição evocativa do etnólogo e cooperador Michel Giacometti fez jus aos criadores intelectuais ali galardoados, foi precedido da homenagem aos funcionários com 20, 25 e 30 anos de serviço, um momento emotivo de reconhecimento do esforço da equipa da cooperativa. O ponto alto desta cerimónia, no entanto, foi protagonizado pela entrega do Prémio Consagração de Carreira a Luís Filipe Costa, conforme mencionamos em caixa neste dossiê e já demos forte destaque na edição anterior da “Autores”. Antes de fechar a festa com a actuação do incansável cooperador e membro da Direcção da SPA Carlos Alberto Moniz, José Jorge Letria fez questão de chamar ao palco a equipa a que preside na Administração desta casa – João Lourenço, Tozé Brito, Pedro Campos e José da Ponte – a quem enalteceu publicamente as suas qualidades como “autores competentes, que são capazes de ser bons gestores”, porque são “quem conhece a matéria-prima desta casa, a inteligência criadora e os problemas sociais que os autores trazem consigo”. *Edite Esteves*



Rui Vilar com António Mega Ferreira



João David Nunes e José Cabeleira



Abel Neves com Tozé Brito



Vera San Payo de Lemos com uma amiga



Joaquim Espanhol e Hernâni Lopes falam com José da Ponte



Margarida Fonseca Santos



Manuel Freire conversa com Jorge Leitão Ramos



Luís Filipe Costa e João David Nunes



Mário Martins com Maria de Lourdes de Carvalho



Tiago Torres da Silva



José Niza à conversa com o maestro António Vitorino d'Almeida

GRANDE PRÉMIO DE TEATRO SPAUTORES/TEATRO ABERTO 2011 ATRIBUÍDO A "LONDRES" DE CLÁUDIA CLEMENTE

“FOI A PRIMEIRA PEÇA DE TEATRO QUE FIZ E O PRIMEIRO PRÉMIO COMO ESCRITORA”



“FOI A PRIMEIRA PEÇA DE TEATRO QUE ESCREVI e o primeiro prémio que recebi como escritora de textos ficcionados!” reconheceu, emocionada, a jovem autora Cláudia Clemente, que dedicou o prémio ao pai, ao receber das mãos de João Lourenço, por quem tem uma forte admiração, o sempre tão esperado Grande Prémio de Teatro SPAutores/Teatro Aberto 2011. Arquitecta de formação académica, Cláudia Clemente, de 41 anos, deixou aquela especialidade profissional em detrimento da escrita (só de contos até ter feito *Londres*) e sobretudo do audiovisual, com incidência na realização de filmes para cinema e documentários, através dos quais já arrecadou diversos prémios, tendo percorrido muitos países em diversos festivais. Conforme conta à SPA na entrevista que publicamos

nesta edição, a sua prioridade neste momento é publicar um romance, que tem vindo a adiar, e fazer uma longa-metragem.

“*Londres* é uma peça singular muito bem escrita e que dará, com certeza, um óptimo espectáculo”, sublinhou o presidente do júri deste prémio, ao fazer a entrega do troféu a Cláudia Clemente.

“Esta peça premiada faz-nos pensar que o teatro é a magia do efémero e é aí que reside toda a sua fragilidade e toda a sua força e encanto, enfim, tão efémero como a vida de cada um de nós”, concluiu João Lourenço, passando depois o microfone ao também dramaturgo Tiago Torres da Silva, que leu a declaração do júri, a qual transcrevemos na íntegra.

EE

PRÉMIO DE TEATRO 2008

“UMA FAMÍLIA PORTUGUESA” APRESENTADA NA FINLÂNDIA

Peça vencedora da edição de 2008 do Grande Prémio de Teatro Português, promovido pela SPAutores e pelo Teatro Aberto, “Uma Família Portuguesa”, de Filomena Oliveira e Miguel Real, que estreou no Teatro Aberto a 25 de Março de 2010, com encenação de Cristina Carvalhal, foi apresentada na Finlândia, no âmbito da programação de Turku, Capital Europeia da Cultura 2011.

O seu percurso passou pelo Festival Gil Vicente, em Guimarães, pelo Festival Internacional de Teatro de Almada e pelo Festival Acto Seguinte, na Guarda.

O espectáculo “Uma Família Portuguesa” esteve nomeado na categoria de Teatro para o prémio de Melhor Peça/Espectáculo na edição deste ano dos Globos de Ouro promovida pela SIC em conjunto com a revista Caras, cuja Gala teve lugar no dia 29 de Maio no Coliseu de Lisboa.

DECLARAÇÃO DO JÚRI RESSALTA “CAPACIDADE DE COMUNICAR EMOÇÕES”

“SERÁ UM DESAFIO PARA A ACTRIZ QUE DER VOZ A ESTE MONÓLOGO”

O Júri do Grande Prémio de Teatro SPAutores/Teatro Aberto 2011, constituído por Luís Felipe Costa, Rui Mendes e Tiago Torres da Silva pela Sociedade Portuguesa de Autores, e por Vera San Payo de Lemos, Francisco Pestana e Marta Dias pelo Novo Grupo do Teatro Aberto, bem como por João Lourenço que a ele presidiu decidiu, por maioria, atribuir o Grande Prémio de Teatro 2011 à obra *Londres* da autoria de Cláudia Clemente.

De todas as obras a concurso foi esta a que reuniu maior consenso quanto às potencialidades para a transposição para a cena, mas também para a edição e tradução do texto. A supracitada encenação do texto ocorrerá, de acordo com o regulamento do prémio, no Teatro Aberto.

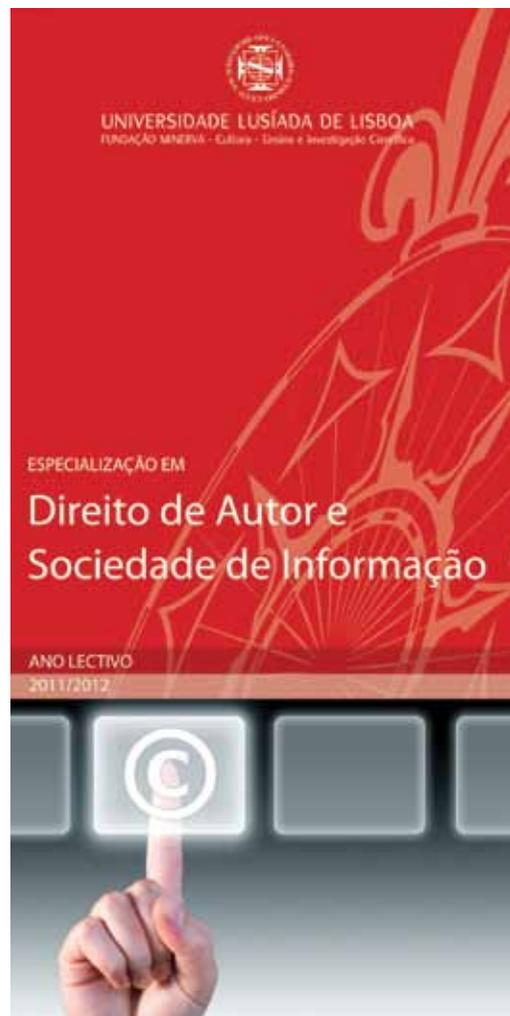
A sensibilidade do pungente monólogo sobre uma ida a Londres motivada pela doença do pai da única personagem, a capacidade de comunicar emoções por vezes contraditórias, mas também a propriedade com que a autora dá realidade às outras personagens que não estão presentes - o pai, a mãe, a irmã, etc., motivaram a decisão do júri. A esta decisão não foi alheia a possibilidade de desafio que este texto pode representar para a actriz que a ele der voz.

O júri apresenta os seus parabéns à autora e manifesta o desejo de que, nos próximos anos, mais e melhores textos concorram a este prémio que se mantém sendo o único que garante a subida ao palco dos textos vencedores, aproximando assim da cena autores, que, como se observou nos anos anteriores, beneficiaram do trabalho dos encenadores. Estes transformaram os textos vencedores em espectáculos aplaudidos pela crítica e pelo público. O júri regozija-se por isso, já que esse aplauso jamais seria conseguido se nos textos não residisse a semente de Teatro que permite a criação de espectáculos vibrantes.

O júri sente-se bastante recompensado com este sucesso dos espectáculos decorrentes do Grande Prémio de Teatro, convicto de estar a contribuir para o desenvolvimento e internacionalização de uma dramaturgia portuguesa que se quer forte e madura!

SPA AVANÇA COM FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO PELO PAÍS FORA

NA PASTA LEVA OS DIREITOS DE AUTOR E AS NOVAS TECNOLOGIAS



Na senda de proporcionar um maior esclarecimento junto de estudantes e professores de escolas de diversos graus de ensino, um pouco por todo o País, e de oferecer formação especializada junto das entidades policiais, destacadas para as fiscalizações ao nível dos Direitos de Autor e Direitos Conexos, a SPA continua a visitar regularmente aqueles espaços, levando os seus técnicos a “abrirem o livro” dos conhecimentos nesta determinante matéria.

Sessões de esclarecimento e divulgação, conferências e cursos de formação constituem os meios escolhidos pelos interessados, de acordo com a idade, as capacidades intelectuais e académicas dos receptores e ainda o modus operandi utilizado para ir ao encontro das contrafacções, com conhecimento da respectiva legislação e das eventuais multas a aplicar.

Lucas Serra, assessor da Administração da SPA e director do Departamento Jurídico da cooperativa, é um dos técnicos que se desloca com mais frequência a estas sessões, que contam

também por vezes com outras instituições ou personalidades ligadas ao meio jurídico. Por exemplo, a Polícia Municipal de Lisboa esteve em peso, durante todo o dia 21 de Setembro passado, numa sessão de formação ministrada pelo Dr. Lucas Serra a 120 agentes da mesma instituição.

Universidade Lusíada cria curso de especialização

Entretanto, a Faculdade de Direito da Universidade Lusíada de Lisboa prepara-se para ministrar aos alunos inscritos um curso sobre Direito de Autor e Sociedade da Informação, que decorrerá entre 20 de Outubro próximo e 8 de Março de 2012. O curso, que tem a participação da SPA na docência, consta de uma sessão semanal de hora e meia, à quarta ou quinta-feira, das 18h30 às 20 horas, abrindo desta forma o leque a trabalhadores.

Entre os 30 temas a abordar neste curso, podemos encontrar, a título de exemplo, “Introdução aos direitos intelectuais e ao seu reconhecimento na ordem jurídica interna dos Estados e na ordem jurídica internacional” ou “A ideia da obra e a originalidade. Os direitos protegidos pelo direito de autor. O direito moral e os direitos patrimoniais de autor. As formas de exploração das obras protegidas”.

Também a Universidade Católica do Porto convidou, no dia 15 de Julho, o especialista da SPA Lucas Serra para efectivar uma intervenção de fundo sobre a matéria em questão, inserida num curso que está a ser ministrado naquela escola superior.

ESEIG promove Conferência sobre Condutas Éticas

Por seu turno, a Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (ESEIG), do Politécnico do Porto, em Vila do Conde, promoveu mais uma conferência, desta feita em parceria com a Unidade Técnico-Científica de Línguas e Direito, com a participação externa da Sociedade Portuguesa de Autores.

Intitulada “Perante um mundo de Informação, que direitos e deveres?”, a conferência pretendeu sensibilizar os estudantes para a prática de condutas éticas no âmbito da utilização da Informação.

“Foi uma reflexão sobre o modo adequado de lidar com o mundo de informação com que nos vemos confrontados, diariamente, a nível académico, profissional e social”, referiram os oradores presentes, concretamente Iva Vieira, advogada e docente da ESEIG, e Carlos Miguel Madureira, advogado residente na SPA.

Pelos conferencistas foram abordados aspectos

como a Comunicação *versus* Informação, o Direito da Informação e Direito à Informação, a protecção do Direito de Autor nos ambientes analógico e digital, bem como a relevância das sociedades de gestão colectiva na defesa dos direitos dos autores.

Direitos de autor em debate

na Secundária Rafael Bordalo Pinheiro

Com o objectivo de reflectir sobre o “copy & paste” e a gestão da informação à luz da lei, decorreu na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro, nas Caldas da Rainha, uma iniciativa que pretendeu fazer uma abordagem ao Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. Sob a denominação genérica “Direitos de Autor Direitos Com Nexos”, a iniciativa decorreu no dia 31 de Maio, sendo organizada pela biblioteca escolar.

A sessão contou com a participação da juíza Isabel Baptista e de vários elementos da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA). A convidada fez uma exposição sobre a lei neste assunto, reflectindo sobre a dupla significação que o título da palestra pressupunha. Serão, de facto, os direitos de autor direitos com nexos? Durante a sessão foram dados vários exemplos, com recurso a situações práticas do dia-a-dia. Por seu lado, Lucas Serra - director dos serviços jurídicos e assessor da administração da SPA e autor sobre esta área - contribuiu para a sessão, tendo discorrido sobre o enquadramento do trabalho que é feito na Sociedade Portuguesa de Autores.

No evento, que foi assistido por 150 alunos, também participaram Noel Bracinha, delegado regional de Leiria e Santarém da SPA, e Paulo Marcelino, fiscal da delegação regional de Leiria e Santarém, também da SPA. Durante o debate houve um tema que interessou sobremaneira os presentes que foi o direito à imagem, o qual poderá vir a ser tema de um outro debate, no futuro, com os mesmos convidados.

Sessão de divulgação na Casa das Gaeiras

Uma sessão de divulgação sobre direitos de autor teve lugar também no dia 13 de Julho, pelas 17 e 45, na Casa das Gaeiras, nesta vila do concelho de Óbidos.

Foram convidados Lucas Serra, director de Serviços Jurídicos e assessor da Administração da SPA, José Manuel Almeida, director dos Serviços de Fiscalização, Noel Bracinha, delegado regional dos distritos de Leiria e Santarém e Paulo Marcelino, fiscal regional da Delegação de Leiria e Santarém. EE

PLÁCIDO DOMINGO VAI PROMOVER OS DIREITOS DE AUTOR NA MÚSICA

O aclamado tenor espanhol Plácido Domingo, novo presidente da Federação Internacional de Indústria Fonográfica (IFPI na sigla em inglês), segundo anunciou o mesmo em Londres, no passado dia 26 de Julho, propõe-se promover as leis de protecção dos direitos autorais dos artistas, como missão principal do cargo que acabou de assumir.

Plácido Domingo terá agora como função promover as prioridades da federação a nível internacional, lutando por uma melhor legislação dos direitos de autor, que enfrenta novos desafios nesta era dominada pelo digital.

Além da sua actividade como tenor e director de orquestra, Plácido Domingo apadrinha escolas para jovens músicos em Washington, Los Angeles e Valência. Agora a ocupar o cargo cimeiro da IFPI, o tenor explicitou querer aproveitar o seu reconhecimento internacional para se reunir com os dirigentes governamentais dos vários países e consciencializar os executivos sobre a importância dos direitos de autor.

“Apoiarei medidas contra quem descarregue música ilegalmente”, disse ao *El Mundo*, segundo citou o *Público*.

Para Frances Moore, director executivo da IFPI, “a missão de Plácido é de extrema importância”. Em comunicado, o responsável escreveu que a defesa activa do tenor pelos direitos de autor no sector da música “surge num momento crucial, já que os governos em muitos países estão a considerar novas leis para punir a pirataria e ajudar a desenvolver o negócio de música legítima digital.”

JOVENS SOLISTAS DA METROPOLITANA DELICIAM COM RECITAIS AO FIM DA TARDE

Os Jovens Solistas da Metropolitana dos Agrupamentos da Academia Superior de Orquestra da Orquestra Metropolitana de Lisboa voltaram a deliciar a assistência com recitais ao fim da tarde no Auditório Maestro Frederico de Freitas, na SPA. No passado dia 2 de Junho, actuou um Trio de Madeiras e um Quarteto de Cordas.

O Trio de Madeiras, composto por Carlos Tomás (clarinete), Eva Mendonça (flauta) e Catherine Stockwell (fagote), interpretou a *Suite Campestre para Sopros, Pelos Campos Fora*, de Sérgio Azevedo, o *Trio n.º 2 para Sopros*, de César Guerra Peixe e *Fragments*, de Robert Muczynski.

Por sua vez, o Quarteto de Cordas, com Carlota Pimenta e Maria Bykova no violino, Paul Wakabayashi na viola e João Paes no violoncelo, fizeram soar no Auditório Maestro Frederico de Freitas o *Quarteto de Cordas n.º 1, Op. 12*, de Felix Mendelssohn. Entretanto, no dia 15 de Setembro, foi a vez de actuar um dos Trios Franceses dos Solistas da Metropolitana. Composto por Alexéi Tolpygo

no violino, Peter Flanagan no violoncelo e Savka Konjikusic no piano, este trio interpretou a peça *Trio para Violino, Violoncelo e Piano em Lá menor*, de Maurice Ravel, e *Trio para Violino, Violoncelo e Piano n.º 1*, de Claude Debussy. Estas sessões, de alto nível interpretativo, têm sempre entradas livres e são, normalmente, assistidas por alunos e melómanos, ligados ou não à cooperativa, constituindo um polo de atracção cultural apoiado pela SPA.

ESPECTÁCULO COREOGRAFADO POR PAULO RIBEIRO E LEONOR KEIL

“DESAFINADO” ESTREOU NA MADEIRA COM MÚSICA DOS DRUMMING GP

O espectáculo “Desafinado” reuniu o Grupo Dançando com a Diferença e o coreógrafo Paulo Ribeiro, em mais uma produção apresentada no Centro das Artes – Casa das Mudanças, na Calheta, Madeira. A estreia aconteceu no dia 16 de Junho, repetindo-se as apresentações nos dias 17, 18 e 19.

Integrado no projecto Centro das Artes Global, em “Desafinado”, o coreógrafo

Paulo Ribeiro trabalhou num processo de co-criação com Leonor Keil e Drumming GP (com Miquel Bernat e António Sérgio). Os Drumming GP foram os responsáveis pela criação musical, especialmente desenvolvida para este projecto, enquanto Paulo Ribeiro e Leonor Keil centraram-se na criação coreográfica. Recorde-se que os criadores que compõem os Drumming GP já trabalharam, por duas vezes, com elementos do Grupo Dançando com a Diferença, mas foi a primeira vez que trabalharam com Paulo Ribeiro, recentemente galardoado com o Prémio Melhor Coreografia de 2010 pela Sociedade Portuguesa de Autores pelo espectáculo “Paisagens – onde o negro é cor”.

ARTES CÉNICAS E MÚSICA ERUDITA

Por deliberação do Conselho de Administração, o sector “Teatro e Dança” passará a ter a designação de “Artes Cénicas e Música Erudita”.

Contactos:
E-mail: cenicas.erudita@spautores.pt
Tel: 21 359 44 12

MENSAGEM DA SPA PARA O DIA MUNDIAL DA MÚSICA (1 DE OUTUBRO)



Na data em que se comemora mais um Dia Mundial da Música (1 de Outubro), a SPA saúda calorosamente os autores musicais de todos os géneros que são associados desta cooperativa, manifestando-lhes o seu apreço e solidariedade, numa época em que os efeitos da crise tão violentamente se fazem sentir nas suas vidas, nas suas obras e carreiras.

Nesta data especial, a Direcção e a Administração da SPA realçam, uma vez mais, a importância que a música tem, desde a sua fundação, na vida e na história da nossa cooperativa, continuando a representar a principal fonte de rendimento da instituição que representa os autores portugueses.

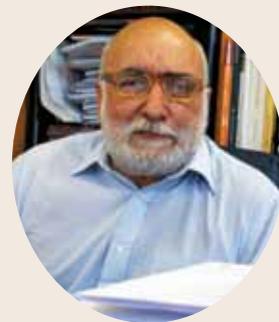
Nos últimos anos, o acentuado e aparentemente imparável declínio da indústria musical deixou em situação difícil um significativo número de autores e artistas, com os quais a SPA está e estará sempre solidária, comprometendo-se a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para salvaguardar os seus direitos e interesses.

Nesta data, a SPA faz ainda questão de salientar a importância que o trabalho de criação musical sempre teve e terá como fonte de esperança para todos, quantos, preocupados com o presente e o futuro, vêm na universalidade da música um factor único de paz e de diálogo entre as nações e os povos.

Lisboa, 1 de Outubro de 2011
O Conselho de Administração

O LIVRO, OS DIREITOS, OS SUPORTES E A INCERTEZA DO FUTURO

POR JOSÉ JORGE LETRIA



O mundo está a viver várias revoluções simultâneas, a mais importante das quais é, sem dúvida, a comunicacional, que resulta das profundas transformações operadas nos últimos anos nas tecnologias da comunicação global. A constatação deste facto deve corresponder ao reconhecimento de uma realidade que não deixa ninguém indiferente, seja qual for a sua área de actividade e de expressão.

Assim sendo, também o mundo do livro, ou seja, o da edição, da criação e da difusão das obras, terá de levar em conta os novos desafios, problemas e ameaças.

Há quem considere que os problemas que se vivem neste domínio são meramente o resultado de uma crise vivida à escala global. De facto, é muito mais do que isso, porque, superada a crise, nada voltará a ser como era dantes. O que tem vindo a acontecer com a indústria da música serve de referência e de alerta. Em menos de uma década, este sector produtivo entrou praticamente em colapso com uma perda de receitas que ultrapassa os 70%. Só no primeiro semestre de 2011, as perdas registadas em Portugal, comparativamente com o período homólogo de 2010, rondam os

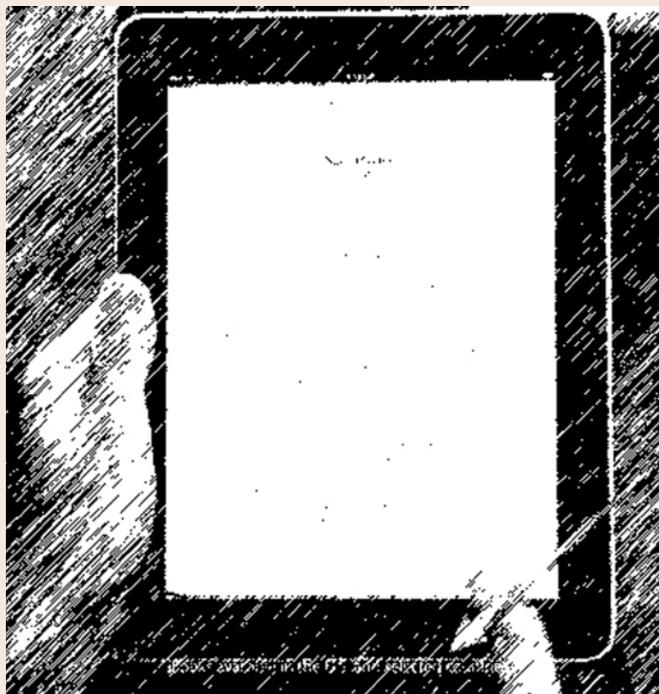
40%. Cd's e dvd's são hoje produtos vendidos ao desbarato a preços inferiores ao de uma unidade de quatro iogurtes líquidos, embora os conteúdos sejam consideravelmente diversos, sobretudo se dermos prioridade à urgência de quem tem fome, e nem falo aqui da fome do espírito.

No mundo do livro e da edição, a realidade não é, por enquanto, tão grave e preocupante. Com efeito, embora se vendam e comprem cada vez mais livros a irrisórios preços de saldo, ainda não os encontramos vendidos generalizadamente ao desbarato como acontece com os cd's e dvd's.

De qualquer modo, a entrada do livro na era do "ebook" veio confrontar-nos com um conjunto de questões que requerem urgente reflexão e acção.

É certo que continua a ser maioritário em Portugal o número daqueles que, como eu, dão preferência ao livro em suporte de papel. É, em boa medida, uma questão geracional, o que não quer dizer que eu esteja menos atento às novas realidades, seja como autor, seja como responsável pela Direcção e pela Administração da Sociedade Portuguesa de Autores.

As novas questões e desafios colocados pela entrada do livro no mundo electrónico são de diversa índole. Uma tem a ver, forçosamente, com o processo de produção e difusão das obras, bem como com o paradigma que lhe está subjacente. Outra prende-se com a defesa dos direitos das obras editadas em diferentes suportes. É sabido que as editoras, sobretudo as de maior capacidade financeira e comercial, já aderiram a esta nova realidade, embora tudo leve a crer que ainda não tenham constatado a existência de uma situação de paridade entre o livro em suporte electrónico e o livro em suporte de papel. Por enquanto, a realidade virtual ainda não concorre de forma significativa com os suportes tradicionais. Veremos, no entanto, de que forma esta situação irá evoluir em Portugal e quais as novas evidências que nos irá impor. Por enquanto, ainda é o papel que comanda e dita regras. A SPA está particularmente atenta a este irreversível processo evolutivo,



tentando adequar um modelo de contratualização das obras às exigências desta nova situação e, naturalmente, às opções que os autores que representa fazem em relação a elas. A vontade dos autores é soberana e compete à estrutura que os representa assegurar-lhes o suporte legal que a defesa dos seus direitos exige. É nesse sentido que estamos e continuaremos a trabalhar. Em matéria de direitos de autor no domínio da edição literária o combate principal está ainda sobretudo relacionado com a questão da reprografia (fotocópia), domínio no qual Portugal continua a registar uma situação confrangedora, uma vez que o atraso da entrada em vigor da nova Lei da Cópia Privada ainda não permite efectuar cobranças essenciais para que se faça justiça aos autores, aos editores, aos tradutores e aos ilustradores e outros criadores de imagem editada. Em matéria de cobranças e distribuição dos direitos reprográficos tenho a esperança de que o trabalho desenvolvido de forma concertada e

convergente pela SPA na presidência e pela APEL na vice-presidência da AGE COP (Associação de Gestão para a Cópia Privada) irá contribuir para que as várias instâncias de decisão política, desde o governo à Assembleia da República, em sede de plenário ou de comissão, não tardem, mais do que já se tardou, a tornar vigente o novo quadro legislativo que faça da reprografia a indispensável fonte de receita a que todas as entidades já mencionadas têm direito. É tempo, por exemplo, de fazer com que as universidades portuguesas deixem de ser de uma forma sistemática e quase sempre impune os principais centros de fotocópia pirata.

Por outro lado, é preciso, no plano da pedagogia e do esclarecimento, garantir que os leitores em geral comecem a perceber que copiar sem pagar é uma forma inaceitável de prejudicar quem escreve, quem edita, quem fotografa ou ilustra.

Estou convicto de que esta é uma caminhada longa e espinhosa, que exige convergência de esforços e vontades, muita determinação e apurado sentido da realidade, já que de outro modo dificilmente passaremos daquilo a que prosaicamente chamarei "cepa torta", que é o estado em que ainda nos encontramos.

Portanto, é imperioso que se crie um quadro legislativo que assegure a protecção dos direitos de todos aqueles que intervêm e sustentam a indústria da edição em Portugal. É também imperioso que as instâncias do poder político deixem, em matéria dos direitos dos autores, de favorecer sistematicamente os utilizadores em detrimento dos direitos e interesses de quem cria, edita e difunde. O contexto de crise em que nos movemos está longe de facilitar as decisões justas nesta matéria, mas, por isso mesmo, é preciso encaminhá-la no sentido da justiça e da razão.

E nem sequer menciono aqui situações extremas de pirataria pontualmente identificadas em que foram detectados exemplares de livros para a infância

produzidos ilegalmente, com a chancela de origem, para concorrerem com os exemplares genuínos. Nesta como noutras situações é indispensável estar-se atento, já que talvez possa dizer-se que a Oriente tudo de novo.

Regresso à constatação inicial: vivemos tempos incertos e, por isso mesmo, desafiadores e estimulantes, que exigem realismo, lucidez, capacidade de decisão e uma consciência dinâmica da forma como a realidade evolui.

Pessoalmente, sou levado a acreditar que o livro em suporte de papel, tal como o conhecemos num quadro civilizacional de séculos, não irá desaparecer e virá a coabitar pacífica e complementarmente com os novos suportes virtuais. Sinto-me confortado, por ser esta, por exemplo, também a opinião de Umberto Eco, que destas e doutras coisas sabe muito mais do que eu. Mas não posso ignorar a forma cada vez mais acelerada e por vezes desnorteante como surgem quase todos os dias novos produtos, novas propostas, novas formas de comunicação e partilha. Estou a pensar concretamente num novo produto virtual que se chama “booktrack”, no qual o “ebook” aparece acompanhado por engenhosas bandas sonoras que incluem música, som ambiente, ruídos específicos e vozes, numa surpreendente encenação sonora que faz com que a leitura seja uma espécie de visionamento de um filme, ainda que a única imagem que se movimenta seja a das letras a desfilerem à frente dos nossos olhos.

Esta e outras situações facilmente localizáveis no espaço virtual revelam que o paradigma está a alterar-se e que sejam quais forem os pontos de equilíbrio nada voltará a ser como era dantes. Temos de conviver serenamente com esta realidade e de estar preparados para as múltiplas questões que ela coloca.

Entretanto, e quase a concluir, sinto que mais do que a pirataria, a indústria do livro é neste momento ameaçada pelo agravamento exponencial das condições de vida de quem compra e lê livros. O agravamento da carga fiscal, a diminuição expressiva do poder de compra e a incerteza quanto ao futuro imediato fazem com que cada vez mais pessoas, entre o livro e as necessidades tidas como básicas, acabem por optar pelas segundas, mais que não seja em nome da sobrevivência. A verdade é que se em tempo de guerra não se limpam armas, em tempo de crise não se animam almas, operação imaterial que passa em boa parte pela espiritualidade que os livros também guardam em si.

O problema central e mais alarmante neste momento é a diminuição da capacidade aquisitiva do leitor comum, que tenderá, por razões óbvias, a comprar menos, a comprar mais barato e até a copiar, só para não se ver condenado a não ler. Por isso mesmo, deve batalhar-se pela existência de uma ética do acto de ler que não pactue com a usurpação de direitos e o desrespeito pelos autores.

Apete-me, a terminar, mencionar o poeta francês Paul Verlaine, quando escrevia “agora, livro meu, vai para onde o acaso te leve”. Neste momento e na situação em que vivemos, combinam-se o acaso com a necessidade, a revolução tecnológica com a sede de conhecimento e a ideia de futuro com a urgência de se preservar o melhor da imagem do passado. Combina-se, afinal, o livro com a enorme incerteza que envolve o seu futuro. Mas é justamente essa margem de incerteza que nos deve unir, mobilizar e manter alerta para podermos exigir o que nos é devido, para podermos defender os nossos direitos e para garantir, no fundo, que o livro, tenha ele o suporte que tiver, nunca deixará que aquilo que guarda dentro de si fique refém da forma como é difundido. Mal andar a humanidade quando se render à ideia de que a tecnologia é um fim em si e não apenas um meio mutável e perecível como tudo aquilo que é material. A grande questão é mesmo essa: a imaterialidade da escrita, mesmo quando se materializa no texto, é sempre mais perene e transformadora que a materialidade do meio de difusão, seja ele papel, ecrã electrónico ou qualquer outro que entretanto o engenho humano venha a inventar.

SINTRA VAI ACOLHER EM NOVEMBRO FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL

Por iniciativa de Gonçalo Bulhosa, co-fundador da Oficina do Livro e presidente da empresa Ilumine-se Ideias Culturais, vai nascer a Festa Literária Internacional de Sintra (FLIS). O evento vai realizar-se nos dias 11, 12 e 13 de Novembro, no Centro Cultural Olga Cadaval.

A FLIS inspira-se na Festa Literária Internacional de Paraty, no Brasil, um dos mais importantes eventos literários do mundo, que só no ano passado atraiu mais de 20 mil visitantes.

Os escritores portugueses João Tordo, Pedro Paixão e Joana Amaral Dias já confirmaram a sua presença na FLIS, mas a organização frisa que também estão a ser endereçados convites a figuras da literatura internacional.

Em Sintra, a primeira edição desta celebração do livro e dos escritores terá cerca de 30 convidados, que irão debater a escrita nas suas mais variadas vertentes - jornalismo, humor, sociologia, entre outras. O público poderá participar nestes debates através de perguntas escritas, dirigidas à mesa. Além das sessões de autógrafos, os visitantes poderão usufruir ainda da Livraria Oficial da FLIS, cafés literários e uma loja de merchandising.

“AUTORES FALAM DE AUTORES” É NOVO CICLO CULTURAL DA SPA

Tem início no próximo dia 25 de Outubro, às 18h30, um novo ciclo cultural da SPA com o título «Autores Falam de Autores», no qual criadores de diversas áreas irão evocar as vidas e obras de outros criadores de diversas épocas. O ciclo começa com uma palestra do jornalista e escritor Baptista-Bastos sobre Fialho de Almeida, figura grande da literatura portuguesa, cujo centenário da morte se comemora este ano. Jornalista, escritor, crítico e polemista, Fialho de Almeida foi uma das figuras mais controversas e marcantes da viragem do século XIX para o século XX, sendo habitualmente associado ao decadentismo. Da sua vasta obra destacam-se os volumes de «Os Gatos», onde foram reunidas as suas crónicas sociais e literárias, olhar intensamente crítico sobre o

Portugal do fim do século XIX e do princípio do século seguinte. Outros autores, vivos ou já falecidos, portugueses e estrangeiros, irão ser evocados no âmbito deste ciclo, merecendo destaque, em data e com participações a anunciar no mês de Dezembro, uma sessão evocativa da vida e obra de José Niza, presidente da Assembleia Geral da SPA, falecido no passado dia 23 de Setembro. Ao longo de 2012, outras figuras e obras irão ser evocadas por autores convidados pela SPA.

“PÁGINAS DO PORTO” DECORREM DURANTE UM ANO

AUTORES LITERÁRIOS DIALOGAM COM A CIDADE

A delegação do Porto da Sociedade Portuguesa de Autores, coordenada pelo escritor Álvaro Magalhães, encetou no passado dia 24 de Setembro uma iniciativa cultural que se estenderá ao longo de um ano. Sob a designação genérica de “Páginas do Porto – A Cidade nos Livros”, esta acção de longa duração decorre de uma parceria entre a S.P.A., a Biblioteca Pública Municipal do Porto e o Centro de Estudos e Línguas do ISMAI (Instituto Superior da Maia). As sessões, que se realizam no edifício da Biblioteca Pública Municipal do Porto, constam de uma conversa com os autores dos livros seleccionados e que, de algum modo, dialogam com a cidade, acompanhadas de projecções de vídeo e comentários do conhecido historiador Germano Silva.

“Porto, Modo de Dizer”, de Manuel António Pina, foi o livro escolhido para encetar, no dia 24 de Setembro, estas conversas multidisciplinares, devendo seguir-se, no dia 26 de Novembro próximo, o escalpelizar do livro de Richard Zimler “Meia-Noite ou o Princípio do Mundo”. A acção prossegue em 2012, de acordo com o seguinte programa: 21 de Janeiro - “Porto de Abrigo” de Jorge de Sousa Braga; 24 de Março - “A Quinta das Virtudes” de Mário Cláudio; 26 de Maio - “Dai-lhes Senhor o Eterno Repouso” de Miguel Miranda; e 24 de Julho “Cimo de Vila” de Carlos Tê e Manuela Bacelar.

Qualquer informação adicional poderá ser pedida através do telefone 225 19 34 81 ou pelo email bpmp@cm-porto.pt.

Uma contadora de histórias pela escrita e pela imagem

CLÁUDIA CLEMENTE

Cláudia Clemente deixou de lado a sua profissão de arquitecta – “fartei-me de legalizar marquises” - para se dedicar de alma e coração àquilo que mais gosta de fazer e é sua prioridade, para além do filho: escrever e fazer filmes. Vencedora do Grande Prémio de Teatro SPautores/Teatro Aberto 2011 com a peça “Londres” – género por que optou pela primeira vez – teima em fazer tudo o que pode, sem recorrer a subsídios ou a apoios. O seu maior prazer tem sido conseguir viajar pelo mundo com as suas metragens e documentários, feitos com “dois tostões” e “muito trabalho e criatividade”





EM VEZ DE ESTAR SENTADA À ESPERA DE SUBSÍDIOS E APOIOS, OPTEI POR FAZER AS MINHAS COISAS COM OS MEUS PRÓPRIOS MEIOS. ENTÃO, TIVE QUE PASSAR A FAZER EU UMA SÉRIE DE TAREFAS

A Cláudia Clemente, de 41 anos, acabados de fazer, é uma mulher portuense dos sete ofícios. Com uma licenciatura em Arquitectura, é escritora e realizadora de cinema, entre a ficção, a dramaturgia e o documentário. E nas artes cinematográficas faz de tudo: desde a produção à realização, à escrita do guião, à direcção artística, à edição, à montagem... É uma necessidade ou um gosto?

As duas coisas. Por um lado, a necessidade, porque, em vez de estar sentada à espera de subsídios e apoios, optei por fazer as minhas coisas com os meus próprios meios. Então, tive que passar a fazer eu uma série de tarefas. Depois, comecei também a ter gosto em fazê-las. A produção, confesso, é que não me dá assim grande gozo e na minha última curta-metragem já tive alguém a ajudar-me nisso. Foi um alívio!

Qual foi a sua última curta-metragem?

Foi *A Outra*.

E *A Arquitectura do Vinho*?

Isso foi a minha primeira encomenda a sério: uns colegas meus arquitectos do Porto iam participar numa exposição e como era sobre arquitectura, lembraram-se de mim para fazer essa curta-metragem. Foi a primeira vez que filmei arquitectura e gostei imenso.

DESAFIOS

A Cláudia Clemente foi também a vencedora do Grande Prémio de Teatro SPautores/Teatro Aberto 2011 com a peça de teatro *Londres* (ver dossiê). Trata-se de um dos mais importantes prémios de teatro de Portugal e até da Europa, em que o vencedor, para além de um prémio pecuniário, ganha a possibilidade de ver o seu texto passar a palco no ano seguinte, no Teatro Aberto, com tudo o que isso significa, e ainda o seu texto ser editado em livro pela SPA e com tradução para inglês. Está guardado do público a sete chaves, até ao momento em que é divulgado na sessão do aniversário da cooperativa e é um dos pontos altos



da cerimónia anual que se realiza na cooperativa.

Nem eu própria soube com antecedência... Quando o júri abriu o envelope, apenas uns dias antes da cerimónia de entrega, telefonaram-me e eu quase não tive tempo de digerir a informação. Tinha acabado de alugar um carro para ir filmar para o Alentejo uma das fases daquele meu documentário *A Arquitectura do Vinho*, quando o telefone tocou e me deram a novidade. Ainda fiquei algum tempo a pensar, antes de conseguir arrancar com o carro.

Tinha a noção exacta do que é que representa este prémio?

Claro que sim. Mas não tinha era nenhum tipo de expectativa de vir a ganhar. Porque foi a primeira vez que eu escrevi alguma coisa que não fosse conto. Estou a tentar lutar por escrever um romance, há não sei quanto tempo, e isso está a dar-me imensa luta. A peça de teatro surgiu-me pelo meio, pela primeira vez. Portanto, até à última, estive a pensar “concorro, não corro”.

A Cláudia gosta muito de concursos. É competitiva?

Gosto de concursos, mas não sou competitiva. Gosto de colocar desafios a mim própria. Mais nesse sentido. Mas a peça foi uma necessidade, por causa da doença do meu pai. Foi a forma que eu encontrei para conseguir superar o choque que é ter doente uma pessoa que nos é muito, muito querida. As pessoas lidam de formas diferentes com as contrariedades, com a doença e com a morte. E eu só consigo lidar através da arte.

Por exemplo, quando me divorciei, fiz uma peça de vídeo-arte chamada *Amor*, em que peguei nos filmes de super8 feitos há 20 anos, quando tive o primeiro namorado, e sobrepus a essas filmagens a voz do meu ex-marido (já depois de divorciados, eu pedi-lhe para ele o fazer, ele tem uma voz linda). Então, está ele a dizer poemas de amor e a minha voz por cima da dele a dizer os mesmos poemas, sendo que uns vão num sentido e outros noutro. “Já não te amo”, “o nosso amor acabou” e outros “amo-te”, “és o amor da minha vida”. A minha forma de lidar com aquele problema foi fazer uma obra sobre as contradições do amor. Usei poemas de Fernando Pessoa, de Florbela Espanca, dos nossos melhores poetas.

Mas os seus filmes, normalmente, não têm palavras. Têm muita música e têm a “arquitectura” da imagem...

De facto, têm mais imagem e muito pouco diálogo. *A Mulher Morena* tem algum diálogo, n’ *A Fábrica* não há diálogo de todo e n’ *A Outra* há pouquinho. Se bem que o *&etc.* tem muitas palavras. Tem o próprio Victor Silva Tavares em grande estilo. Tenho um carinho muito especial por este meu trabalho.

OBJECTIVOS

Porque tem também um carinho especial pela própria editora em que se baseia o filme - a & etc. - e pelos seus objectivos.

Pela editora e, obviamente, pelo Victor Silva Tavares e pelo Rui Caeiro, que recordam neste filme alguns episódios ao longo das três décadas de funcionamento desta editora tão peculiar. Na verdade, revejo-me muito nela.

De facto, a &etc. é uma pequena editora, criada em 1973, que desde então e até aos dias de hoje se rege por parâmetros bastante singulares – não tem fins lucrativos, não publica obras “comerciais”, edita autores desconhecidos. Tornou-se ao longo dos anos uma referência no panorama nacional, conhecida tanto pelo lado plástico/estético dos seus livros quadrados como pelos personagens que publicam, como, por exemplo, João César Monteiro, Adília Lopes ou Alberto Pimenta, alguns dos autores mais alternativos da actualidade. Parece-me ver aqui muito da essência da Cláudia Clemente.

Exactamente. Eles fazem aquilo que gostam de fazer.

Tal como a Cláudia.

Sim, eu sou incapaz de fazer trabalhos que não gosto. Ou me entrego de alma e coração às coisas que estou a fazer ou então não vale a pena. Mas é preciso arranjar forma de se gostar de quase tudo aquilo que temos de fazer. Eu quando tive de fazer traduções, gostei mesmo de traduzir. Gostei mesmo de fazer aqueles filmezinhos que me encomendaram. Gostei de ir aos sítios, de os conhecer, de falar com as pessoas, gostei de filmar boa arquitectura ao nível da construção, de fazer filmes que eu esperei que fossem tão bons como era a construção.

Faz filmes por encomenda?

Não, a primeira grande encomenda que tive

foi esta de *A Arquitectura do Vinho*, em Junho deste ano. Depois tive uma para A Barraca – foi a Maria do Céu Guerra que me encomendou um vídeo para a peça *D. Maria, a Louca*, de António Cunha, com direcção plástica de José Costa Reis, que estreou a 20 de Julho. Foi um prazer enorme trabalhar com a Maria do Céu Guerra, a criadora do espectáculo. As imagens de vídeo que aparecem na escotilha do barco que está na cenografia fui eu que as fiz. Tive o privilégio de assistir aos ensaios, de ver o nascer e o crescer daquele projecto, que foi uma coisa magnífica! Aprendi imenso.

ARTES

Aliás, o teatro é muito invadido por imagens de vídeo.

Quando estive em Barcelona a fazer o Erasmus, um dos trabalhos que realizei foi sobre o cineasta russo Sergei Eisenstein, que cruzava muito cinema com teatro. Eu gosto muito desse conceito, em que não se sabe onde acaba uma coisa e começa a outra. Então, fiz um trabalho sobre a influência do teatro no cinema dele e o que há de cinematográfico no teatro dele.

Portanto, o teatro não é de todo algo que esteja fora dos seus objectivos.

Nenhuma forma de arte está longe dos meus objectivos. Todas as formas de arte me atraem imensamente. Agora, tenho plena consciência que não se pode fazer bem tudo.

Então, e a arquitectura onde fica?

Aí está. Por isso é que eu deixei a arquitectura. Eventualmente, num dia em que eu tiver que remodelar um apartamento meu ou alguma coisa minha, terei todo o gosto em fazê-lo. Mas a arquitectura, enquanto forma de ganhar a vida, acabou completamente para mim.

Houve alguma desilusão nesse campo? Ou outro estímulo mais forte levou-a a tomar essa decisão tão drástica?

Eu costumo dizer uma coisa com que o Victor se ri muito, porque ele conheceu-me enquanto arquitecta: “Ó Victor, eu fartei-me de legalizar marquises”. E é verdade. Até onde é que podemos bater no fundo... Uma pessoa tira um curso cheia de ideais, acha que vai revolucionar a arquitectura, fazer coisas de habitação social magníficas, fazer obras importantes e boas para as pessoas e acaba a fazer projectos para o RECRIA, orçamentos, medições... Toda a parte artística da coisa estava posta de lado. Eu estava preocupada em pagar as contas, comer... mas achei que aquilo não era para mim. Tirei o curso de Arquitectura no Porto e depois estive a estagiar em Barcelona, onde



**A PEÇA “LONDRES”
[PREMIADA PELA SPA
E TEATRO ABERTO]
FOI A FORMA QUE EU
ENCONTREI PARA
CONSEGUIR SUPERAR
O CHOQUE QUE É TER
DOENTE UMA PESSOA
QUE NOS É MUITO, MUITO
QUERIDA**



vivi quatro anos. Trabalhei também lá com um arquitecto, colaborei com outros arquitectos e com um designer e depois abri a minha própria empresa cá – a Ubiquidade – juntamente com dois colegas, um deles do Canadá, que estava a viver em Madrid e outro de Lisboa, enquanto eu vivia no Porto: uma colaboração com cada um no seu sítio, daí o nome da empresa. Acabei por desistir, quando fui para o cinema. Eu fiz o curso de cinema já depois de me ter casado e de ter tido o meu filho. Acabei-o já tinha 37 anos.

Foi assim como que um chamamento, uma inspiração?

Eu sempre quis fazer cinema. E escrever.

O PRETO

A escrita surgiu primeiro, não foi?

Não quero ser pretensiosa, mas desde os 12 anos que escrevo. A minha forma de lidar com as coisas que eu não entendia - não tinha nada a ver com diário -, quando acontecia alguma coisa que me chocava ou surpreendia, era escrever. Lembro-me, por exemplo, que quando o meu avô teve um AVC à minha frente, tinha eu 12, 13 anos, fui escrever. Escrevi imenso sobre aquilo, para tentar superar o choque. Curiosamente, quando ele morreu, também foi à minha frente... Tive muito cedo consciência da doença e da mortalidade.

O negro que “veste” não só nos fatos que enverga como nas obras que produz tem alguma coisa a ver



SOU INCAPAZ DE FAZER TRABALHOS QUE NÃO GOSTO. MAS É PRECISO ARRANJAR FORMA DE SE GOSTAR DE QUASE TUDO AQUILO QUE TEMOS DE FAZER

com isso? Quando foi receber o prémio na SPA foi vestida de negro, tal como o preto surge no nome dos dois livros de contos que tem publicados - O Caderno Negro (2003) e A Fábrica da Noite (2010) – os filmes que faz são a preto e branco...

E o meu próximo livro de contos que vai sair agora, com a chancela da Babel, vai chamar-se, exactamente, *Preto e Branco*. O preto está lá, não há forma de lhe fugir. Tal como visto quase sempre de preto [em contrapartida, a casa antiga de paredes altas que agora alugou sobranceira ao Tejo, é luminosamente branca]. No Verão visto branco e tento usar um pouco de cor.

Sente a sua alma negra, é uma pessoa triste?

Não. Não sei se é o facto de ser do Porto. No Porto, as pessoas vestem-se mais de escuro, a cidade é mais cinzenta. Eu agora estou a reconciliar-me com a cor. Já consigo vestir cor, mas durante mais de uma década andava sempre de preto.

Mas a sua casa é toda branca!

Toda! Eu adoro a luz [a sua sala de leitura é um pequeno recanto fechado, só com plantas e uma janela enorme diante da cadeira de repouso, com uma paisagem deslumbrante sobre o estuário do rio!] Adoro o lado risonho e luminoso da vida! Não estou nada depressiva, nem sou enigmática.

A MORTE

E os seus contos são depressivos?

Não. Não têm propriamente finais felizes – mas já consegui fazer happy-endings, foi uma vitória muito grande – não são depressivos, são como a vida. A vida não é uma coisa alegre, animada e que acabe bem. Morre-se sempre no fim. Claro que há formas de encarar esse fim de forma luminosa. A morte parece uma grande desmancha-prazeres. Parece que saímos de cena, antes da cortina ter caído, porque há sempre mais coisas para descobrir, mais coisas para fazer e é uma chatice a gente morrer antes.

Não acredita na reencarnação?

Gostava imenso de acreditar. Tenho isso pendente, sei que mais tarde irei fazer as pazes com a religião. Andei num colégio católico durante cinco anos e



gostei imenso dessa educação. Sou cristã. Tenho muitas questões por resolver com respeito à religião. Se calhar, vivendo-as consigo resolvê-las. Mas essa da reencarnação não há maneira. Adorava acreditar que ainda vamos ter outras oportunidades de vir cá mais vezes e aperfeiçoar-nos, mas há qualquer coisa dentro de mim que me diz que eu tenho é de me aperfeiçoar nesta vida. Portanto, acho que se há algum aperfeiçoamento, é nesta vida que a gente tem de o fazer. Temos obrigação moral de a viver o melhor possível, de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para a tornar o melhor possível, para nós e para os outros.

Tem tempo para fazer tudo aquilo que tem entre mãos?

Faço por isso, mas custa-me. Tenho imensos projectos a meio, porque não há tempo para tudo. Tenho um filho, que é para já a minha prioridade máxima. Tudo o resto vem a seguir.

Mas o trabalho é essencial para depois se poder dedicar, como deseja, ao seu filho.

Claro que sim. É uma coisa quase ex-aequo. Mas, por exemplo, optei por trabalhar muitas vezes em casa, faço questão de ser sempre eu a levá-lo à escola e ir buscá-lo. E desde que ele chega a casa até adormecer estou com ele. Depois ligo o computador e sou capaz de estar até à 1 hora da madrugada a trabalhar, para depois poder levantar-me às 7 horas e levá-lo à escola. Tive que reorganizar a minha vida em função dele.

PAIXÕES

E agora, tanto quanto sei, vai dar aulas.

Vou dar aulas de História do Cinema, é mais História Visual (Visual History) – no fundo, é prática e teoria do cinema para não profissionais do cinema.

Onde?

Na Universidade da Madeira, no Mestrado de Entertainment Technology (Tecnologia do Entretenimento). É uma universidade americana (a Carnegie Mellon University, conhecida mundialmente pelos seus programas tecnológicos e de artes) que tem uma parceria com a Universidade da Madeira. Vou e venho de 15 em 15 dias. É só de Setembro a Dezembro. Lecionar cinema é uma coisa que me entusiasma!

Os seus pais têm alguma coisa a ver com a sua paixão?

Os meus pais estão reformados e eram ambos professores de Físico-Química no Ensino Secundário. Eu sou a ovelha negra da família. Fui para as artes. A minha irmã é advogada. Toda a gente tem profissões muito sérias naquela família. Eu descarrilei. Mas, de facto, não tenho antecedentes.

Mas ainda em relação ao prémio de teatro que recebeu este ano na SPA, acha que isso a vai impulsionar a fazer mais teatro?

Não sei, é imprevisível. Porque, por exemplo, eu não optei por escrever a peça de teatro, a peça é que optou por me obrigar a escrevê-la. Surgiu-me, eu não estava à procura de nada. Não digo que não. Mas eu agora, sinceramente, quero mesmo é escrever um romance. É o meu desafio máximo. Publiquei o meu último livro de contos o ano passado (*A Fábrica da Noite*) e tenho escrito mais contos. O próximo irá sair em 2012 e, como lhe disse, chama-se *A Preto e Branco*, mas antes disso queria publicar o meu romance.

Uma vez que está ligada às artes visuais, não se interessa por escrever telenovelas?

Telenovelas não, mas argumentos para filmes sim. Eu fiz o curso de Escrita de Argumentos para Longas-Metragens da Gulbenkian, com a London Film School, em 2006, além do curso de cinema na Restart, em 2007, o que me deu grande jeito, porque sou eu que escrevo os guiões para os meus filmes. Agora tenho um guião para uma longa, que eu gostaria muito de conseguir produzir. Lá está, mesmo que tenha que ser sem dinheiro, estou a fazer esforços por fazê-la mesmo sem dinheiro. Eu tenho que filmar aquela longa seja como for. É um projecto meu. Estes são os melhores filmes. São metas que eu imponho a mim própria.

PRIORIDADES

E em relação à peça de teatro, o facto de ser posta em livro e depois ser levada à cena, o que é que isso lhe faz sentir?

É magnífico! Um orgulho imenso! Acho que foi uma honra, realmente, ainda por cima no Teatro Aberto, com o João Lourenço a poder vir a encenar, é uma coisa que nem nos meus sonhos eu ousaria pensar vir a acontecer.

A sua peça *Londres* é um monólogo. Imagina como irá ser posta em cena?

É um monólogo, mas eu não sei pelo que o encenador vai optar. É escrito como se fosse uma mulher a falar, mas como se refere a outras personagens, concretamente ao pai e à mãe, o encenador terá a liberdade total de optar por pôr mais personagens em cena. Eu disse-o logo ao João Lourenço.

E não lhe apeteceu fazer um filme sobre o tema?

Acho que aquilo pode dar pano para mangas... Aquilo que eu já filmei até hoje não tem nada a ver com aquilo que eu quero filmar agora. O que eu quero filmar agora é esta longa, que já está escrita, tem cinco personagens que se cruzam entre si e é filmada no Porto. O que me interessa também, a curto prazo, é escrever e publicar o romance.

Porque, normalmente, tem feito curtas-metragens e documentários.

Sim. E agora tenho ainda um documentário para fazer sobre mulheres pintoras e mães – por isso estava a falar há pouco sobre a maternidade e o trabalho, que é uma questão com que me tenho debatido bastante –, como é que as artistas, especificamente as pintoras, conseguem conciliar as duas coisas. O tema tem a ver com esse outro projecto que eu tenho a meio sobre a Sarah Affonso, a mulher de Almada Negreiros.

E está a meio por falta de tempo?

Comecei a fazê-lo e o principal entrevistado que protagonizava o José Almada Negreiros entretanto faleceu de cancro e eu parei o projecto. E de cada vez que eu tentava editar as imagens, vinha-me completamente abaixo. Não conseguia lidar emocionalmente com aquela perda. Portanto, deixei passar algum tempo e acho que agora já sou capaz outra vez de pegar no projecto e acabá-lo, porque já está meio montado. Aliás, eu adoro a personagem que a Sarah foi, acho-a uma mulher incrível! A Sarah Affonso nasceu a 13 de Maio de 1899 e depois de cursar Belas Artes em Lisboa, partiu para Paris, onde a sua obra obteve bastante sucesso e reconhecimento. Em 1934, casou com José de Almada Negreiros, tornando-se na mulher de um dos mais importantes artistas portugueses de todos os tempos. Poucos anos mais tarde, deixou definitivamente a sua promissora carreira de pintora. Este documentário pretende responder a diversas questões: porque abandonou Sarah a pintura? Qual o papel desta mulher na vida de Almada? Qual a sua influência na obra dele e vice-versa? Como evoluiu o trabalho de ambos antes e depois de se conhecerem? Este documentário será uma viagem pela vida e obra de ambos os artistas, pela mão do seu filho José. Uma visita guiada ao mundo pessoal e artístico de Sarah Affonso e Almada Negreiros através daqueles que, de perto, tiveram o privilégio de os conhecer.

PRÉMIOS

A Cláudia colecciona prémios. Faz o primeiro documentário em 2007, o &etc., e obtém logo um prémio. Escreve a primeira peça de teatro,



TODAS AS FORMAS DE ARTE ME ATRAEM IMENSAMENTE. AGORA, TENHO PLENA CONSCIÊNCIA QUE NÃO SE PODE FAZER BEM TUDO



O MEU PRÓXIMO LIVRO DE CONTOS QUE VAI SAIR AGORA, VAI CHAMAR-SE PRETO E BRANCO. O PRETO ESTÁ LÁ, NÃO HÁ FORMA DE LHE FUGIR. TAL COMO VISTO QUASE SEMPRE DE PRETO

tão distantes como Cuba, Uruguai, Brasil e Índia. Foram feitos com muito trabalho, muitas horas de trabalho, mas com dois tostões.

Aquela teoria de que só se faz cinema com subsídio fica por terra consigo e com estes exemplos.

São tretas. São falta de imaginação, falta de vontade, não acredito nisso. Acho que se fazem as coisas com muito trabalho, isso sim, e muita criatividade, porque, quando não há dinheiro para se fazer cenários como deve ser, fazem-se cenários de papel. Que foi como eu fiz os d' *A Fábrica*. Muita criatividade e muito papelão e esferovite.

E, acima de tudo, muito boa vontade, porque, de facto, tive uma equipa maravilhosa e que pôs o trabalho dela de borla. O documentário *A Fábrica* foca uma fábrica automatizada isolada numa planície, com um único posto de trabalho: o de vigilante do funcionamento das máquinas.

Ela entra às nove da manhã e sai às nove da noite. Ele faz o turno inverso. Nunca se cruzam. Na sala de vigilância, ela gosta de ler, ele ouve jazz. E, aos poucos, através dos sinais que cada um deles deixa na sala, vão ficando curiosos acerca um do outro.

Aquele branco asséptico de *A Fábrica* que invade tudo, cenário e vestes das personagens, tem algum significado ou foi só para ficar mais barato?

Era uma homenagem ao Espaço 1999. Foi essa, de resto, a intenção de todo o filme.

Barcelona, onde estudou e viveu, tem muito a ver consigo, não é?

A minha passagem por Barcelona marcou-me muito. Para já, a forma de trabalhar e o rigor com que os catalães trabalham – têm um sentido e uma capacidade de trabalho extraordinários – e, por outro lado, aquela devoção ao design, tudo ser desenhado e concebido ao pormenor – tudo clean...

Vê-se mais como realizadora ou como escritora? Como classifica a sua obra?

Não consigo distinguir as duas. São aspectos diferentes da mesma coisa. Eu diria que sou uma contadora de histórias. E isso pode fazer-se através da escrita e da imagem. *Edite Esteves*

Londres, em 2011, tem outro...

E com *A Fábrica*, igualmente em 2007, uma curta a sério, também tive. Aliás, *A Fábrica* teve vários prémios. Fiquei muito orgulhosa deles. E o *&etc.* recebeu o Prémio Tobis para a melhor curta-metragem nacional no DocLisboa 2007 e o Prémio Caixa Geral de Depósitos para o melhor filme nacional [secção “Under 25”] no IMAGO

2007 - Festival Internacional de Cinema Jovem do Fundão. Tenho muita ternura pel' *A Fábrica*, que foi feito com dois tostões... e foi exibido em muitos festivais. Tive muito prazer que uma coisa que foi feita com tanta simplicidade tenha participado em tantos festivais nacionais e internacionais e tenha viajado pelo mundo! Os dois filmes mais baratos foram *&etc.* e *A Fábrica* e viajaram para lugares

FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

ALVES REDOL E MANUEL DA FONSECA HOMENAGEADOS NA SPA

MEDALHAS DE HONRA E CONFERÊNCIA MARCAM CENTENÁRIO DE NEO-REALISTAS

Alves Redol e Manuel da Fonseca. Dois dos mais importantes escritores portugueses do século XX, nascidos apenas com dois meses de diferença. Dois neo-realistas – aquele nascido no Ribatejo, este no Alto Alentejo -, cujas obras ultrapassam o período temporal das suas vidas e continuam tão vivas como quando surgiram. Dois escritores carregados de intencionalidade nos conteúdos literários, a par dos seus percursos políticos e sociais.

Ambos lutando do lado da lá da trincheira contra a política salazarista vigente. Os dois exaltando à acção, o primeiro com maior vigor prático e palavras de ordem, o segundo com a subtilidade de um lirismo que pretendia, afinal, atingir o mesmo fim, mas com outra forma, outras “seduções”.

Os dois cooperadores activos da SPA. Indissociáveis de um bloco de escribas e de figuras da cultura, que conduziram, anos mais tarde, ao reforço do rompimento com o sistema e à explosão da democracia, que tanto almejavam e serviram por intermédio das suas palavras literárias e das suas acções cívicas.

“Que poéticas?”

Neste ano em que se comemora o centenário do seu nascimento, e porque a acção de ambos foi determinante para um Portugal mais digno e mais rico, a Sociedade Portuguesa de Autores fez questão de assinalar a efeméride, no dia 22 de Setembro, atribuindo-lhes, a título póstumo, através dos seus familiares, a Medalha de Honra da cooperativa, uma forma de celebrar os autores que representa. Na mesma sessão, convidou ainda a professora catedrática da Faculdade de Letras de Lisboa e também cooperadora da SPA Maria Alzira Seixo, que proferiu uma conferência muito viva subordinada ao tema “Redol e Fonseca: que neo-realismo? Que poéticas? Que interesse em ler estes autores hoje?”

Na cerimónia formal de entrega das Medalhas de Honra,

PRÉMIO CARLOS PORTO/FESTIVAL DE TEATRO DE ALMADA DISTINGUE REPORTAGEM DE JORNALISTA DO PÚBLICO

Tiago Bartolomeu Costa, jornalista e crítico de teatro e dança do jornal Público recebeu, no passado dia 28 de Setembro, o Prémio Internacional de Jornalismo Carlos Porto 2011, após a estreia no Teatro Municipal de Almada da peça “Não se Brinca com o Amor”, apresentada pelos Artistas Unidos, com lotação esgotada. O Prémio Internacional de Jornalismo Carlos Porto/Festival de Almada distingue, anualmente, a melhor reportagem publicada na imprensa sobre este festival.

No seu discurso de agradecimento, Tiago Bartolomeu Costa referiu que “o nome

de Carlos Porto, mais do que um nome, é um mestre, um gestor hábil da ideia e da palavra. Um guia que sempre nos guiou, a nós que escolhemos, todos os dias, fazer dos nossos dias, dias de escrita.” Por outro lado, agradeceu também aos responsáveis pela organização do Festival de Teatro de Almada que, desde 1984, “ajuda a fazer a história do teatro em Portugal”.

PRÉMIO LITERÁRIO RUY CINATTI PROMOVE O PORTUGUÊS EM TIMOR

A primeira edição do Prémio Literário Ruy Cinatti, que decorreu em 2010, tem já uma laureada, a jovem Cidália Cruz, de Dare, distrito de Díli, finalista do curso de Língua Portuguesa na Universidade Nacional de Timor Lorosa'e. A cerimónia de anúncio do prémio criado em Março de 2010 pela

primeira à viúva de Manuel da Fonseca, Hermínia da Fonseca, e depois ao filho de Alves Redol, António Mota Redol, o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA valorizou o facto de “ambos se terem batido na escrita por valores cívicos e sociais sem nunca abdicarem da estética”. “Serão sempre importantes a criação de uma consciência cívica e social e o entendimento da literatura”, sublinhou.

Autora de uma vasta obra ensaística, Maria Alzira Seixo, distinguida este ano com o Prémio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora, e especialista, entre outras, na obra destes dois grandes escritores neo-realistas, mormente em Manuel da Fonseca, dado que a sua tese de doutoramento focou o seu romance *Seara de Vento* (1958), deixou-se embalar pela obra dos dois escritores. Pelas suas semelhanças de conteúdo na luta pela justiça, na defesa dos mais fracos e explorados; mas também pelas duas dissonâncias naturais, sobretudo pelo lado mais focado na comunidade de Redol e no que diz respeito ao indivíduo por parte de Manuel da Fonseca. Na exaltação a uma acção, a partir da observação directa e constante dos personagens e da sua reacção à opressão em Redol, com incidência no mundo campesino, e no espraiair poético e de grande contista de Manuel da Fonseca, tal como as planuras do seu Alentejo, a sua solidão e o seu ritmo arrastado. Que interesse existe em ler estes autores hoje? A conferencista responde: “O mais importante do neo-realismo hoje é que estamos a viver num mundo em que cada vez existem mais explorados e mais exploradores, incompetentes e incapazes.”

Foi com três peças de cariz poético da autoria de Manuel da Fonseca, muito bem escolhidas e muito bem lidas por Maria Alzira Seixo, que a ensaísta deu por terminada a sua “lição” sobre estes dois “gigantes” da literatura do século XX português. “Escancarando o sol!”, como o poeta fecha, de maneira espectacular e lírica, a sua profunda e bela “Ansiedade”. *Edite Esteves*

Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) ocorreu no passado dia 11 de Abril, na Escola Portuguesa de Díli.

O prémio destina-se a distinguir anualmente uma obra literária original, prosa ou poesia, escrita em língua portuguesa por um autor de nacionalidade timorense. Adoptando o nome do seu patrono, o poeta e antropólogo Ruy Cinatti, este prémio tem um júri composto por personalidades portuguesas e timorenses, nomeado em cada ano, pela INCM e pelo Centro Cultural do Instituto Camões em Díli. Para esta primeira edição, presidiu ao júri o professor doutor Carlos Reis.

O vencedor de cada edição verá a sua obra editada pela INCM no ano seguinte ao da atribuição do prémio e receberá também um prémio pecuniário.

O POETA QUE ESCREVEU O ROMANCE “UM AMOR FELIZ”

DAVID-MOURÃO FERREIRA EVOCADO PASSADOS 15 ANOS SOBRE A SUA MORTE

Mais do que o poeta que cantou o amor com a sensibilidade de uma vivência intensa e de um deslumbramento constante, David Mourão-Ferreira foi um clássico da modernidade, um dramaturgo, ensaísta notável, ficcionista e até letrista para fados cantados por Amália. O seu ponto mais alto, aliás, atingiu-o com o romance “Um Amor Feliz”, dado à estampa em 1986, que lhe valeu vários prémios, entre os quais o Grande Prémio de Romance da APE e o Prémio de Narrativa do Pen Clube Português.

Em Junho, passaram 15 anos sobre a sua morte. E a Sociedade Portuguesa de Autores, de que David Mourão-Ferreira foi secretário-geral, de 1963 a 1973, presidente da Assembleia-Geral desde Janeiro de 1995 até à sua morte em 1996, e que o consagrou com o Prémio de Carreira, também em 1966, no mesmo ano em que recebia a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada, não podia deixar de o evocar nesta efeméride.

Aliás, o mesmo aconteceu com vários amigos e companheiros de lides culturais e artísticas daquele que desempenhou também, entre outros cargos, o de Secretário de Estado da Cultura, de 1976 a Janeiro de 1978, e em 1979.

A Presença reeditou o livro de contos “As Quatro Estações”. Mas, doravante, segundo afirmou o seu filho, David Ferreira, numa entrevista ao Público, as reedições e a edição de inéditos de David Mourão-Ferreira vão ter a direcção de uma professora catedrática italiana, Fernanda Toriello. “Tem feito um trabalho notável na Universidade de Bari, onde é responsável pela Cátedra David Mourão-Ferreira de Língua e Literaturas Lusófonas”, explicou, sublinhando: “Gostaríamos muito de ver envolvidas neste trabalho pessoas que sabem muito da obra do meu pai. O Vasco Graça Moura, o Eugénio Lisboa, o Fernando Pinto do Amaral, a Teresa Martins Marques, a Joana Varela.”

Também a jornalista e poeta Maria Augusta Silva, no site Casal das Letras, que mantém com Pedro Foyos, dedica um texto ao seu amigo David, que tituló como “As palavras vivas de um poeta maior”. Acaba assim a sua crónica, postada no dia 16 de Junho passado:

“Completam-se hoje quinze anos da sua morte. Morreu? David Mourão-Ferreira é alguém com quem apetece, sempre, marcar encontro. Ir com ele, de novo, pelas ruas e jardins da sua Lisboa, sorvendo-lhe o saber, a elegância e a alegria; aprendendo a ver o encantamento e as memórias, as coisas e as pessoas por meio do seu olhar sedutor e maior.” EE

PRÉMIO ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO NÃO FOI ATRIBUÍDO EM EDIÇÃO INAUGURAL

O Prémio Literário António Rebordão Navarro, destinado a galardoar, alternadamente, primeiras obras de ficção narrativa (romance ou novela) e poesia publicadas em cada ano, não foi atribuído nesta sua primeira edição, em 2011, por decisão unânime do júri. A área de ficção inaugurava o prémio, que tem o valor pecuniário de 2500 euros. Para mais informações contactar o DACRE (Departamento de Actividades Culturais e Relações Externas) pelo telefone 21 359 44 78 ou via e-mail: dacre@spautores.pt.

DUPLA JOSÉ JORGE LETRIA-ANDRÉ LETRIA "RECOMENDADA" PARA JOVENS

"AVÔ, CONTA OUTRA VEZ" GANHA PRÉMIO FNLIJ 2011 NO BRASIL

O livro *Avô, Conta Outra Vez*, com texto de autoria de José Jorge Letria e ilustrações do seu filho André Letria, ganhou o Prémio FNLIJ 2011 de melhor título publicado em 2010 no Brasil na categoria Literatura em Língua Portuguesa.

Este é o quarto título do autor português, presidente da Direcção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, publicado pela Peirópolis. Dos quatro, três são em parceria com o seu filho, tal como aconteceu com este agora distinguido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que recebeu também o prestigioso selo "Altamente Recomendável 2011", concedido anualmente pela FNLIJ ao melhor da produção editorial brasileira para crianças e jovens.

A parceria portuguesa José Jorge Letria-André Letria arrecadou ainda um outro selo de "Altamente Recomendável 2011" na mesma categoria com o título *Versos para os pais lerem aos filhos em noites de luar*, publicado igualmente no Brasil pela Editora Peirópolis, a qual marcou presença nesta importante lista com mais dois livros, *Demônios em quadrinhos* na categoria Jovem e *O guia completo dos dinossauros do Brasil* na categoria Informativo.

UMA DUPLA FAMILIAR IMPARÁVEL

Pai (José Jorge Letria) e filho (André Letria) são mesmo uma dupla familiar imparável, quer no talento, quer na produção.

A obra agora premiada no Brasil pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil "como o melhor livro em língua portuguesa para os

mais novos" foi editada em Portugal em 2008 pela Ambar, mas chegou ao Brasil no ano passado através da edição da Peirópolis.

Que avô ou avó não deseja contar aos netos as histórias que permaneceram na memória da sua infância? Que neto não gosta de ouvir aquilo que os avós, com mais tempo e tranquilidade que os pais, têm para lhes contar? Este livro de José Jorge Letria e André Letria, pai e filho com vasta obra já criada em parceria, celebra esses momentos mágicos que são os de partilha de memórias e de comunicação afectuosa entre os mais velhos e os mais novos, todos sem idade no momento da festa de contar e ouvir contar. Um livro para avós, pais e netos se lembrarem sempre do valor da palavra e da ternura que é capaz de unir gerações.

A escrita poética e ritmada do autor explora a relação afectiva com o neto e com as histórias que lhe vai contando enquanto cresce. "*Tenho em casa um saco cheio/de histórias para te contar/e só ando a fazer tempo/para as poderes escutar*" (...) "*E quando eu enfim as contar,/enquanto tu as não lês,/só espero ouvir-te dizer: 'Ó avô, conta outra vez'.*" E as ilustrações revelam a cumplicidade própria de quem conhece bem o universo das palavras escolhidas.

Uma dupla portuguesa que, tal como o livro que acabam de ver distinguido no Brasil, é "altamente recomendável" para todas as gerações e, especialmente, para os mais pequenos começarem a gostar de ler e desfolhar as páginas de um livro com o aliciante de uma escrita aconchegante e de ilustrações mágicas.

À semelhança de *Avô, Conta Outra Vez*, o outro título desta parceria igualmente distinguido com o selo de "Altamente Recomendável 2011", *Versos para os Pais Lerem aos Filhos em Noites de Luar* é um livro de versos carregados de ternura e imaginação que pretende fazer a ponte entre pais e filhos, entre avós e netos, num tempo cada vez mais vazio de sonho e de afecto. Um livro que será lido com prazer pelos mais velhos para os mais novos, para incutir neles a paixão pela leitura. Um livro de todas as idades e para todas as idades que guarda em si, intacto, o tesouro da infância. Versos onde se cruza a lembrança do passado com o sabor do futuro. Um livro em que a poesia é vivida como um acto de amor. **EE**

CINEMA PORTUGUÊS PREMIADO NO BRASIL

"AMÉRICA" E "JOSÉ E PILAR" ENTRE DISTINGUIDOS NO CINEPORT

Portugal arrecadou quatro prémios no Festival de Cinema dos Países de Língua Portuguesa, que decorreu na cidade de João Pessoa, no Brasil. O realizador João Nuno Pinto, pelo filme *América*, e o documentário *José e Pilar*, de Miguel Gonçalves Mendes, foram dois dos premiados na 5ª edição do CinePort que decorreu até dia 25 de Setembro.

A João Nuno Pinto foi atribuído o prémio de Melhor Realização, segundo a lista divulgada na noite de sexta-feira pela organização do festival e citada pela agência Lusa. Raul Solnado, que teve o seu derradeiro papel no cinema na primeira longa-metragem do realizador, foi distinguido com o prémio de Melhor Actor Secundário.

José e Pilar, sobre José Saramago e Pilar del Rio, candidato português aos Óscares, foi considerado o Melhor Documentário. A lista de premiados contempla ainda, com a Melhor Montagem, o filme de Susana Sousa Dias *48*, que se constrói a partir de um núcleo de fotografias de prisioneiros

políticos dos 48 anos da ditadura portuguesa. Já a longa-metragem de Marco Martins *Como desenhar um círculo perfeito*, recebeu o prémio para a Melhor Música, que será entregue a Bernardo Sassetti.

"JOSÉ E PILAR" NAS SALAS DE CINEMA DOS EUA EM SETEMBRO

PETIÇÃO PROPÕE AO ICA LEVAR FILME AOS ÓSCARES DE HOLLYWOOD

A obra *José e Pilar*, que retrata a vida do Nobel da Literatura, José Saramago, consagrado este ano como Melhor Filme pela Sociedade Portuguesa de Autores, chegou às salas de cinema dos Estados Unidos em Setembro, e só desta forma poderá ser candidata aos Óscares, na categoria de Melhor Filme Estrangeiro. Para tal deve ser indicado pelo Instituto do Cinema e Audiovisual (ICA). O blogue cinéfilo Split Screen fez circular na Internet uma petição, que propõe ao ICA levar o filme documental *José e Pilar* como concorrente português aos prémios dos Óscares, em Hollywood. Recorde-se que Portugal nunca conseguiu uma nomeação para aquela categoria. Em Los Angeles, só serão conhecidos

os nomeados a 24 de Janeiro de 2012 e a cerimónia de entrega decorrerá a 26 de Fevereiro. A petição proposta pelo Split Screen contava com cerca de 1400 assinaturas, a 15 de Julho passado. O filme da direcção de Miguel Gonçalves Mendes em co-produção com Portugal, Espanha e Brasil teve a sua estreia comercial em Portugal, em Novembro de 2010. *José e Pilar* faz o retrato do dia-a-dia do Nobel e da escrita do seu penúltimo livro a ser editado, *A Viagem do Elefante*. Alguns foram os prémios arrecadados por *José e Pilar*, tanto nacionais como internacionais, incluindo Melhor Filme pela Sociedade Portuguesa de Autores e Melhor Filme Documental pela Academia Brasileira do Cinema, tendo recebido excelentes críticas da *Variety* e *Cahiers du Cinema*, entre outras publicações da especialidade.

JOSÉ CID E QUARTETO 1111 AGRACIADOS EM COIMBRA COM MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DA CIDADE

José Cid e o Quarteto 1111 foram agraciados no passado dia 26 de Maio com a Medalha de Mérito Cultural pela Câmara de Coimbra e pela Casa de Cultura daquela cidade.

"Sinto-me muito orgulhoso e honrado, porque já são seis décadas a cantar em Coimbra. Em miúdo já fugia do colégio para ir cantar e foi aqui que conheci os músicos da minha primeira banda, os Babies, em 1956. Por isso, já são muitos anos ligado a esta cidade", admitiu, na ocasião, José Cid, já galardoado com o Prémio Consagração de Carreira 2009 pela Sociedade Portuguesa de Autores. Como Coimbra comemora 900 anos de foral, concedidos em 1111, José Cid, Tozé Brito, Mike Sergeant e Michel Silveira, membros do carismático Quarteto 1111, foram todos agraciados. Depois, José Cid cantou num palco natural em frente à Igreja de Santa Cruz e apresentou um projecto que tem com guitarras de Coimbra e textos de grandes poetas portugueses. Cantou ele e dois músicos convidados, Nilde Grave e Zé Perdigão. Passados dois dias, José Cid esteve no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, onde fez a primeira parte do espectáculo de Julio Iglesias, "o maior cantor ibérico de sempre", na sua opinião. José Cid, que cantou seis baladas, disse que esta oportunidade foi para ele "uma grande honra e responsabilidade".

GRANDE PRÉMIO DE ROMANCE E NOVELA DA APE ENTRE "ELEITOS"

“Uma Viagem à Índia” continua a valer distinções a Gonçalo M. Tavares

Uma Viagem à Índia, epopeia contemporânea inovadora na linha de *Os Lusíadas* de Camões publicada em Outubro de 2010 pela Caminho, continua a valer prémios a Gonçalo M. Tavares. Em 27 de Junho, foi a Associação Portuguesa de Escritores (APE), em conjunto com o Ministério da Cultura (MC), que lhe atribuiu o Grande Prémio de Romance e Novela, uma das distinções mais importantes do país.

“Os prémios são uma alegria e uma honra, mas para um escritor o importante é o seu percurso”, reafirmou o jovem escritor, nascido em Angola em 1970, ao tomar conhecimento de mais esta distinção para o seu “extraordinário livro”, conforme o classificou Vasco Graça Moura, quando, em Novembro do ano passado, foi apresentado no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. A decisão de distinguir o jovem escritor, no entanto, não foi pacífica para o júri do prémio. Um comunicado da direcção da APE refere que foi escolhido “por maioria”, tendo o júri sido constituído por José Correia Tavares, Cristina Robalo Cordeiro, Fernando Dacosta, Isabel Cristina Rodrigues, José Manuel de Vasconcelos e Violante Magalhães, Isabel Cristina Rodrigues e José Manuel de Vasconcelos. Os dois últimos votaram em *A Cidade do Homem*, de Amadeu Lopes Sabino.

É o próprio secretário de Estado da Cultura e escritor, Francisco José Viegas, quem elogia de forma determinante a obra ora premiada nestes termos:

“Trata-se de uma dupla distinção – em primeiro lugar, a um livro original, a uma obra que de certa maneira reavalia a forma como a literatura se cruza com a história, a herança camoniana, o desvario português da viagem. É um livro ambicioso e monumental, um romance – apesar da sua forma versificada – que ninguém pode daqui em diante ignorar. Em segundo lugar, é uma distinção a um autor que, nos últimos dez anos, atravessou todas as referências na nossa literatura. Depois de *Jerusalém*, seria impossível não perceber a sua grandeza e a forma como iria ser tão importante. O seu trabalho merece esta distinção e as que têm perseguido o seu talento em todo o mundo.”

A obra premiada, *Uma Viagem à Índia*, já tinha recebido outras distinções como o Prémio Melhor Narrativa Ficcional 2010 da Sociedade Portuguesa de Autores e o Prémio Especial de Imprensa Melhor Livro 2010 Ler/Booktailors. Este ano foram admitidas a concurso 99 obras, “mais 14 do que no ano passado” - correspondendo a “99 escritores, 74 homens, 25 mulheres, tendo a chancela de 43 editoras”,

de acordo com os dados da APE.

O Grande Prémio de Romance e Novela, que atribui 15 mil euros ao vencedor, já distinguiu nomes como Vergílio Ferreira, António Lobo Antunes, Agustina Bessa-Luís e Maria Gabriela Llansol de entre os 25 autores, de 16 editoras, premiados.

Gonçalo M. Tavares conta já com 29 livros publicados em apenas 10 anos, onde se incluem romances, livros de contos, peças de teatro, uma epopeia, ensaios e poesia.

As obras deste autor de 40 anos já inspiraram peças de teatro, ópera, peças radiofónicas, curtas-metragens,

objectos de artes plásticas, vídeos de arte, performances, projectos arquitectónicos e teses académicas em diversos países, segundo o seu blogue. O escritor já recebeu alguns dos mais importantes prémios da literatura em língua portuguesa como o Prémio Portugal Telecom 2007, o Prémio José Saramago 2005 e o Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores.

Gonçalo M. Tavares foi ainda seleccionado, também com *Uma Viagem à Índia*, para a lista dos dez finalistas do Prémio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa 2011, divulgados no dia 14 de Setembro, em São Paulo, no Brasil. Entre os dez finalistas deste concurso, figura só um outro português, igualmente cooperador da SPA: João Tordo com *As*

Três Vidas. O júri final irá eleger em Novembro próximo os três livros vencedores.

Gonçalo M. Tavares tem 160 traduções de obras suas em curso com edição em 35 países e o seu romance *Jerusalém* consta da lista 1001 Livros Para Ler Antes de Morrer - Um Guia Cronológico dos Mais Importantes Romances de Todos os Tempos.

“*Senhor Kraus*” recebe Prémio Literário Jovens Europeus

Senhor Kraus, um dos habitantes do Bairro criado por este escritor português, recebeu, por seu turno, o Prémio Literário dos Jovens Europeus. Este galardão, atribuído pela Escola Europeia de Comércio, em França, foi recebido por Gonçalo M. Tavares no passado dia 2 de Junho, na cidade de Lyon. A escolha desta obra deveu-se ao facto de os alunos desta escola terem encontrado nela semelhanças com o que se passa, actualmente, na vida política francesa. *Senhor Kraus*, publicado pela Caminho em 2005, é o quinto livro da série *O Bairro*, que já conta com 10 livros. **EE**



FOTOS: JOSE PEDRO SANTA BARBARA

FESTIVAL DE SAN SEBASTIAN

JOÃO CANIJO RECEBEU PRÉMIO DA CRÍTICA

Primeiro, uma menção honrosa. Agora, o Prémio da Crítica Internacional. O filme “Sangue do meu Sangue”, do realizador João Canijo, recebeu, no passado dia 24 de Setembro, mais um galardão não oficial do Festival de San Sebastian (Espanha). Em competição por este prémio estavam outros 15 filmes. O novo trabalho de Canijo assegurou a difusão na televisão pública espanhola ao receber a menção honrosa na atribuição do prémio Otra Mirada da TVE. O filme estreia em Portugal a 6 de Outubro e continuará a ser exibido em festivais internacionais.

[DIA DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA CULTURA NA CPLP](#)

LISBOA ASSINALA DATA NO INSTITUTO CAMÕES COM EXPOSIÇÃO, LEITURA E SESSÃO DE MÚSICA

Uma exposição de livros de autores de língua portuguesa traduzidos para outros idiomas, a leitura de textos literários de língua portuguesa e uma sessão de música com letras de poetas lusófonos pelo ex-presidente da Sociedade Portuguesa de Autores e cantor Manuel Freire, assinalaram em Lisboa, no Instituto Camões (IC), a 5 de Maio, o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Manuel Freire, conhecido pela sua interpretação de “Pedra Filosofal”, é autor de um álbum com o seu nome, de 1979, em que musicou poemas de destacados escritores portugueses, nomeadamente de António Gedeão, José Gomes Ferreira, Fernando Assis Pacheco, Eduardo Olímpio, Sidónio Muralha e José Saramago. A rede no exterior de centros culturais, centros de língua e leitorados do IC e as embaixadas portuguesas marcaram também a data com “cadeias de leitura” de autores de língua portuguesa, a exibição de filmes de criadores dos oito países da CPLP e outras actividades, por vezes em parceria com as representações dos restantes estados membros.

O sítio do IC na internet criou, entretanto, uma página dedicada à data, onde a par de notícias e referências aos eventos programados, podem ser lidos textos de autores de língua portuguesa.

Trata-se da segunda vez que os países da CPLP comemoram este dia, instituído a 20 de Julho de 2009, por resolução da XIV Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da CPLP, realizada na Cidade da Praia, Cabo Verde.

O documento da CPLP justificava a decisão pelo facto de a língua portuguesa constituir, entre os povos da comunidade, “um vínculo histórico e um património comum resultantes de uma convivência multissecular que deve ser valorizada”.



FOTOS: ALFREDO ANTONIO

A TÉCNICA DE MEISNER EXPLICADA POR JOHN FREY

“O actor tem de aprender a reagir com o coração e não com a razão”

A língua inglesa, apesar de muitas vezes não ter sido objecto de tradução imediata, não constituiu grande entrave à compreensão da anunciada Técnica de Meisner, que muitos dos presentes no Auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA, na tarde de 26 de Maio, tanto ansiavam por saber pormenores. O especialista John Frey, actor, encenador e dramaturgo americano, que se encontra em Portugal para ministrar cursos sobre essa técnica de representação aos actores portugueses, foi muito explícito na sua apresentação ao longo de mais de uma hora.

Aliás, Isabel Medina, responsável por mais esta sessão teórico-prática sobre dramaturgia, desde logo anunciou o processo que o seu convidado iria ali apresentar como algo de muito simples, mas com resultados extra. Dizia ela no programa: “A Técnica de Meisner é considerada uma das formas mais eficazes do actor se libertar das suas inibições intelectuais, psicológicas e pessoais” e “dela fazem parte um conjunto de exercícios específicos que conduzem a representação a um estado de verdade, de emoção, de viver o momento.”

De facto, por palavras simples e frases repetidas vezes sem conta, através de “lemas” todos com o mesmo sentido, e servindo-se depois dos actores que levou para exemplificar as ferramentas que emprega para jogar este jogo com êxito, John Frey deixou bem clara a intenção que Meisner – o inventor do processo – lhe transmitiu e ele adoptou como base sólida para o treino de ser actor. “De acordo com esta técnica, o actor tem de aprender a reagir genuinamente às circunstâncias

imaginárias. Toda a actuação tem de vir do coração e não da razão, tem de ser um impulso”, explicou Frey, acentuando: “O actor tem de aprender a trabalhar com os seus sentimentos, tem de aprender a revelá-los, a mostrar a sua humanidade. Tem de deixar cair as guardas, deixar-se ir com o que está a acontecer e imbuir-se da sua humanidade. Enfim, reagir com espontaneidade. E quanto maior for a contracena, mais tem de responder com verdade e emoção, formando uma bola de neve e reacções.”

E se a reacção for natural, acrescenta, “uma branca é só mais um estímulo que estamos a dar à pessoa com quem estamos a contracenar ou, no caso de um monólogo, à personagem que imaginamos para nosso interlocutor invisível”.

E assim o actor constrói a personagem, segundo esta técnica, que foi exemplificada na sessão com alguns exercícios – a repetição da mesma palavra ou da mesma frase feita por dois actores frente a frente e que vão proporcionando várias entoações diferentes para obterem reacções diversas e ainda com cenas em que entram mais actores e há diálogo. Sandra Celas, Francisco Côte-Real e Carlos Martins foram os actores que John Frey disponibilizou para mostrar a técnica que desenvolve nos seus cursos, que têm uma duração de oito meses. John Frey, que esteve já durante os dois últimos anos em Portugal a dar esta técnica, irá ministrar novo curso, de Outubro a meio de Maio próximo. Para consultar o programa das aulas e saber mais sobre a Técnica de Meisner, consultar o seu site www.johnfrey.net. **Edite Esteves**

“A AVENTURA DE FAZER RIR”

ANA BRITO E CUNHA E ALEXANDRE FERREIRA DERAM “AULA PRÁTICA” AO VIVO NA SPA

Fazer rir é dos desafios maiores para um actor. Fazer rir, sozinho em palco, é como andar no trapézio sem rede. Como se preparam os actores? Estudam exaustivamente o texto? Improvisam? Definem objectivos? Que temas utilizam?

Estas e muitas outras perguntas foram respondidas, no passado dia 29 de Setembro, pelos actores Ana Brito e Cunha e Alexandre Ferreira, em mais uma conversa informal no Auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA. Conversa no âmbito das tertúlias ora organizadas por Isabel Medina, na última quinta-feira de cada mês, seguindo o Ciclo Jaime Salazar Sampaio “A Dramaturgia e as Artes do Espectáculo”, pelo qual ficou responsável, após a morte do dramaturgo que lhe deu o nome e o orientou naquele espaço ao longo de muitas e muitas sessões.

Para complementar a “aula prática”, os conhecidos actores não só conversaram abertamente com o público presente, como animaram o debate com alguns trechos dos seus espectáculos, registando mais um momento alto para o arquivo de eventos culturais que a SPA promove com regularidade, procurando cobrir todas as áreas dos autores que representa.

JORGE CASTRO GUEDES LANÇA EM VIANA “DO OUTRO LADO DA MÁSCARA”

O livro “Do Outro Lado da Máscara - Ensaios Teatrais Politicamente Incorrectos”, de Jorge Castro Guedes, editado pela letras&coisas e distribuído pelo jornal Público no Dia Mundial do Teatro, a 27 de Março, foi apresentado, oficialmente, no sábado passado, dia 1 de Outubro, pelas 11 horas, na sede do Sport Club Vianense, de Viana do Castelo.

A apresentação do livro esteve a cargo do professor doutor Mário Vieira de Carvalho (ex-secretário de Estado da Cultura e autor do posfácio) e a organização foi da Câmara Municipal de Viana do Castelo e do Centro Cultural do Alto-Minho, no âmbito de outras iniciativas idênticas no “1º Feirão Luso-Galaico do Livro de Poesia e Teatro”.

ENCONTRADO INÉDITO DE ENID BLYTON ENTRE MANUSCRITOS LEILOADOS EM INGLATERRA

A imprensa britânica noticiou, no final de Fevereiro, que foi encontrado um texto inédito da escritora Enid Blyton, autora da saga “Os Cinco”. A história de 180 páginas, intitulada

“Mr Tumpy’s Caravan”, foi descoberta entre um conjunto de manuscritos que foram leiloados em Setembro de 2010.

O conjunto de documentos foi adquirido por 47 mil euros pela Seven Stories, uma organização britânica dedicada à literatura para a infância, e descoberto pela arquivista Hannan Green. “Mr. Tumpy’s Caravan”, documento dactilografado e com pequenas anotações manuscritas, conta a história de uma caravana com vida própria, que possui pés e cabeça. Embora não esteja datado, apresenta uma morada - de Buckinghamshire - onde Enid Blyton viveu até 1938. De acordo com o jornal The Guardian, julgava-se que o documento era uma versão do livro “Mr Tumpy and his Caravan”, que apresenta banda desenhada, mas a filha mais nova de Enid Blyton, Imogen Smallwood, garantiu à BBC que esta é uma história nova.

Enid Blyton morreu em 1968 com 71 anos. É uma das mais amadas escritoras inglesas para o público infanto-juvenil, tendo assinado as aventuras de Noddy e de “Os Cinco”.

Ao todo, publicou perto de 800 livros, traduzidos em mais de 40 línguas. Em todo o mundo, estima-se que tenham sido vendidos mais de 500 milhões de exemplares das suas obras.

EXPOSIÇÃO RECORDA JOSÉ NIZA E A CANÇÃO “E DEPOIS DO ADEUS”

É inaugurada no próximo dia 13 de Outubro, às 18h30, na Sala-Galeria Carlos Paredes, no edifício 2 da SPA, uma exposição dedicada à canção “E Depois do Adeus”, primeira senha radiofónica do movimento libertador do 25 de Abril. Com texto de José Niza, música de José Calvário e interpretação de Paulo de Carvalho, essa foi a canção vencedora do Festival RTP da Canção em 1974.

Esta exposição, organizada com o apoio da SPA, esteve patente ao público em Santarém, no passado mês de Abril, como forma de homenagem aos autores e ao intérprete.

A exposição, que ficará patente até ao final do ano, será uma evocação especial da figura de José Niza, um dos nomes mais importantes da música portuguesa das últimas décadas e presidente da Assembleia Geral da SPA, falecido em 23 de Setembro passado.

Lisboa, 30 de Setembro de 2011
O Conselho de Administração



CENOGRAFIA MÁGICA CONSTRÓI “O DESTINO DAS FADAS”

O imaginário da doce Matilde acorda em nós sensações de criança

O imaginário fantasioso da doce Matilde não podia estar mais bem materializado... A cenografia montada por Fernando Filipe na sala Carlos Paredes da SPA, com o apoio discreto e indispensável de António Torrado e o apontamento certificado de Leonor Riscado, fizeram da exposição de homenagem a Matilde Rosa Araújo, para assinalar os 90 anos do seu nascimento, um verdadeiro conto de fadas ao vivo.

Em canto recanto, em cada peça íntima, no sofá onde costumava escrever, em cada livro que editou, nas múltiplas bonecas espalhadas pelo chão, delícia de miúdos e graúdos, nas reconstruções em tamanho natural dos seus personagens, em particular do Palhaço Verde que debruça a porta de entrada a receber o visitante, em cada pormenor desta “casa de sonho” construída com os “tijolos” moldados pela escritora, sente-se a “fada mãe”, os pós lançados pela varinha mágica da boa Tila.

É o encantamento dos nossos olhos de criança, ansiosos pelas palavras fantásticas que sopram como teclas melodiosas aos nossos ouvidos. O imaginário dos contos escutados e lidos com voz macia a desencadear sensações únicas em vivências imaginárias...

No seio de “O destino das fadas” – assim se chama a exposição -, voltamos todos nós, invariavelmente, a acordar aquelas sensações de criança que dormem no nosso interior e que só elas sabem traduzir palavra a palavra, gesto a gesto, sonho a sonho. Voltamos a ser crianças. Matilde Rosa Araújo sempre teve e tem esse condão. Torna-nos vulneráveis, permissíveis ao humor e ao riso, às lágrimas e aos abraços. A sala parece querer explodir de ternura.

Ao longo da sua extensa vida, em que soube de maneira exemplar distribuir afectos por toda a gente com quem privava e por todos os pequenos e grandes leitores das suas obras, Matilde deu-se de corpo e alma. “Com doçura, mas também com um espírito de humor singular e uma ponta de criticismo muito a propósito, lutando, ao mesmo tempo, pela humanização crescente do ser pensante e pela justiça a tempo inteiro”, como fez notar José Jorge Letria, ao fazer as honras de anfitrião desta bela exposição, na sua inauguração a 20 de Junho.

“Esta é a primeira grande exposição dedicada a Matilde Rosa Araújo após a sua morte”, a 6 de Julho do ano passado, que, disse, “a SPA fez questão de organizar, num gesto de profunda gratidão pela dedicação



e generosidade ímpares que sempre manifestou em relação à causa da sua casa de autores”.

“Matilde semeou amor por onde passou”

“Matilde semeou amor por onde passou. Não materializou esse amor na sua prole, mas deixou uma herança enorme: além de fada, ela foi uma extraordinária construtora do futuro”, sublinhou o presidente da SPA, rematando: “De cada vez que lemos a Matilde, podemos dizer: é o futuro de Portugal que está a começar.”

José Jorge Letria fez questão de enfatizar o facto desta exposição, à semelhança de outras já ali concebidas, ser vocacionada especialmente para a itinerância junto de escolas, bibliotecas e outras instituições pedagógicas, lá onde as crianças são “reis” e “rainhas” no mundo de fadas e duendes que a Tila tão sabiamente imaginou e ilustrou com palavras vivas.

Para completar a evocação sobre a vida e obra da “nossa fada-madrinha”, como carinhosamente a apelida, José Jorge Letria pôs à disposição dos visitantes naquela mesma sala uma extensa entrevista que ele efectuou com a escritora para as Memórias da SPA, que podia ser visionada em ecrã grande.

Mas foi a António Torrado, que foi o “motor” da organização da exposição, que o presidente da SPA entregou a “chave” deste “castelo”. Foi a ele, amigo e incansável par na escrita para os mais jovens e companheiro nos destinos da cooperativa, “para a qual Matilde tinha sempre uma opinião avisada e de bom gosto”, que José Jorge responsabilizou para fazer o discurso formal de homenagem, perante os convidados, entre os quais se contavam as duas irmãs da escritora e a sua amiga desde o primeiro ano da Faculdade de Letras em Lisboa, Maria de Jesus Barroso. Pela importância, limpidez e oportunidade das suas palavras de grande autor literário, aqui as deixamos de seguida, tal como as leu. *Edite Esteves*

A “ESTRADA FASCINANTE” DE UMA VIDA FELIZ

“Nesta mesma sala, vai fazer um ano, aqui nos despedimos de Matilde Rosa Araújo.

“Também nesta mesma sala, em 2004, aqui prestámos homenagem, no Dia do Autor Português, a Matilde Rosa Araújo, entregando-lhe o Prémio de Consagração de Carreira, o mais alto galardão com que, anualmente, a Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores destaca a obra dos mais ilustres sócios cooperantes.

“E, hoje, nesta mesma sala, na data em que Matilde completaria 90 anos, aqui inauguramos esta exposição que percorre a ‘estrada fascinante’ da sua vida, testemunhada nos seus momentos mais felizes.

“Ainda bem que das mágoas e das desilusões não há registo fotografável, nem nós queríamos que da memória da escritora e da amiga sobrasse para os anos a vir o que, no mais fundo do silêncio,

se resguarda e oculta.

“Pretendemos, isso sim, destacar o júbilo dos momentos fastos, conduzir o visitante pelos trechos de uma vida longa e radiosa, que transportava luz consigo própria, porque ser condutor de luz é e será sempre o destino das fadas.

“Cada um que privou com Matilde trará o seu testemunho, mas creio que o dela mais se salientará, para além de uma personalidade única, feita de generosidade e de ternura, repousa na sua obra, nesta exposição amplamente evocada. “Guardaremos nós – os que com ela privaram – o seu riso e sorriso, a elegância da sua malícia, a doçura da sua voz.

“Os que não tiveram a dita de conhecê-la aperceber-se-ão, trecho a trecho, painel a painel, do leve rasto de uma vida cheia, em que o trabalho, quer no ensino quer na literatura, foi sempre fonte de alegria.

“Esse o resumo que gostaríamos que transparecesse da exposição, primorosa e carinhosamente cenografada por Mestre Fernando Filipe.

“O apoio documental de Leonor Riscado foi essencial. Há peças únicas, como a colaboração de Matilde na revista “Os Nossos Filhos”, dirigida por Maria Lúcia Namorado, que são verdadeiras raridades. Partilhou Leonor com Rui Marques Veloso dessa responsabilidade documental. Nada do que aqui está, em datas, eventos e registos bibliográficos, seria possível sem eles. “A família de Matilde, nomeadamente a sua irmã D^{ra} Maria Luísa, que nos disponibilizou, com toda a confiança, boa parte do acervo fotográfico familiar e nos guiou pelo espólio de Matilde, o mais sincero bem-haja.

“Agora, daqui em diante, a exposição que fale por si. “Pretendemos que tenha um destino itinerante e que, de escola em escola, de biblioteca em biblioteca, ensine e avise as novas gerações que as fadas existem, porque nós sabemos, garantimos, certificamos que uma doce fada viveu entre nós.”

António Torrado

ANOTE

A exposição “O destino das fadas”, que assinala os 90 anos do nascimento de Matilde Rosa Araújo, patente na Sala Carlos Paredes da SPA, Rua Gonçalves Crespo, 62, em Lisboa, até ao final do mês de Setembro, vai entrar em itinerância pelas escolas e bibliotecas do país, sendo substituída já no próximo dia 13 de Outubro pela exposição dedicada a José Niza e à canção “E Depois do Adeus”, primeira senha do 25 de Abril de 1974.

Para mais informações, contactar:

DACRE Departamento de Actividades Culturais e Relações Externas
Av. Duque de Loulé, 31 - 1069-153 Lisboa
PORTUGAL
Tel: 351 21 359 44 78 / 00 Fax: 351 21 353 02 57
Email: dacre@spautores.pt www.spautores.pt

APRESENTAÇÃO DO FILME PORTUGUÊS "O CÔNSUL DE BORDÉUS" EM BRUXELAS

Durão Barroso aproveita para salientar acção solidária de Aristides de Sousa Mendes

O filme português *O Cônsul de Bordéus*, uma co-produção com França, Espanha, Bélgica e Polónia, realizado por Francisco Manso e João Corrêa com argumento de António Torrado e João Nunes, recebeu honras de uma gala de apresentação, no dia 16 de Junho, nas grandes instalações do cineteatro de Wolubilis, em Bruxelas, com a presença do presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso. Os embaixadores de Portugal e da Polónia, o actor principal Vítor Norte e o compositor Henri Seroka, bem como os realizadores do filme, João Corrêa e Francisco Manso, e o produtor José Mazedra estiveram presentes nesta gala, apresentada pelo Senador Federal Belga Philippe Monfils.

À cerimónia compareceram, igualmente, alguns descendentes de Aristides de Sousa Mendes, o cônsul de Bordéus que, em 1940, salvou do Holocausto 30 mil pessoas em fuga das tropas nazis, entre elas 10 mil judeus, aquando da invasão de França pela Alemanha, ao conceder-lhes visto para entrarem em Portugal, contrariando com esse seu acto solidário e corajoso ordens expressas de Salazar. Em representação deste português, tornado herói universal, que pagou bem cara a sua generosidade, já que acabou morrendo na miséria, vítima dos castigos impiedosos do presidente do Conselho de Ministros do Estado Novo, que tudo lhe tirou, reduzindo-o à miséria, estiveram na gala o neto Álvaro Sousa Mendes, presidente da Fundação Aristides de Sousa Mendes, Francisco Sousa Mendes, Marc d'Aout e Nathalie d'Aout.

O presidente da comissão europeia, Durão Barroso, aproveitou a ocasião para salientar o gesto ímpar do diplomata português de Bordéus, em Junho de 1940, referindo que, em 1988, o Portugal democrático o reabilitou finalmente, reintegrando-o a título póstumo com o cargo de embaixador. "Eu era primeiro-ministro quando ele foi completamente reabilitado", disse, com orgulho.

Numa carta à mulher, Angelina de Sousa Mendes, que morreu já em Portugal, em 1948, Aristides de Sousa Mendes terá justificado o seu acto de consciência, afirmando: "Libertei sem distinção pessoas que são seres

humanos. A sua classe social, a sua origem, a sua cor de pele são-me totalmente indiferentes."

Durão Barroso lembrou que, no meio destes milhares de refugiados "sem cor" a quem Aristides deu o passaporte para a liberdade, figuravam membros do governo belga, bem como a Grande Duquesa Charlotte do Luxemburgo, que, segundo asseverou, terá dito que "a sua acção humanitária servirá para sempre de exemplo de devoção desinteressada pela causa da liberdade e compreensão entre todas as nações e todas as raças".

"Aristides de Sousa Mendes foi um grande homem!", salientou o presidente da Comissão Europeia. "A sua acção foi muito emocionante, porque pôs em causa toda a sua carreira para libertar 30 mil pessoas que desconhecia, mas que estavam em perigo iminente."

"Às vezes" – acentuou –, "é preciso quebrar as regras para defender os nossos valores, a nossa própria consciência e moral. Devemos ser rectos e pragmáticos".

Grandes potencialidades internacionais

Após este e outros discursos iniciais, Henri Seroka, responsável pela banda sonora de *O Cônsul de Bordéus*, dirigiu um concerto ao vivo com temas do filme, a anteceder a exibição da película. O filme, que conta a história dramática do acto de consciência de Sousa Mendes em Junho de 1940, foi então exibido em português com legendas em francês. De acordo com declarações produzidas na Newsletter da Aliança Mundial de Cinema, "a longa-metragem foi muito bem recebida pela audiência que esgotou a sala, com capacidade para seis dezenas de pessoas, concedendo-lhe uma prolongada ovação de pé, de cerca de três minutos!"

Tanto o produtor, José Mazedra, através da TAKE 2000, como o realizador Francisco Manso e o argumentista António Torrado, com quem conversámos, são unânimes em considerar que *O Cônsul de Bordéus*, agora finalmente pronto, após uma longa carreira de indecisões e de tentativas de produção e co-produções – António Torrado idealizou o argumento em 2003/2004, tendo começado primeiro por escrever



para um filme, depois passou a ser série de televisão e só em seguida voltou à primeira forma -, poderá vir a ser um filme com grandes potencialidades a nível de comercialização internacional, até nos Estados Unidos da América, não só pela temática, como pela figura de herói universal que representa Aristides de Sousa Mendes e ainda pelos países que estão envolvidos na sua produção.

Rodado inteiramente, durante seis semanas e meia, em Viana do Castelo, onde se dá o reencontro emocionante, ao fim de 65 anos, entre duas das figuras ficcionadas desta longa-metragem baseada em factos reais – os irmãos Aaron e Esther Apelman, separados durante a fuga para Portugal, ao cuidado do diplomata português – "o filme tem grande qualidade de imagens, as figurações são verosímeis e tem um bom recorte cinematográfico", na opinião do seu argumentista e nosso cooperador António Torrado.

"O argumento de António Torrado é extraordinário!", referiu, por seu turno, à Autores o também cooperador da SPA Francisco Manso. "Para além dos ingredientes naturais que a história verdadeira de Aristides de Sousa Mendes contém para que em si mesma possa ser um sucesso em cinema, o argumento ficcionado por António Torrado é excelente, dando-lhe ainda mais dramatismo e acção, para que deixe de ser apenas um documentário".

Recebido em Jerusalém por um público emocionado

O filme, que deverá ter antestreia mundial marcada em Portugal, no Cinema São Jorge, em Lisboa, no final deste ano ou no princípio do 2012, já foi, entretanto, apresentado, em Setembro, na VII Semana de Cinema Português em Israel.

A apresentação, que contou com as participações do actor Vítor Norte, no papel de Aristides de Sousa Mendes, e do produtor do filme, José Mazedra, causou grande comoção entre o público cinéfilo de Jerusalém.

Devido à sua participação em *O Cônsul*

de Bordéus, onde desempenha com grande rigor a figura de Aristides, o actor Vítor Norte disse ter aprendido neste filme em particular, "algo muito importante". "Na paz ou na guerra, o amor pelo próximo acaba sempre por vencer", completou, entre um forte aplauso.

Segundo o produtor José Mazedra, esta é uma história sobre o "cruzar das duas culturas, portuguesa e judia", protagonizada por um "grande humanista e o último grande herói português", razões pelas quais se diz ter sentido "motivado" a assinar a produção.

A sessão terminou com aplausos emocionados e o público não hesitou em esgotar as perguntas possíveis sobre a história, o protagonista e os destinos dos cerca de 30 mil refugiados salvos pelo herói português, cujos últimos dias de vida foram passados na miséria, auxiliado pela caridade da comunidade judaica portuguesa.

A Semana de Cinema Português, cuja temática recai sobre "os mais negros dias da ditadura do Estado Novo de Oliveira Salazar" decorreu nas cidades de Telavive, Jerusalém e Haifa até ao dia 20 do mês que findou.

Segundo Francisco Manso, em Portugal a primeira exibição do filme deverá ocorrer no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, dado o apoio que foi concedido à produção pelo Município local e o compromisso assumido perante o seu presidente e a população em geral, que se prestou a entrar nas filmagens, como figurantes.

Os responsáveis por *O Cônsul de Bordéus*, que conta também com o apoio do ICA-Instituto do Cinema e Audiovisual do Ministério da Cultura Português, da RTP, do Programa IBERMEDIA e, excepcionalmente, do Ministério da Cultura de Espanha, têm como objectivo principal fazer a dobragem do filme para inglês, a fim de ser mais facilmente comercializado e divulgado nos Estados Unidos da América, onde existe uma comunidade judaica muito forte e ansiosa por ver este produto cinematográfico, que lhe irá avivar memórias emocionantes. *Edite Esteves*

SPA PRESENTE NA CIMEIRA MUNDIAL DO DIREITO DE AUTOR E NAS ASSEMBLEIAS DA CISAC E DO BIEM

A SPA esteve representada em Bruxelas nos dias 7, 8, 9 e 10 de Junho, respectivamente na Cimeira Mundial do Direito de Autor, na Assembleia Geral da CISAC e na Assembleia Geral do BIEM, actos que, este ano, tiveram como cenário a capital belga. A representação da cooperativa esteve a cargo do presidente da Direcção e do Conselho de Administração, José Jorge Letria, e da directora do Departamento de Relações Internacionais, Dra. Vanda Guerra.

Na terceira edição da Cimeira Mundial – as anteriores decorreram em Bruxelas e em Washington, respectivamente em 2007 e em 2009 – participaram cerca de 650 delegados vindos dos cinco continentes, que analisaram temas de interesse comum como o combate à pirataria, as leis nacionais da cópia privada, os desafios e problemas colocados pela revolução tecnológica em curso e ainda as formas de relacionamento com os poderes políticos, com o público em geral e, em particular, com as gerações mais jovens.

Na cimeira entrevistaram personalidades como o comissário europeu Michel Barnier, responsável pela área do direito de autor e da propriedade intelectual na Comissão Europeia. Tanto na Cimeira como na Assembleia Geral da CISAC esteve presente e interveio o presidente daquela confederação, o músico Robin Gibb, figura mítica do grupo Bee Gees. Grande parte das intervenções produzidas no decorrer destes três eventos sublinhou o modo como a crise mundial se está a reflectir perigosamente na gestão colectiva do direito de autor.

A próxima assembleia geral da CISAC ficou marcada para a primeira quinzena de Junho de 2012, em Dublin.

Durante os trabalhos da Assembleia Geral da CISAC, José Jorge Letria anunciou o apoio disponibilizado pela SPA para a criação de uma sociedade de autores em Timor Leste.

Decorreram, entretanto, várias reuniões bilaterais com sociedades congéneres e foi formalizado o processo de adesão da SPA ao EWC (Congresso Europeu de Escritores – European Writers Congress), a mais importante instituição europeia na área da literatura.

O Conselho de Administração

EM JUNHO DE 2011 EM BRUXELAS

AUTORES DE TODO O MUNDO ENCARAM COM PREOCUPAÇÃO O FUTURO DOS SEUS DIREITOS

FOI COM AS CONSEQUÊNCIAS da crise internacional em fundo e com os reflexos dela na gestão colectiva do direito de autor que se realizou em Bruxelas, nos passados dias 7 e 8 de Junho, a Cimeira Mundial do Copyright, na qual participaram cerca de 650 delegados e convidados vindos dos cinco continentes. A esta cimeira seguiram-se, nos dias 9 e 10, respectivamente, a Assembleia Geral anual da CISAC (Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores) e a Assembleia Geral do BIEM (Gabinete Internacional das Sociedades Gestoras dos Direitos de Registo e de Reprodução Mecânica).

A terceira edição da Cimeira Mundial (as anteriores realizaram-se em Bruxelas em 2007 e Washington em 2009) foi marcada por um intenso debate entre representantes de sociedades de autores e de grandes operadores na área das novas tecnologias em torno das formas de negócio que já se encontram em curso e das que irão ser feitas no futuro, não abdicando qualquer das partes daquilo que consideram ser os seus legítimos direitos e as suas margens de lucro.

Entre os convidados de honra desta terceira Cimeira Mundial estiveram o Comissário Europeu Michel Barnier, responsável na Comunidade Europeia pelo Direito de Autor e Propriedade Intelectual, a Directora-Geral para esta área Maria Martin-Prat, e a eurodeputada Marielle Gallo, que se pronunciaram sobre o modo como esta Europa em crise encara os direitos dos criadores intelectuais.

O optimismo do comissário Michel Barnier ao afirmar que “há quem diga que o direito de autor está velho, mas eu não lhe encontro uma única ruga”, teve como contraponto a ironia amarga de Marielle Gallo ao declarar que “hoje, na Europa, uma vaca é mais subvencionada do que um autor”, afirmação que provocou risos contidos e um aplauso merecido e sincero.

Por seu turno, o Presidente da CISAC, Robin Gibb, mítica figura do grupo Bee Gees, manifestou o seu relativo desapontamento pelo facto de, desde que assumiu aquelas funções há quatro anos em Bruxelas, não se terem registado significativas mudanças e progressos em relação à defesa do direito de autor na Europa e no mundo. No entanto, adiantou que continua “optimista, porque só o optimismo é subversivo e só essa atitude faz sentido em relação ao futuro do direito de autor”.

Mais pessimista foi o grande compositor mexicano Alberto Manzanero, actual Presidente da Sociedade de Autores do México, função na qual substituiu Roberto Cantoral, entretanto falecido, ao afirmar: “Os usuários continuam muito criativos; têm uma canção famosa intitulada Não Quero Pagar.” Fortes aplausos sublinharam esta breve intervenção do criador de canções interpretadas por Frank Sinatra e outros cantores, por ter ficado claro que estas palavras sintetizaram um sentimento comum e em certa medida dramático.

RECUO DA CÓPIA PRIVADA

Tanto na Cimeira Mundial como nas duas assembleias gerais que se lhe seguiram foram vincadas as preocupações dos participantes relativamente à tendência para o recuo generalizado no que toca às leis da cópia privada em vários países e continentes, as dificuldades colocadas ao exercício do direito de sequência, à concorrência frequentemente desleal vinda da área dos direitos conexos e ainda relativamente à

falta de coragem política dos Estados quando se trata de legislar em defesa dos seus autores e da cultura de que eles são os principais criadores e difusores. Por outro lado, muitas intervenções produzidas durante os três eventos sublinharam a forma alarmante como o

progresso tecnológico desregulado está a afectar e irá afectar ainda mais os autores e as sociedades que os representam. Como afirmou na Assembleia Geral do BIEM, um dirigente da SACEM: “Temos cada vez mais adversários e estamos cercados por todos os lados. É preciso procurar aliados, mas definindo-se bem quais e em que condições.” Outras intervenções efectuadas na Cimeira Mundial e nas duas assembleias gerais envolveram apelos a “uma maior e mais clara participação dos legisladores na luta contra a pirataria”. Nessas e noutras intervenções ficou igualmente claro que a Europa, continente no qual grandes avanços foram historicamente alcançados, é precisamente onde recuos mais gravosos se anunciam, também como resultado da grave situação de crise que está a gerar acentuadas viragens políticas para a direita.

Representantes de sociedades de autores de vários continentes e grandes operadores de comunicação convergiram entretanto na ideia de que “nada voltará a ser como era, sendo necessário adaptar as estruturas existentes às mudanças da realidade”. Voltando a Robin Gibb, desta feita no encerramento da Assembleia Geral da CISAC, poderão ser destacadas estas palavras de alerta e de bom senso: “Continuo optimista mas bastante cauteloso. Estamos debaixo de fogo, mas devemos fazer o que temos que fazer, mas devemos fazê-lo bem. Somos acusados de falta de transparência pelo poder político, mas verificamos que eles muito pouco fazem para apoiar os autores.”

Destaquem-se, por último, algumas prioridades estratégicas definidas pelos responsáveis da CISAC na Assembleia Geral daquela confederação mundial. A mais importante terá sido o apelo no sentido de que os autores se envolvam muito mais do que até agora tem acontecido na definição dos destinos das suas sociedades. Por outro lado, ficou claro que a estrutura de direcção da CISAC, que passa a ter um novo Director-Geral a partir do final de Verão, após um ano e meio de espera inexplicável para o preenchimento deste lugar, se deverá envolver muito mais nas questões de estratégia e muito menos nas de natureza administrativa e tecnológica, as quais deverão estar a cargo dos comités existentes que passarão a receber um apoio reforçado na estrutura de liderança da CISAC. Ficou ainda claro que a CISAC irá assegurar formas de tratamento iguais para todas as sociedades, contrariando a tendência para que as mais ricas e poderosas disponham de um peso crescente e excessivo.

De salientar ainda, à margem da Assembleia Geral, que os dois únicos conselhos de autor existentes - o Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais (CIADLV), cujo Comité Executivo a SPA integra, e o Conselho Internacional de Autores de Música (CIAM) - se reuniram, tendo ficado assente que irão trabalhar mais activamente em conjunto, com vista a uma presença alargada e mais eficaz na estrutura da direcção da CISAC.

Poderá afirmar-se, em resumo, que os grandes plênários realizados em Bruxelas em princípios de Junho se traduziram no reforço das preocupações das sociedades de autores quanto a fenómenos como a pirataria e a ausência de legislação adequada para a combater e na afirmação de que só os autores unidos em torno das sociedades de autores que os representam e defendem poderão encarar o futuro com moderado optimismo e reforçada competitividade.

José Jorge Letria

SPA DISPONÍVEL PARA APOIAR CRIAÇÃO DE SOCIEDADE DE AUTORES EM TIMOR

Na passagem de mais um aniversário da independência da República de Timor Leste, a SPA disponibilizou-se junto da embaixada daquele país lusófono em Portugal para vir a apoiar a constituição de uma sociedade de autores em Timor.

À semelhança do que aconteceu com a criação de sociedades de autores na África lusófona, a SPA está em condições de fornecer apoio jurídico e apoiar a formação de quadros.

Recorde-se que a SPA foi autora do projecto de criação de Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores que se concretizou em Lisboa, em Novembro de 2009.

Esses encontros tiveram a sua segunda edição no Rio de Janeiro em Dezembro de 2010, o que representou um passo importante para a aproximação e colaboração efectiva entre países lusófonos. É por todas as razões desejável que este espaço e este projecto sejam reforçados com a presença regular de uma representação de Timor Leste.

O Conselho de Administração

SPA TORNA-SE MEMBRO ASSOCIADO DO CONSELHO EUROPEU DE ESCRITORES

A Sociedade Portuguesa de Autores passa a integrar, com o estatuto de membro associado, o European Writers Council (Conselho Europeu de Escritores), com sede em Bruxelas. A candidatura formalizada naquela capital durante a Cimeira Mundial do Direito de Autor, em 7 e 8 de Junho passado, foi aceite na última reunião da Direcção do EWC.

O European Writers Council foi fundado em 1977, integrando presentemente 55 organizações de escritores e tradutores de 29 países europeus. Estas organizações, das quais três são supranacionais, representam mais de 55 mil escritores e tradutores literários de toda a Europa. O EWC é reconhecido e está representado em estruturas de âmbito mundial como a UNESCO e a Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), com sede em Genebra.

A aceitação da SPA no seio do EWC resulta do reconhecimento do papel que a literatura tem, desde sempre, na vida da cooperativa dos autores portugueses, seja pelo número de associados dessa área e pela sua representatividade nacional e internacional, seja pelo facto de desenvolver actividade editorial, prémios literários instituídos e regular presença mediática.

O European Writers Council, a mais importante estrutura europeia na área da literatura e da tradução literária, permitirá à SPA ter uma intervenção mais alargada de divulgação e participação neste domínio a nível internacional.

O Conselho de Administração

SPA ASSOCIA-SE À INICIATIVA DE LICENCIAMENTO DIGITAL PAN-EUROPEU (PEDL) DA WARNER/CHAPPELL MUSIC



A SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES e a Warner/Chappell Music, o ramo de edição musical a nível mundial do Grupo Warner Music, anunciaram que a SPA é o mais recente participante da Iniciativa de Licenciamento Digital Pan-europeu da Warner/Chappell, podendo agora disponibilizar também, numa base não exclusiva, os direitos do repertório anglo-americano da Warner/Chappell Music, com um alcance pan-europeu. A iniciativa PEDL conta já com a participação das seguintes sociedades de gestão de direitos musicais: BUMA/STEMRA (Países Baixos), PRS for Music (Reino Unido), SABAM (Bélgica), SACEM (França), SGAE (Espanha) e STIM (Suécia).

A PEDL veio oferecer um maior grau de liberdade aos serviços digitais, ao permitir-lhes escolher a sociedade de gestão colectiva junto da qual poderão obter os direitos pan-europeus da Warner/Chappell. A PEDL permanece aberta a quaisquer sociedades de gestão colectiva que estejam dispostas a respeitar um grupo de normas comuns, concebidas para assegurar transparência, eficácia

e responsabilização na administração do Direito de Autor, garantindo ainda aos autores das obras uma compensação rigorosa e adequada.

A iniciativa PEDL coaduna-se com a Recomendação da Comissão Europeia de 18 de Outubro de 2005 relativa à gestão colectiva transfronteiriça do Direito de Autor e dos Direitos Conexos no domínio dos serviços musicais digitais legais.

Jane Dyball, Vice-Presidente Sénior para os Assuntos Jurídicos e Empresariais Internacionais da Warner/Chappell Music, afirmou: "Para a Warner/Chappell Music é importante que sociedades de todas as dimensões possam associar-se à PEDL, desde que estejam dispostas a respeitar as normas de administração e transparência que exigimos dos nossos parceiros PEDL. Esperamos, um dia, ter a oportunidade de aplicar estes níveis de serviço a todas as fontes de receita, em benefício dos nossos autores. Entretanto, esperamos facilitar a concessão de licenças digitais pan-europeias pelos nossos parceiros digitais, através de um processo simples, realizado num balcão único, preservando simultaneamente o valor dos titulares de direitos e criando novas oportunidades para os compositores."

Tozé Brito, membro da Direcção e da Administração da SPA, afirmou: "É com imenso prazer que concordamos em elevar os nossos níveis de serviço para os exigidos pela PEDL, e estamos ansiosos por participar numa iniciativa que está aberta a todas as sociedades, protegendo simultaneamente a opção de escolha dos titulares de direitos."

COPENHAGA (DINAMARCA)

PRESENÇA DA SPA NO WOMEX VAI EXPLORAR POTENCIALIDADES DE EXPORTAÇÃO DO FADO E JAZZ

A SPA vai estar representada, pela primeira vez, no Womex, entre 26 e 30 de Outubro, naquele que é o maior evento mundial anual na área da indústria de exportação de World Music. Por enquanto, "apenas de uma forma exploratória", conforme confirmou à Autores o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores.

Este evento, que já decorreu em Espanha (Sevilha) e na Alemanha, realiza-se, este ano, na capital dinamarquesa, com a participação de 20 artistas, sobretudo da América do Sul, Europa e Canadá. Face ao declínio do MIDEM de Cannes – o maior mercado dos Estados Unidos da América – a que se tem vindo a assistir sobretudo desde 2008, com cada vez menos participantes, menos dias de duração e menos negócios, e dado o interesse manifestado pelo governo no projecto do Gabinete de Exportação de Música Portuguesa (Portugal Music Export), "a Sociedade Portuguesa de Autores resolveu avançar com a participação no Womex 11, até mesmo com um stand, a fim de avaliar as potencialidades de exportação de músicas nacionais étnicas, especialmente o fado, e também o jazz".

De acordo com José Jorge Letria, a SPA levará a Copenhaga projectos concretos, com vista a divulgar e negociar aquelas áreas da indústria musical, já que, sublinhou, "esta perdeu mais de 70% da sua expressão em todo o mundo e 40% em Portugal, só nos primeiros meses deste ano de 2011".

O que difere, aliás, o Womex do MIDEM, onde a SPA tem estado presente, é o conteúdo, que, em vez do pop-rock é a música étnica. E, ao contrário do MIDEM, o Womex incorpora a exportação, que figura, de resto, no próprio nome do evento, o que vai ao encontro dos objectivos com que foi criado o Gabinete de Exportação de Música Portuguesa.

"Neste momento, existe uma crise de conceito, logo é preciso que se use as novas tecnologias e que se crie outras formas de negócio da música", salientou o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, lembrando que a internet é o novo meio de divulgação de concertos e de vendas de música e que é necessário adaptarmo-nos às circunstâncias. *Edite Esteves*

AUTORES MAIS



100 pontos
na adesão ao cartão FNAC
www.fnac.pt



Um conjunto de descontos proporcionados aos associados, seus cônjuges e filhos.
www.universidade-autonoma.pt
tel. 800 291 291



O Plano Pro-cooperadores contempla significativas vantagens num tarifário apelativo.
contactar:
rodrigo.breia@corp.vodafone.pt



Seguro de saúde para autores com menos de 45 anos.
www.casadaimprensa.pt
Tel. 21 342 02 77/78



Descontos em todas as lojas de 20% em óculos graduados (aros e lentes); 15% em óculos de sol; 10% em lentes de contacto, líquidos e outro material óptico. www.optivisao.pt



10% de desconto na tarifa promocional nas viaturas de passageiros, de viaturas comerciais e na tarifa promocional internacional. Para reservas (contrato nº 50432483) www.europcar.pt
tel. 351 21 940 77 90
Email: reservas@europcar.com

“Autores Mais” é um benefício exclusivo dos autores da SPA e não representa nenhum custo adicional para os sócios. Para informações mais detalhadas contactar os serviços.



20% desconto pela utilização do estúdio.
www.mdlestudios.com
Para marcações:
Telm : 93 400 59 24
Email: celiacosta@mdlestudios.com



15% desconto de sobre os preços em vigor, em todos os serviços (Banhos Relaxantes, Massagens Terapêuticas, Acupuntura e outras Terapias Alternativas). Pacotes de serviços com um preço especial.
Para marcações contactar: Vanessa
Telefone: 217157010
Telemóvel: 917448484
www.nipon-terapias.com



Oferta da inscrição inicial, existindo apenas o pagamento de 25€ para despesas administrativas e testes iniciais 10% na mensalidade em todos os clubes do país.
www.holmesplace.pt



Descontos de 30 e 45% na assinatura anual e bi-anual, respectivamente, nas publicações Visão, Expresso Exame, Jornal de Letras, Courier Internacional, Activa, Casa Cláudia e Exame Informática.



10% de desconto no alojamento HOTEL LISBOA CENTRAL PARK
Morada: Av. Sidónio Pais, nº 4
1050-214 Lisboa
Email: info@lcpark.com
RESERVAS: Tel.: 21 350 2060
FAX: 21 352 6703 / 21 356 2144



Serviço de entregas ao domicílio
Produtos de Agricultura Biológica
5% de desconto sobre o PVP na aquisição de produtos
www.biocoop.pt
219 410 479
Rua Salgueiro Maia, 12
2685-374 Figo Maduro
Prior Velho



Fabricantes de CD's, DVD's, PENs/, USBs
10% de desconto em todos os trabalhos
www.mpo-pt.com
tel:218592854
Email: geral@mpo-pt.com



Ser sócio ACP é ter:

Médico em casa por apenas 10€, mecânicos aptos para assistir a viatura no local, técnicos de assistência no lar, escola de condução com elevada taxa de sucesso, apoio jurídico, seguros nas melhores condições do mercado, facilidade para tratar da documentação, combustíveis mais baratos, bilhetes de cinema a preços de 2ª feira, descontos em parceiros por todo o país e muito mais!

ACP? Claro que sou sócio!

Oferta: Para SPAUTORES na adesão ao ACP: Isenção de Jóia e 10% na 1ª anuidade

Vá já uma delegação ACP ou ligue **707 509 510**, atendimento 24h.

www.acp.pt

Com o objectivo de proporcionar sempre mais e melhores serviços aos autores, a Administração da SPA acaba de reforçar o serviço "Autores Mais", fruto de um longo trabalho de negociações e pesquisa de parcerias.

Através desta rubrica os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da sociedade portuguesa, mediante a apresentação do cartão de sócio da SPA.

Os acordos estabelecidos até ao momento englobam:



Pestana Palace Hotel



Pousada do Porto

DESCUBRA O MELHOR DE PORTUGAL COM
PESTANA HOTELS & RESORTS E POUSADAS DE PORTUGAL!



Pestana
HOTELS & RESORTS

Tel. 808 252 252
www.pestana.com

Tel. 21 844 20 00
www.pousadas.pt



**POUSADAS
DE PORTUGAL**
Viaje pela História. A sua.



FOTOS: INÁCIO LUDBERG

JOSÉ NIZA (1938 - 2011)

UM ADEUS INESPERADO

Personalidade discreta, mas muito atento e crítico, José Niza parecia adivinhar a chegada de algo que o fazia apressar, de forma estranha, os seus mais recentes projectos literários e musicais. Mostrando um ar cansado, insistia, ansioso, em tornar palpável, o mais depressa possível, obras que tinha pendentes, como por exemplo, um livro que candidatara ao Fundo Cultural da SPA sobre o editor Arnaldo Trindade, sobre a editora Orfeu e sobre o seu papel como produtor e director de repertório nessa grande aventura artística e cultural que mudou a história da música portuguesa.

Conta o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores e seu amigo de longa data, José Jorge Letria, que José Niza anunciara mesmo que não estaria presente na reunião dos corpos sociais a 22 de Setembro, o que só poderia acontecer por um motivo de força maior. Premonição? O saber de um médico? A verdade é que, nessa quinta-feira, o tão zeloso e pontual presidente da Assembleia Geral da SPA, desde 2003, tinha outro encontro marcado. Na cama do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde fora internado na terça-feira anterior, debatia-se com uma insuficiência respiratória grave, que o viria a derrubar no dia seguinte. Tinha 73 anos.

O funeral realizou-se no dia 24, pelas 10 horas, no cemitério de Santarém, sua cidade natal, onde foram decretados três dias de luto municipal em sua memória. Um adeus inesperado!

Autor de cerca de 300 canções, José Niza foi ainda o produtor de algumas das mais importantes obras da música portuguesa dos anos 70, incluindo vários discos de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira. Para a voz deste último, compôs todas as canções do álbum *Gente de Aqui e de Agora*, considerado um dos seus trabalhos mais marcantes e inovadores, a par de *Fala do Homem Nascido*, com temas baseados em poemas de António Gedeão e interpretações de Samuel, Carlos Mendes, Duarte Mendes e Tonicha.

A sua vida e prolífera obra, desde médico a deputado, passando por outros cargos cívicos, letrista, compositor, intérprete e produtor, autor da letra da célebre canção *E Depois do Adeus*, que foi a primeira senha para o MFA sair dos quartéis no dia 25 de Abril de 1974, serão evocadas na Sociedade Portuguesa de Autores – a que dava um apoio intenso -, com várias iniciativas a programar já a partir de Outubro. Entre elas, destaque para a apresentação na SPA da exposição sobre aquela inesquecível canção interpretada por Paulo de Carvalho sob a batuta de José Calvário, e os seus autores e intérpretes. E ainda a atribuição pública, a título póstumo, da Medalha de Honra da SPA. **EE**

José Niza foi a primeira baixa registada na equipa eleita em Dezembro de 2010 para governar a SPA durante quatro anos. Como alguém disse na hora do adeus, usando uma referência bíblica, o Zé Niza não morreu, limitou-se a ir à frente, a partir mais cedo. Foi, afinal, disso que se tratou, de uma partida antecipada, inesperada e por isso mesmo mais difícil de aceitar e de suportar, porque o Zé nos fazia muito mais falta do que ele próprio supunha e do que nós imaginávamos. O Zé estava sempre presente, designadamente nas reuniões em que não tinha obrigação estatutária de comparecer. Fazia-o porque queria deixar a marca do seu contributo, da sua visão construtiva e crítica, do seu amor à SPA e do afecto que o ligava a todos nós. Mesmo quando não podia votar, tinha sempre uma sugestão, uma proposta, uma ideia. Muitas vezes regressava a casa, em Santarém, e nos dias seguintes eu recebia uma carta manuscrita, de extensão variável, com sugestões mais aprofundadas e detalhadas. Ele era assim: rigoroso, discreto, laborioso e fortemente empenhado. Guardo comigo todas essas cartas, já com saudades das que não receberei mais.

Por vezes esquecíamos-nos de que o Zé, além de presidente da Assembleia Geral desde as eleições de Setembro de 2003, com mandatos renovados em Novembro de 2006 e Dezembro de 2010, era um dos grandes nomes da música portuguesa de sempre, na dupla condição de autor de canções e de produtor de discos históricos que a nossa memória guarda e celebra. Mas ele foi mais do que isso. Foi também o deputado que interveio de forma firme e esclarecida, na Assembleia da República, em defesa dos direitos dos autores e desse património único e sempre renovado que é a Música Portuguesa.

Uma das suas últimas intervenções como presidente da Assembleia Geral da SPA teve a forma de uma carta enviada à então ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, solicitando-lhe celeridade e reforçado empenhamento na passagem à Assembleia da República da proposta de lei do governo sobre a Cópia Privada. Ele foi, de resto, um dos obreiros da primeira Lei da Cópia Privada, na sua condição de deputado da Nação.

Também não esqueço, não esquecemos nem esqueceremos que o Zé Niza se empenhou activamente e liderou o processo de revisão dos Estatutos da cooperativa e nunca deixou de se bater pela sua credibilização, após um longo período de crise, e pela modernização dos seus serviços. Não tinha funções executivas, mas gostava de apoiar e ajudar quem as tinha. Também por isso nunca esquecerei a sua dedicação, a sua lealdade, a sua obstinação. E, acima de tudo, a sua amizade. Na última reunião de corpos sociais em que participou, no final de Agosto passado, além de ter proposto que a SPA organizasse um grande espectáculo dedicado ao fado de Coimbra, o que irá ser feito, também em sua homenagem, entregou-me uma candidatura ao Fundo Cultural que envolvia o projecto de um

Um Adeus para José Niza

Lá no alto
no seu Olimpo
de treva
os deuses procuram
com inveja
algum brilho maior
entre os humanos

Cai Orfeu
pela mão da Bacante
cujo nome é cruel

Mas a sua memória
permanece:
o som da sua voz
ecoa docemente
por entre as sombras
do vale mais distante

Yvette Lenkens

SEMPRE CONNOSCO, MESMO DEPOIS DO ADEUS

livro sobre o editor Arnaldo Trindade, sobre a editora Orfeu e sobre o seu papel como produtor e director de repertório nessa grande aventura artística e cultural que mudou a história da música portuguesa. À saída da reunião, pediu-me alguma rapidez na aprovação do projecto e falou-me também do seu livro de memórias, que me disse estar praticamente pronto e que iria entregar a Manuel Alegre, para lhe dar a sua opinião de amigo de sempre e de grande escritor.

Percebi que o Zé Niza não estava bem e que tinha uma urgência que nele era incomum. Percebi que estava mais magro, pálido e com um grande cansaço na voz, mas não lhe fiz perguntas sobre o seu estado, pois sabia que era tema acerca do qual não gostava de falar, talvez por ser médico e sobretudo por ser pessoa muito reservada e discreta. E não fui só eu a ficar preocupado com esses indícios preocupantes. Ao fim de uma semana liguei-lhe para lhe falar no andamento da candidatura ao Fundo Cultural e aproveitei para lhe perguntar se estava tudo bem com ele. Respondeu-me que sim e aproveitou para me dizer que tinha a diabetes bem controlada. Fiquei mais tranquilo. Entretanto, anunciou que não estaria presente na reunião dos corpos sociais a 22 de Setembro, o que só poderia acontecer por motivo de força maior. E, neste caso, a força maior foi a morte que nos privou da sua presença, da sua companhia, da sua amizade sábia.

Também não esquecerei o apoio que sempre dele recebi, em particular no momento em que assumi a presidência do Conselho de Administração da SPA e em que decidi candidatar-me à presidência da Direcção da cooperativa. Quando o convidei para continuar a presidir à Assembleia Geral, vi na disponibilidade que

manifestou para aceitar, e que foi espontânea e calorosa, um sinal de solidariedade e de confiança, que, sensibilizado, registei e me encorajou. Ficavam para trás muitos anos de diálogo, de partilha, de trabalho no período em que gravei discos para a editora Orfeu e sobretudo de amizades e combates comuns. Era também a continuidade natural de uma caminhada iniciada em meados de 2003 e que se traduziu numa mudança profunda na vida da SPA. O seu papel foi, nesse processo, de uma importância indiscutível desde a primeira hora.

Partindo, indo à frente, antecipando-se na despedida, o Zé deixou-nos mais pobres, mais tristes, mais desamparados, mas não menos determinados para continuarmos a lutar por uma cultura e uma cidadania fortes e livres. Ficou para sempre adiado o abraço que precede as últimas viagens, mas não ficaram esquecidas as conversas, as ideias, os sonhos, os projectos. Por isso, a SPA irá lembrá-lo e homenageá-lo em breve como a sua vida e a sua obra exigem e merecem.

E agora que já estamos no depois do adeus, só me resta dizer ao Zé Niza, onde quer que ele esteja, que o seu lugar estará sempre cativo na nossa mesa de trabalho e, acima de tudo, na nossa memória e no recanto mais íntimo e profundo do nosso coração tão triste.

Lisboa, 24 de Setembro de 2011
José Jorge Letria





OS QUE PARTIRAM

PESAR DA SPA PELA MORTE DE JOSÉ NIZA

Presidente da sua Assembleia Geral desde 2003 e grade nome da música portuguesa

A Direcção e a Administração da Sociedade Portuguesa de Autores manifestam o seu mais profundo pesar pela morte do cooperador José Niza, presidente da mesa da Assembleia Geral da cooperativa desde Setembro de 2003, com mandatos renovados para essa função em Novembro de 2006 e em Dezembro de 2010. Foi longo, profícuo e marcante o percurso de José Niza como autor de canções, desde Coimbra, ainda nos anos 50 do século passado, até à intensa e determinante actividade como responsável pela produção e repertório da editora Orfeu/Arnaldo Trindade, tendo ficado ligado à gravação de discos históricos de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, entre muitos outros. Canções de que foi co-autor venceram quatro vezes o Festival RTP da Canção, com destaque para "E Depois do Adeus", com letra sua, música de José Calvário e interpretação de Paulo de Carvalho, que foi a primeira canção senha do Movimento das Forças Armadas em 25 de Abril de 1974, precedendo "Grândola, Vila Morena", de José Afonso.

Médico de formação, deputado à Assembleia da República pelo PS, presidente da Assembleia Municipal de Santarém, cidade onde residiu durante muitos anos, José Niza é também uma figura indissociável dos grandes combates pela democracia e pela liberdade, sempre com uma rigorosa posição ética e cívica que os seus amigos e companheiros nunca deixaram de sublinhar.

José Niza foi também director de programas da RTP, cargo no qual se bateu por uma presença mais forte e digna da música portuguesa no espaço televisivo. Para além disso, na sua condição de deputado, nunca deixou de lutar pela aprovação de diplomas que assegurassem a defesa dos direitos dos autores e a protecção dos criadores e intérpretes musicais, tendo também dado um contributo de grande relevo para a aprovação de legislação relacionada com a adopção de benefícios fiscais para os autores e instrumentistas e com a cópia privada.

Homenageado em Abril deste ano em Santarém com uma exposição apoiada pela SPA e evocativa da canção "E Depois do Adeus", que foi também uma homenagem a José Calvário e Paulo de Carvalho, José Niza exerceu de forma empenhada e criativa as funções de presidente da mesa da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores, tendo estado ligado a uma importante revisão de estatutos da cooperativa em 2009 e 2010 e outras iniciativas de relevo na vida da instituição, nomeadamente a luta pela entrada em vigor da nova Lei da Cópia Privada, que aguarda debate e aprovação na Assembleia da República. À data do falecimento tinha em preparação um livro de memórias e uma outra obra sobre a experiência por si desenvolvida com o editor Arnaldo Trindade na editora Orfeu, cuja publicação iria ser apoiada pelo Fundo Cultural da SPA. Na última reunião dos corpos sociais em que participou, José Niza defendeu a realização de um grande espectáculo promovido pela SPA em Coimbra, para homenagear os mais destacados autores e intérpretes do fado de Coimbra e para destacar as novas tendências e talentos daquele género musical.

Recorde-se que, enquanto presidente da Assembleia Geral da SPA, eleito em 15 de Setembro de 2003, José Niza, que viu esse mandato duas vezes renovado, teve um papel de relevo no processo de mudança então desencadeado e no posterior esforço de credibilização e modernização da cooperativa, de que era associado desde Agosto de 1977.

A presidência da Assembleia Geral da SPA fica estatutariamente assegurada pelo cooperador Rui Vieira Nery, musicólogo, professor universitário e comissário da candidatura do Fado a património imaterial da humanidade, que foi até agora vice-presidente de José Niza.

Todos os membros dos corpos sociais da SPA sentem profundamente este súbito desaparecimento, que empobrece a música portuguesa e, naturalmente, a própria cooperativa, com destaque para os muitos autores que estimavam e admiravam José Niza.

A sua vida e obra serão evocadas com várias iniciativas a programar já a partir de Outubro, com destaque para a apresentação na SPA da exposição sobre a canção "E Depois do Adeus" e os seus autores e intérpretes.

MEDALHA DE HONRA A TÍTULO PÓSTUMO

A Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores decidiu atribuir, a título póstumo, a Medalha de Honra da instituição a José Niza, destacando e celebrando a sua incansável dedicação à cooperativa dos autores portugueses enquanto presidente da sua mesa da Assembleia Geral entre 19 de Setembro de 2003 e 23 de Setembro de 2011, a acção de desenvolvimento, na condição de deputado da Nação, em defesa dos direitos dos autores, o seu excepcional percurso como autor de canções e como promotor e divulgador da obra de alguns dos nomes mais importantes da música portuguesa e ainda o seu exemplo como cidadão empenhado nos combates pela liberdade, pela democracia e por uma cidadania activa.

Esta distinção será entregue durante uma sessão de homenagem, em data a anunciar, aos familiares de José Niza, a quem a Direcção da SPA testemunha o mais sentido e solidário pesar.

Lisboa, 23 de Setembro de 2011

José Jorge Letria
Presidente da Direcção e do Conselho de Administração

JOSÉ FONTES ROCHA (1926-2011)

Guitarrista de Amália ao longo de 12 anos

José Fontes Rocha, um dos melhores intérpretes de guitarra portuguesa de sempre, distinguido também com o Prémio Amália Rodrigues para Melhor Compositor de Fado em 2005, morreu no passado dia 15 de Agosto, tendo sido sepultado a 17 no Talhão dos Artistas do Cemitério dos Prazeres, em Lisboa. O nome de Fontes Rocha, uma referência no mundo musical, onde marcou a diferença, ficou para sempre indissociável do de Amália, com quem partilhou as alegrias e as tristezas da composição e interpretação de muitos dos seus fados, ao longo de 12 intensos anos.

Foi com ela que teve a oportunidade de participar num dos mais memoráveis álbuns de fado de sempre - "Com que Voz" - com composições de Alain Oulman, o autor musical que revolucionou o fado ao pôr a voz expressiva de Amália a cantar os grandes poetas portugueses.

COOPERADOR DA SPA E "GRANDE MÚSICO"

A SPA lamentou o falecimento de José Fontes Rocha, "guitarrista e compositor que marcou décadas de história do fado em Portugal", numa nota de pesar emitida a 16 de Agosto. É o seguinte o teor da nota assinada pelo Conselho de Administração da cooperativa:

"Associado da SPA desde 1958 e seu cooperador desde 1978, José Fontes Rocha, nascido em 1926 no Porto, foi um dos mais importantes e criativos guitarristas de toda a história do fado, tendo sido distinguido com o Prémio Amália Rodrigues para o Melhor Compositor de Fado em 2005.

"Originário de uma família de músicos, José Fontes Rocha foi o principal acompanhante de Amália Rodrigues, tanto nos palcos como em estúdio, tendo escrito música para alguns dos poemas da fadista. Foi também acompanhante de Maria Teresa de Noronha e de nomes mais recentes como Maria da Fé, Fernando Maurício, Camané ou Joana Amendoeira. Em Outubro de 2006, um espectáculo de homenagem assinalou a passagem do seu 80º aniversário. Apontado como um músico que revolucionou a forma de tocar guitarra portuguesa, José Fontes Rocha era avô do compositor e guitarrista Ricardo Rocha."

JÚLIO RESENDE (1917-2011)

Autor de Artes Gráficas Múltiplas

Júlio Resende, o autor do painel de azulejos "Ribeira Negra" existente à saída do tabuleiro inferior da Ponte de D. Luís I, no Porto, um dos seus trabalhos mais apreciados, morreu no passado dia 21 de Setembro, em Valbom, Gondomar, aos 93 anos, localidade que acolheu também o seu fêretro.

Um dos grandes nomes do neo-realismo na pintura, Júlio Resende nasceu no Porto a 23 de Outubro de 1917. Após frequentar as Escolas de Belas Artes do Porto e de Paris, iniciou a sua actividade artística como ilustrador em semanários infantis e na imprensa diária.

Em 1946, apresentou a sua primeira exposição em Lisboa. O seu percurso estava traçado: com uma bolsa de estudo no estrangeiro com que o Instituto para a Alta Cultura o incentivou a ir mais além na sua arte, Júlio Resende de depressa desperta para outro tipo de pintura - a abstraccionista -, ao contactar os maiores nomes da pintura que vai encontrando pela Europa.

Na década de 1950, o pintor fixa-se na sua terra natal, dividindo o tempo entre a arte e o ensino. Faz viajar as suas obras por países como Espanha, Bélgica, Noruega e Brasil, em exposições individuais. Mas também, por vários anos, foi o representante de Portugal em exposições colectivas nas Bienais de Veneza, Ohio, Londres, Paris e São Paulo.

Diversificando as áreas dentro das artes gráficas, nos anos 1960, Resende interessa-se ainda por projectos de decoração e arquitectura, colaborando na decoração do Palácio da Justiça de Lisboa. Entretanto, no Porto, criou dois painéis cerâmicos para o Hospital de São João e ainda o gigantesco painel de azulejos "Ribeira Negra". Júlio Resende foi nomeado Membro da Academia Real das Ciências, Letras e Belas-Artes Belgas, em 1972, e em 1982 recebeu as insígnias de Comendador de Mérito Civil de Espanha atribuídas pelo Rei de Espanha. Em Portugal, foi distinguido com o Prémio AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte) em 1985. O seu espólio encontra-se reunido na Fundação Júlio Resende.



PESAR DA SPA

Numa nota de pesar, divulgada a 21 de Setembro, a Direcção e Administração da Sociedade Portuguesa de Autores lamentam o falecimento do grande pintor Júlio Resende, associado desta cooperativa desde Setembro de 1990.

"Júlio Resende, de 93 anos, foi um dos nomes mais importantes das artes plásticas portuguesas, com uma obra extensa, original e de excepcional qualidade, que será lembrada e celebrada pelas gerações futuras", refere o comunicado.

JOSÉ MANUEL OSÓRIO (1947-2011)

Fadista e Estudioso do Fado

O fadista e estudioso de fado José Manuel Osório, de 64 anos, morreu no dia 11 de Agosto, em Lisboa. Distinguido este ano com o Prémio Amália Rodrigues Ensaio/Divulgação, tinha-se destacado nos últimos anos como investigador do fado, tendo coordenado as colecções discográficas "Fados da Alvorada" e "Fados do Fado" na etiqueta da Movieplay Portuguesa. Osório receberia em Novembro aquele prémio, que, segundo o musicólogo Rui Vieira Nery, seria a sua consagração como investigador na área do fado.

O músico trabalhava recentemente numa pesquisa sobre a imprensa fadista e deixa pronto para publicar um texto de introdução à reedição do livro "O Fado e os seus censores", de Avelino de Sousa.

Para além do seu interesse pelo fado, tanto como intérprete, como investigador e divulgador, Osório tinha a paixão do teatro.

Com um percurso cívico combativo, José Manuel Osório "foi dos primeiros da sua geração a fazer a ponte entre o fado e o sector intelectual da oposição democrática", de acordo com Vieira Nery.

MARIA LÚCIA LEPECKI (1940-2011)

Brasileira defensora da Cultura Portuguesa

A escritora e ensaísta brasileira Maria Lúcia Lepecki, beneficiária da SPA desde Outubro de 1978, morreu no passado dia 24 de Julho, aos 71 anos, em Lisboa, vítima de cancro. Maria Lúcia Lepecki nasceu em Axará, no Estado de Minas Gerais, no Brasil, mas estava radicada há várias décadas em Portugal, sendo uma profunda conhecedora da literatura portuguesa.

Brasileira de nascimento e portuguesa por casamento, Maria Lúcia Lepecki estudou em Paris, foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e professora catedrática na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Baptista-Bastos referiu-se a Maria Lúcia Lepecki como uma "ensaísta notabilíssima e uma defensora da cultura portuguesa".

Colaborou em várias revistas e jornais portugueses e estrangeiros, sobretudo na área da literatura, como a Colóquio/Letras e o suplemento literário do Estado de São Paulo.

Em 2004, recebeu o prémio de ensaio literário da Associação Portuguesa de Escritores.

ANGÉLICO VIEIRA (1982-2011)

Sem tempo para viver

Angélico Vieira não teve tempo para viver e para concretizar todos os sonhos e projectos que começara a construir numa carreira, à partida, destinada ao êxito. Tanto na música como na representação tudo indicava que viria a ser uma figura de nome feito no jovem panorama cultural. Mas um trágico acidente de viação e a pressa de estar entre os seus fãs cortaram-lhe definitivamente o caminho. Ficou sem tempo para viver. Tinha apenas 28 anos, quando, na noite de 28 de Junho, expirou. Angélico Vieira, cantor e actor, era um dos ídolos de uma geração marcada pelo aparecimento da série "Morangos com Açúcar", que se celebrou na banda D ZRT. Simples e simpático, cativou todos os que com ele trabalharam e privaram. Pena que fosse por tão pouco tempo.

SPA lamenta a morte de jovem associado

A Sociedade Portuguesa de Autores lamentou o trágico desaparecimento do seu associado Angélico Vieira, vitimado pelo acidente rodoviário que a comunicação social amplamente noticiou.

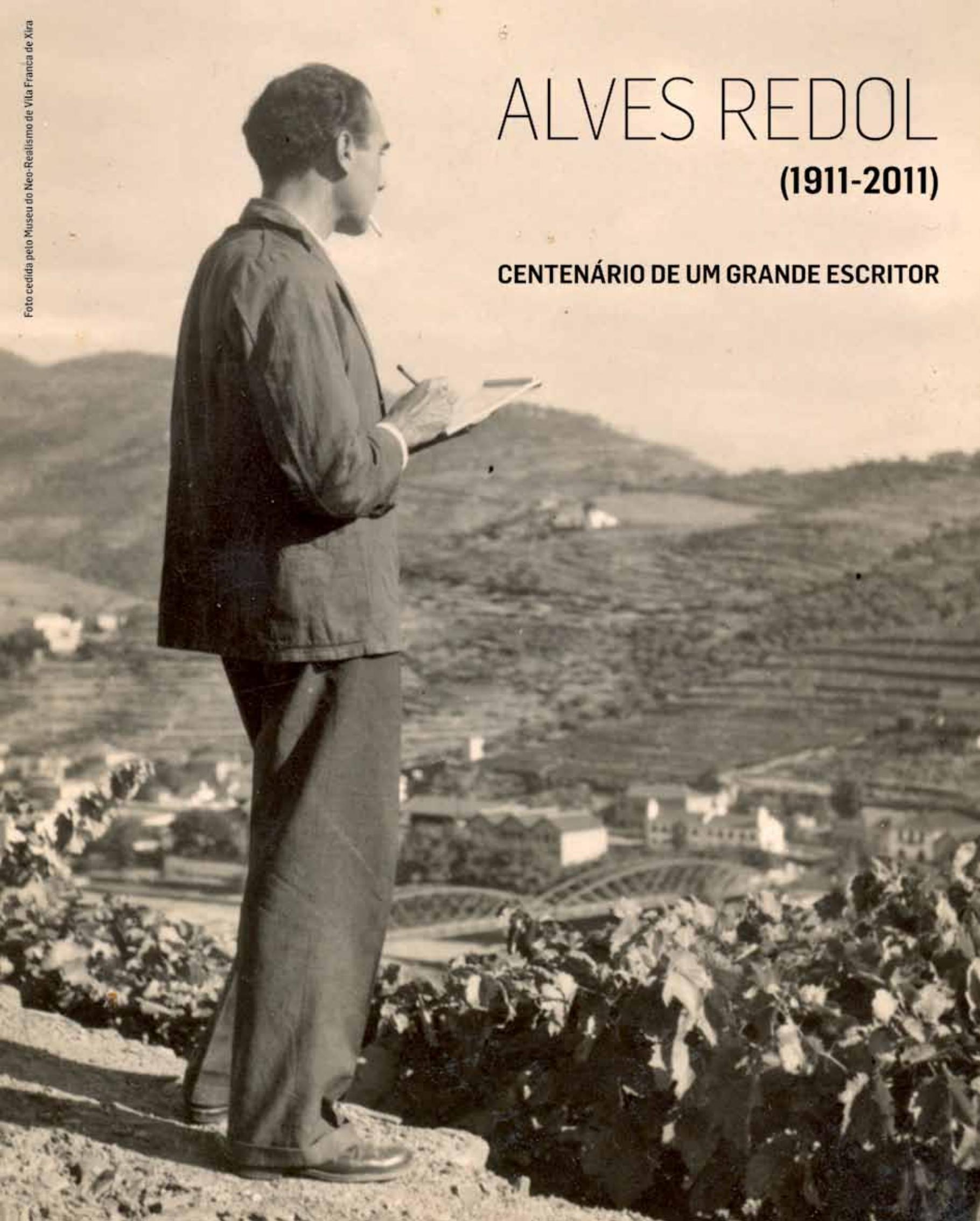
A nota de pesar do Conselho de Administração refere que "Angélico Vieira era associado da SPA desde Setembro de 2005, sendo um dos nomes representativos da nova geração de autores de texto e música que têm vindo a integrar-se na cooperativa que representa os criadores portugueses". "Mas se lamenta ainda o facto de o autor e intérprete agora desaparecido não ter chegado a assistir ao lançamento do seu segundo trabalho musical", acrescenta a nota datada de 29 de Junho.



ALVES REDOL

(1911-2011)

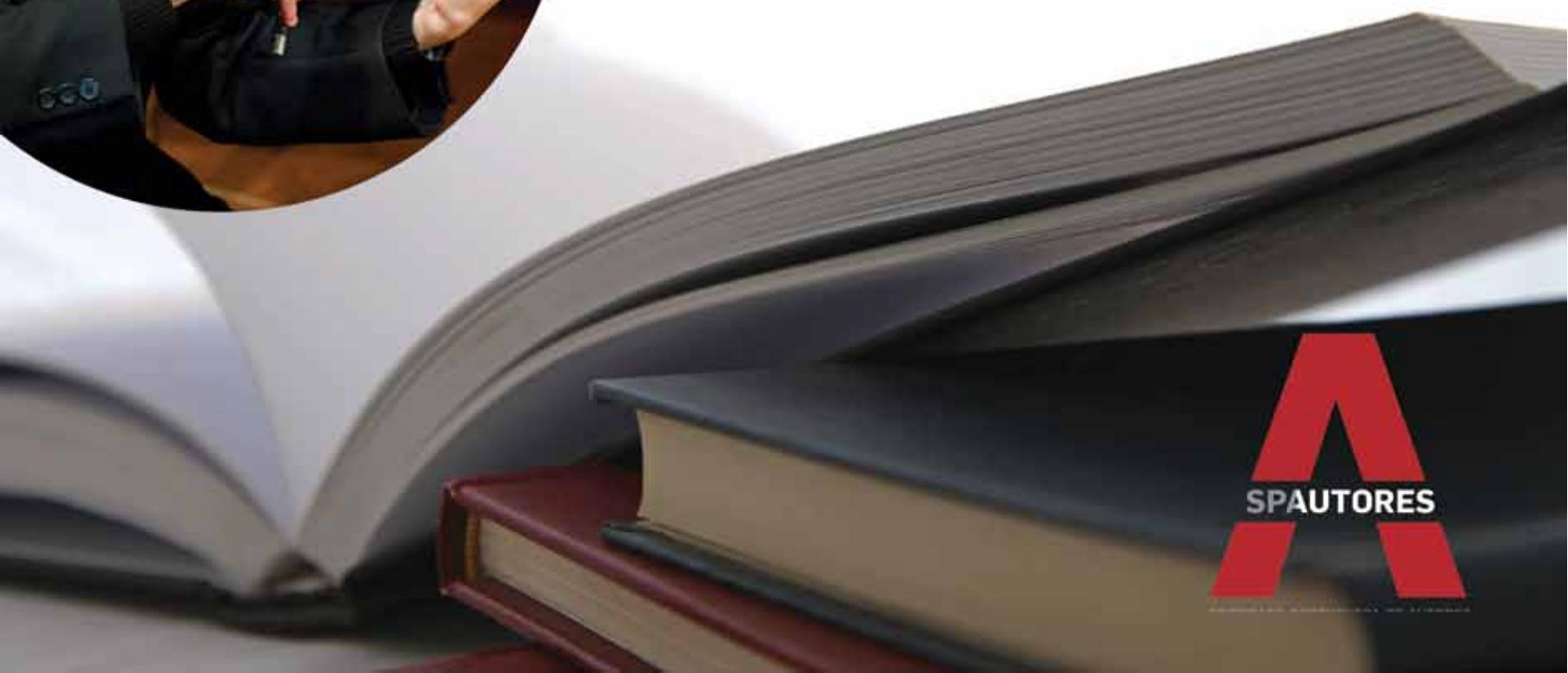
CENTENÁRIO DE UM GRANDE ESCRITOR





SEM AUTORES NÃO HÁ CULTURA

86 ANOS EM DEFESA DOS SEUS DIREITOS



SPAUTORES